FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – Rio de Janeiro
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS – PHPBC
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

COM A PALAVRA MATE COM ANGU

uma intervenção estética no município de Duque de Caxias

Maria José Motta Gouvêa

Rio de Janeiro
Setembro de 2007

COM A PALAVRA MATE COM ANGU

uma intervenção estética no município de Duque de Caxias

Maria José Motta Gouvêa

Dissertação de mestrado apresentada ao Mestrado Profissionalizante em História, Bens Culturais e Projetos Sociais do Centro de Pesquisa e Documentação Histórica da Fundação Getulio Vargas do Rio de Janeiro.

Orientação Acadêmica: Profa. Dra. Maria Celina Soares D'Araujo

Rio de Janeiro

Setembro de 2007

Ficha Catalográfica
Gouvêa, Maria José Motta
Com a Palavra Mate com Angu, *uma intervenção estética no município de Duque de Caxias*. Rio de Janeiro: FGV – CPDOC – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2007, 133 folhas.

Dissertação – Mestrado Profissionalizante em História Política, Bens Culturais e Projetos Sociais – Fundação Getúlio Vargas Rio de Janeiro. Pós-Graduação em HistóriaPolítica, Bens Culturais e Projetos Sociais – CPDOC, 2007.
1. Cineclube 2. Baixada Fluminense 3. Cidadania Cultural 4. Juventude

COM A PALAVRA MATE COM ANGU

uma intervenção estética no município de Duque de Caxias

Maria José Motta Gouvêa

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação histórica da Fundação Getúlio Vargas Rio de Janeiro, como obtenção do Grau de mestre.

Aprovada por

Profª Drª Maria Celina Soares D´Araujo (orientação)

Profº Drº Mario Grynszpan

Profª Drª Ilana Strozenberg

Agradecimentos

À Maria Celina Soares D'Araujo, orientadora serena e competente, pelo estímulo, confiança e por acolher meu tema de pesquisa.

Aos professores do curso de mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais, pelas aulas que tanto ampliaram e enriqueceram meus conhecimentos.

Aos colegas de turma, pelo convívio amigo e trocas incentivadoras.

À Direção Regional do SESC Rio de Janeiro pelo apoio e oportunidade de desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao meu grupo querido de trabalho da Gerência Socioeducativa do SESC Rio de Janeiro: Marise Andrade, Rejane Nóbrega, Renata Marchene e Vagner Amaro, pela cooperação e bom humor cotidianos e Simone Dutra pela generosidade e confiança.

Ao Heraldo Bezerra (HB), Igor Barradas, Fabiana Pimenta (Bia), Antônio Amaral (Cacau) e Márcio Bertoni, pelo vigor, entusiasmo e disponibilidade das entrevistas. E por me fazerem acreditar que ainda vale a pena sermos utópicos nesse mundo.

À Nina Bittar, pelo trabalho atento e cuidadoso das transcrições.

Aos meus pais, Djalma Motta e Darcy Mattos, pela formação humanística, pelo afeto e pelo estímulo aos estudos.

Ao Gabriel Motta de Gouvêa, filho amado e desejado, companheiro e amigo, pela maravilhosa, alegre e desafiante experiência da maternidade.

Ao Flavio de Gouvêa, pelo amor e cumplicidade....pela nossa vida que sustenta a minha existência.

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos [...]. É ao nível de cada tentativa que se avalia a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e *povo.*

Gilles Deleuze

Sejamos utópicos! Não! Não! Não somos o que consumimos! Somos maiores! Somos abraços, beijos e essa angústia que nos deixa inquietos. Somos a paixão avassaladora, o ódio e a ternura. Somos carne, vísceras, espírito, consciência e mistério. Somos onde o muito é pouco...

Cineclube Mate com Angu

Resumo

Nas sociedades contemporâneas a cidadania cultural é um tema a ser enfrentado ao lado da defesa por uma melhor qualidade de vida material, ambiental, econômica e social. Assim, o direito à liberdade de criação, informação, expressão da diversidade entre outros, apresentam-se como desafios e fundamentos para uma verdadeira democracia cultural.

O presente trabalho encontra-se inserido no campo dos estudos de novas práticas de cidadania exercidas particularmente por movimentos culturais. Nosso objeto de pesquisa foi o cineclube Mate com Angu, localizado na Baixada Fluminense.

Por meio de entrevistas temáticas, buscamos aferir como cinco integrantes do grupo formulam e realizam sua proposta de intervenção social e estética, e interagem com sua comunidade – Duque de Caxias – utilizando a linguagem audiovisual.

Os argumentos e as práticas do Mate com Angu revelaram que embora o compromisso central do grupo seja no campo estético, suas atividades trazem implicações também nos campos político e social, influenciando a vida e a cultura da comunidade caxiense. Desse modo constatamos que suas intervenções contribuem para a ampliação do conceito de cidadania, e particularmente para a construção dos direitos culturais.

Abstract

In the contemporary societies, the cultural citizenship is a theme to be faced close to a defense for a better material, environmental, economic and social life quality. Because of that, the right of liberty for creation, information, expression of diversity and others is showed as challenges and foundations for a truly cultural democracy.

The present work finds-itself inserted in new practices of citizenship's studies group, exercised particularly by cultural movements. Our object of research was the movie club "Mate com Angu", at the Baixada Fluminense, Rio de Janeiro.

Through thematic interviews, we tried to check how the five integrants of this group formulate and carry out their proposals of social and esthetic intervention, and how they interact with their community – Duque de Caxias, Rio de Janeiro – using the audiovisual language.

The Mate com Angu's arguments and practices showed that, although the group's central commitment is in the esthetic field; their activities bring implications in the politic and social fields as well, influencing the Duque de Caxias community's life and culture. So that, we established that their interventions helped for the concept of citizenship's enlargement, and particularly for the construction of cultural rights.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 10
ESTRUTURA DO TRABALHO..... 12
PARTE I
Capítulo 1. COM A PALAVRA: MATE COM ANGU 16
Capítulo 1.1. O Território 18
Baixada Fluminense – Município de Duque de Caxias
Capítulo 1.2. Cineclubismo 21
uma alternativa de resistência à massificação das imagens
Capítulo 1. 3. Mate com Angu – onde a merenda virou cinema..... 28
...para uma melhor digestão
PARTE II
Capítulo 2. CULTURA 43
uma breve revisão conceitual
Capítulo 2.1. Cultura: usos, aplicações e finalidades..... 49
Capítulo 2.2. Cultura da imagem 54
paradoxos e diálogos das imagens na experiência contemporânea
Capítulo 3. IDENTIDADE CULTURAL 59
Capítulo 3.1 O imaginário da baixada para o mundo 66
Capítulo 4. JUVENTUDE: APENAS UMA PALAVRA 75
mais que idade: atitude
PARTE III
Capítulo 5. CIDADANIA CULTURAL..... 82
Caminho para novos tempos, identidades e espaços sociais
CONSIDERAÇÕES FINAIS 93
ANEXOS 95
ANEXO A 96
Roteiro de Entrevistas
ANEXO B 97
Fotos e Programas do Cineclube Mate com Angu
ANEXO C 122
Filmografia Mate com Angu
ANEXO D 125
Associação de Cineclubes no Estado do Rio de Janeiro
ASCINE RJ
Cineclubes filiados por periodicidade e região
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 129
SÍTIOS CONSULTADOS 134

INTRODUÇÃO

É central em nossas sociedades não apenas a defesa de uma melhor qualidade de vida material, de desenvolvimento econômico, de superação da pobreza, de sustentabilidade ambiental, mas, também do direito à cultura e à cidadania cultural. Nas sociedades contemporâneas esse é um tema a ser enfrentado, como o direito à liberdade de criação, de participação social nos processos de decisão cultural, direito à informação e à expressão da diversidade como fundamento de uma verdadeira democracia cultural.

É com base nesses pressupostos que o presente trabalho tem por objetivo o estudo da construção de novas práticas de cidadania exercidas, particularmente, pelos movimentos culturais.

Trabalhando há mais de vinte anos em instituições (governamentais e não governamentais) nas áreas educativa e sociocultural, tenho a oportunidade de acompanhar e/ou coordenar projetos com base na cultura e na arte, particularmente voltados para crianças e jovens e para a formação de educadores. O que estas experiências têm demonstrado é o quanto os espaços onde, além do consumo, existe produção, criação e expressão de bens culturais, contribuem para a ampliação da vida pessoal e social, a partir das vivências e aprendizagens que a vida cultural proporciona, pela busca do conhecimento, do aprimoramento, do sentido de pertencimento e da capacidade de trocas simbólicas.

Em projetos recentes ligados a movimentos culturais, a maioria de jovens, que utilizam as mais diversas linguagens – música, dança, teatro, circo, grafite, audiovisual...- como um caminho de maior participação social, afirmação de identidades, comunicação e articulação de redes de fortalecimento local, conheci o cineclube Mate

com Angu, localizado em Duque de Caxias, Baixada Fluminense. A proposta do grupo em trabalhar com o audiovisual na Baixada, a dinâmica de produção e exibição de filmes, os textos produzidos para as exibições, o forte compromisso em projetar a vida cultural (e o imaginário) da Baixada para outros territórios, além da atuação intensa na vida social da região, foram as motivações que encontrei para essa pesquisa.

Apesar de terem adquirido importância na cena nacional nas últimas décadas, os movimentos culturais, ainda são absorvidos ou traduzidos, na nossa concepção com um certo equívoco, como ação social capaz de mudar, de forma salvacionista, os índices preocupantes de igualdade e exclusão. Uma visão que acaba por esvaziar o potencial político transformador da ação cultural, pois ela passa a ser tratada não como um direito, mas de forma preventiva, assistencial ou compensatória.

Neste sentido, é importante esclarecer que trabalhamos na perspectiva de identificarmos como o grupo pesquisado consegue escapar/superar as armadilhas do discurso da "inclusão social" – tão complexo em seu conceito e definição – e construir as bases para novas formas de participação política, social e cultural.

Nossa proposta é a de aferir, por meio de entrevistas temáticas, os argumentos e percepções de cinco integrantes do cineclube Mate com Angu, em relação aos fatores que possam revelar a emergência de novas práticas de cidadania, por meio da intervenção estética[1] em sua comunidade utilizando a linguagem audiovisual. Além de produzir

[1] Para os limites deste trabalho, consideraremos o conceito de estética apresentado pelo *"Dicionário SESC- A linguagem da cultura"* (2003): "Como categoria de análise das produções artísticas, o termo foi empregado, pela primeira vez por Alexander Gottlieb Bumgarten, definindo-o como ciência do conhecimento sensitivo ou da sensibilidade, incluindo-se nela o conhecimento do Belo. Diferenciava-se então da ciência do conhecimento abstrato, reflexivo, conceitual. (...) A ela caberia elevar a vivência sensível à dignidade do conhecimento abstrato, servindo de mediadora entre os extremos materiais e imateriais. Ao ordenar os elementos da sensibilidade, tornando-os mais claros e distintos, permitiria que a razão melhor se pronunciasse sobre o mundo das sensações".

fontes de narrativas orais sobre o que pensam acerca dos temas da pesquisa, ou seja: cultura, cidadania e identidade. Também esperamos contribuir para a construção da memória do grupo.

ESTRUTURA DO TRABALHO

Organizamos o trabalho em três partes com cinco capítulos ao todo Optamos por apresentar trechos dos depoimentos entrelaçados às referências teóricas por entendermos que essa "costura" permitirá uma compreensão mais aproximada da intensidade das narrativas e conseqüentemente das idéias dos entrevistados. Nossa participação em algumas exibições e as leituras dos textos dos programas das sessões complementou e ampliou o entendimento sobre o funcionamento do grupo.

Começamos no primeiro capítulo contextualizando o universo do grupo pesquisado, ou seja: o município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense e o cineclube. A partir de uma pesquisa no sítio virtual da Prefeitura, particularmente dos textos do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias, alguns dados nos ajudam a localizar o território de origem e atuação do grupo. O cineclube é a atividade que adotaram para interferir culturalmente no município. Além de exibir, também produzem e pesquisam novas estéticas para a linguagem do cinema. Um panorama da trajetória do cineclube no Brasil e algumas reflexões mais recentes a partir da retomada da atividade no início dos anos 2000 têm como referência o trabalho de Débora Brutuce (2003). Terminamos o capítulo apresentando um perfil de nossos entrevistados.

No segundo capítulo o tema é a cultura. Procuramos fazer uma breve revisão sobre a construção do conceito de cultura, particularmente a partir dos trabalhos de Denys Cuche (2002), Roque

de Barros Laraia (1993) e Clifford Geertz (1989) para em seguida trazer a contribuição da UNESCO na implementação de estudos e pesquisas, produção de documentos e criação de agendas que colocam a cultura e o desenvolvimento no centro do debate.

Por sua influência no campo das políticas públicas para o setor cultural, em diversos países, inclusive o Brasil, consideramos que seus documentos influenciam as novas configurações dos direitos culturais, bem como os usos, aplicações e finalidades da cultura na contemporaneidade. Aproximando essas referências aos países latino-americanos, Nestor Canclini (1997), nos fala da cultura a partir da mistura entre o popular e o erudito, o global, o regional e o local, o rural e o urbano e cruzamentos étnicos, resgatando o que chama de "hibridização cultural", problematizando essa especificidade na América Latina. George Yúdice (2004) que também como Canclini se dedica aos estudos culturais de nosso tempo, discute a cultura como um recurso para investimentos e como instrumento para uma variedade de propósitos sóciopolíticos e econômicos. Ao final do segundo capítulo, e para uma abordagem mais específica da atividade do Mate com Angu, fazemos uma reflexão sobre a função e utilização do audiovisual, como uma linguagem da cultura, ou seja a cultura da imagem. Para essa reflexão contamos com as idéias de Solange Jobim e Souza (2000), e Martine Joly (1996).

A identidade cultural é a abordagem do terceiro capítulo, onde nossas referências encontram-se ancoradas, principalmente, na produção teórica de Nestor Canclini (2003), Zigmund Bauman (1995), Milton Santos (2001 e 2002) e Stuart Hall (1999) para pensarmos a construção das identidades na contemporaneidade, numa perspectiva histórica, desnaturalizada e relativizada. Procurando entender como seu reconhecimento se opera na esfera cotidiana, ou seja, em contato com o outro, com o diferente em um

cenário social cada vez mais marcado por significativas diferenças e desigualdades pessoais e coletivas.

A partir dessas referências e pressupostos nosso olhar recai sobre a experiência do grupo pesquisado, mais especificamente em suas narrativas que revelam o compromisso de afirmação da "identidade caxiense" problematizando o lugar de estigmas e "periférico" que se investe sobre a Baixada Fluminense.

Ainda que não seja uma categoria central de constituição do Mate com Angu, dedicamos o quarto capítulo ao tema da juventude por considerarmos que ele traz contribuições relevantes para uma melhor compreensão da "experiência geracional em comum", levando em conta suas condições materiais, sociais e históricas, nos auxiliando na interpretação dos valores e atitudes dessa experiência, e para além dos limites de uma condição etária. Regina Novaes (2005), Helena Abramo (2005) e Maria Rita Kehl (2004) são nossas principais referências neste capítulo.

Finalmente, no último e quinto capítulo a cidadania cultural é discutida a partir dos trabalhos de Ana Maria Quiroga (2002), Evelina Dagnino (2004), José Murilo de Carvalho (2005), Maria Virgínia Freitas (2002), Flávia Piovesam (2002) e novamente de George Yúdice (2004), na perspectiva de procurarmos compreender a condição de cidadania hoje onde novas formas de sociabilidade criam novas demandas e fazem emergir novos direitos. E, dentre eles os direitos culturais, que ganha centralidade com o debate em torno do direito à diferença, à diversidade cultural e com políticas de inclusão social. As narrativas do grupo nos ajudam nesse capítulo a entender como, a partir do compromisso de intervenção social e estética, podemos reconhecer nesta experiência a emergência de novas

práticas de cidadania e a construção e defesa de novos direitos no campo da cultura.

Ressaltamos mais uma vez, que nosso esforço foi no sentido de buscar as referências teóricas que pudessem ser complementadas às narrativas de nossos entrevistados, e vice-versa. Muitas vezes esse esforço não se dá de forma linear ou conclusiva. Acreditamos que essa condição é em si o reflexo dos temas que trouxemos para a nossa pesquisa: cultura, identidade e cidadania, são conceitos em constante construção, com avanços e recuos, experimentações e redefinições.

I. COM A PALAVRA: MATE COM ANGU

Tendo por objetivo estudar e analisar as novas práticas de cidadania exercidas por movimentos culturais a partir das relações existentes entre *cultura, identidade e cidadania*, trazemos como objeto de estudo as entrevistas realizadas com o movimento cineclubista "Mate com Angu". Por meio das entrevistas procuramos aferir como os integrantes desse grupo cultural argumentam e se percebem em relação aos fatores que possam revelar a emergência de novas práticas de cidadania pelo caminho da cultura.

Foram realizadas cinco entrevistas com representantes do grupo selecionados a partir de critérios como: função e tempo no grupo, participação efetiva nas discussões a cerca das atividades, escolaridade e atividades paralelas, e mais quatro com pessoas que participam das exibições, como público assistente, produtores ou cineastas que apresentam seus filmes.

Para tanto, utilizamos a metodologia da História Oral como fonte de pesquisa por acreditarmos que ela como afirma Verena Alberti

> *(...) é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. Nesse sentido, ela está afinada com as novas pesquisas nas ciências humanas, que reconhecem as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado.*
>
> (ALBERTI, 2005:164)

E ainda, pela possibilidade de constituição da memória do grupo que o trabalho de História Oral permite, pois seu resultado é um trabalho de organização e seleção do que é importante para a unidade e coerência, contribuindo assim para a construção da sua identidade. (ALBERTI, ibidem: 167)

Os critérios que nos levaram a escolher o Mate com Angu relacionam-se às seguintes questões: não se constituírem como um grupo organizado do ponto de vista jurídico – ONG, OSCIP, fundação ou similares; atuarem numa perspectiva que, embora local, se articula por diferentes territórios, realizando exibições, oficinas e parcerias que estimulam a criação de uma rede que tem a linguagem audiovisual como um meio de expressão e comunicação.

Realizadas entre os meses de novembro e dezembro de 2006 e totalizando doze horas as entrevistas foram temáticas, com o objetivo de por meio das narrativas, descobrir as idéias, motivações e percepções dos entrevistados acerca do tema da pesquisa e sua possível articulação com o trabalho desenvolvido pelo grupo. No roteiro[2], priorizamos questões que pudessem contribuir para a observação e descoberta das práticas de organização e processos que mostrem como o grupo foi constituído, com que objetivo, como atuam, o que pensam sobre a linguagem que experimentam e produzem, como se percebem como movimento artístico cultural e os desdobramentos de suas atividades para ampliação das práticas de cidadania.

Contextualizar o "universo" que constitui o Mate com Angu: o Município de Duque de Caxias e a prática do Cineclube nos parecem ser uma boa porta de entrada para apresentar o presente trabalho.

[2] Ver anexo

I. 1. 1. O Território

Baixada Fluminense – Município de Duque de Caxias

Os limites de Duque de Caxias estendem-se, atualmente, aos municípios de Miguel Pereira, Petrópolis, Magé, Rio de Janeiro, São João de Meriti e Nova Iguaçu. São quatro suas bacias hidrográficas principais: Iguaçu, Meriti, Sarapuí e Estrela.

O povoamento da região data do século XVI, impulsionado pelo cultivo da cana de açúcar, quando foram doadas sesmarias da Capitania do Rio de Janeiro. Além da cana, o milho, o feijão e o arroz foram também importantes nesse período. Foi grande o progresso da região, denominada Meriti, até o século XIX, como no ciclo da mineração, tornando-se local de passagem obrigatória àqueles que iam ou retornavam das minas ou como ponto de abastecimento de tropeiros, transbordo e trânsito de mercadorias.

A devastação das suas matas trouxe para a região a insalubridade, com a criação de pântanos e a propagação de febres, afastando a população por muitas décadas.

Em meados do século XIX, Meriti representava apenas um porto de escoamento de poucos produtos, dentre os quais a lenha e o carvão vegetal. Sua recuperação começou com o advento da estrada de ferro quando, sob a égide da "maria-fumaça", fez surgir estações e novos povoados que se transformariam em populosas cidades. Porém, a Baixada continuaria a sofrer com a falta de saneamento, fator que freava seu progresso.

No início do século XX, as terras da Baixada serviam para aliviar as pressões demográficas da Cidade do Rio de Janeiro, já prenunciadas no "Bota Baixo" do prefeito Pereira Passos. Os dados

estatísticos revelam que em 1910, a população era de 800 pessoas, passando em 1920, para 2920. O rápido crescimento populacional provocou o fracionamento e loteamento das antigas propriedades rurais, naquele momento, improdutivas.

Por conta do grande desenvolvimento pelo qual passava Meriti foi proposta a criação do Distrito de Caxias, elevando o local à 8o Distrito de Iguaçu.

Os anos de 1940 encontraram o distrito com uma população que já atingia a casa dos 100.000 habitantes. Apresentando dessa forma as características de "dormitório", pois, a população concentrava sua atividade profissional no Distrito Federal.

Em 1943, foi criado o Município de Duque de Caxias. Porém, somente em 1947, foi eleito o primeiro prefeito por voto popular, tendo a Câmara Municipal sido instalada no mesmo ano[3].

Segundo pesquisa do IBGE[4] Duque de Caxias possui 842.890 habitantes, divididos em 40 bairros e quatro distritos: Duque de Caxias, Imbariê, Capivari e Xerém. Suas principais atividades econômicas são a indústria e o comércio. Existem cerca de 700 indústrias e 10 mil estabelecimentos comerciais instalados no município.

[3] Sítio da Prefeitura de Duque de Caxias consultado: **www.duquedecaxias.rj.gov.br**

[4] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **www.ibge.org.br**

O município registra o sexto maior PIB (Produto Interno Bruto 1999 - 2002) de R$ 14,06 bilhões no ranking nacional e o segundo maior do Estado do Rio de Janeiro. A cidade ocupa o segundo lugar no ranking de arrecadação de ICMS do Estado, perdendo somente para a capital.

A taxa de analfabetismo é de 8%.Duque de Caxias possui 149 escolas, sendo 14 creches e cinco Portais do Crescimento, creches que atuam contra a desnutrição infantil. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH 2000) do município é 0,753 colocando-o em 52° lugar na classificação do estado do Rio de Janeiro.

Os equipamentos culturais do município concentram-se no centro de seu primeiro distrito – Duque de Caxias. São cinco salas de cinema: duas no Shopping Unigranrio e três no Cine Santa Rosa. Três teatros: um do Serviço Social da Indústria (SESI), o Teatro Armando Melo, no Shopping Caxias (Centro Comercial) e o da Prefeitura Teatro Raul Cortez.

Existem três instituições acadêmicas que atuam na região: a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, (FEBF) ligada à Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a Fundação Educacional de Duque de Caxias (FEUDUC) e a Universidade Grande Rio (UNIGRANRIO).

A Escola de Samba Grande Rio, embora tenha projeção por participar do primeiro grupo nos desfiles de carnaval na Passarela do Samba (Sambódromo) não aparece nas entrevistas como um espaço importante de participação popular na comunidade.

I. 1. 2. Cineclubismo

uma alternativa de resistência à massificação das imagens

O movimento cineclubista nasce como uma iniciativa que propõe uma nova forma de se relacionar com o cinema de forma reflexiva e coletiva, com a exibição de filmes fora do sistema comercial. Essa dado de origem pode ser encontrado em diferentes registros históricos sobre o movimento cineclubista no mundo. Para o contexto dessa pesquisa, nos deteremos na trajetória brasileira, com base, primeiramente, no artigo "Cineclubismo no Brasil. Esboço de uma história" de Débora Brutuce (2003).

O cineclubismo brasileiro começa com a criação no Rio de Janeiro do Chaplin Club quando, em 1929 as exibições e discussões de filmes passam a ser sistemáticas e ganham repercussão no meio cultural da cidade, embora nessa primeira fase, ainda se restringisse a um pequeno grupo de intelectuais. Em São Paulo, o movimento chega em 1940 quando um grupo de acadêmicos da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo cria o Clube de Cinema. Em meio a grande efervescência cultural que ocorria na capital paulista, o movimento chamará atenção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) criado pelo Estado Novo que proibirá as exibições.

Com o fim do Estado Novo em 1946 o Clube de Cinema retoma suas atividades incentivando a criação de uma série de cineclubes pelo país, caracterizando-se, de fato, como um movimento. Dois fatos foram marcantes para a ampliação e consolidação desse movimento: a união, em 1949 do Clube de Cinema de São Paulo ao Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, transformado em Filmoteca (mais tarde Cinemateca Brasileira) e a realização da "Primeira Retrospectiva do Cinema Brasileiro" organizada em 1952 pela Filmoteca do MAM, em São Paulo.

Um outro dado curioso que concorreu para ampliação do movimento foi a criação pela Ação Católica Brasileira, ligada à igreja, do Serviço de Informações Cinematográficas com o objetivo de avaliar e divulgar boletins avaliando moralmente os filmes exibidos no pais. Com uma vertente claramente ideológica a igreja promoveu até o inicio dos anos de 1960 uma atividade cineclubista mobilizando recursos e expandindo suas atividades por meio da publicação de livros, promoção de cursos e formação de equipes para a difusão de suas idéias e seu modo de organização. Porém, como afirma Debora Butruce,

> *Apesar de todo esse empreendimento, a postura extremamente conservadora da Ação Católica Brasileira não possibilitou nenhum tipo de discussão mais consistente em torno da atividade cultural no país, limitando o enfoque à difusão de uma ideologia. (BUTRUCE, 117;2003).*

O período que se segue após a ampliação do movimento é o de organização de entidades como o Centro de Cineclubes em São Paulo que desde a sua criação em 1956, até meados da década de 1970 auxiliando na distribuição de filmes, organizando mostras e promovendo cursos teve fundamental importância para a atividade cineclubista, incentivando inclusive a criação da Fundação de Cineclubes no Rio de Janeiro em 1958, além de iniciativas similares nas diversas regiões do Brasil. Assim, a atividade cineclubista foi se destacando, apesar de se manter fora do circuito comercial de exibição de filmes, e possibilitando a circulação de títulos fora do mercado.

Na década de 1960 o movimento assume um caráter político, acompanhando o ritmo de algumas manifestações culturais do período, como forma de se alcançar uma feição mais popular. Esse é o período de uma grande renovação nas artes, em especial no teatro, na música e no cinema com a criação do grupo do Cinema Novo.

Com a ditadura o movimento cineclubista, como toda manifestação cultural com teor democrático, sofreu as conseqüências do recrudescimento político e suas entidades foram fechadas, afetando a relação dos cineclubes com os demais setores da atividade cinematográfica do país além do que ressalta Butruce:

> *O movimento que apontava para a lenta superação de seu elitismo rompe bruscamente seu contato com o cinema. Estando ambos quase destruídos e desorganizados, partem para direções supostamente antagônicas, um se volta essencialmente para a relação com o público, e o outro para o mercado, demonstrando uma atitude cada vez menos cultural.* (*Ibdem, 121*)

Retomando suas atividades no início da década de 1970, já em um novo contexto político-social, o cineclube renova sua linguagem e temáticas, procurando uma maior aproximação com o público e privilegiando a exibição de filmes brasileiros em defesa das produções nacionais. É um período de forte engajamento político e as atividades culturais eram marcadamente de referência popular. É nesse momento que o cineclube amplia seus espaços para além das escolas e universidades e começa a desenvolver suas atividades em sindicatos e associações.

Os ventos trazidos pela Nova República em meados da década de 1980 mudam a função das atividades cineclubistas até então voltadas para ações político-culturais. É uma nova fase, caracterizada por ações de compromisso mais cultural do que político, uma vez que a normalidade democrática havia se instalado no país. Foi também um período de maior investimento na profissionalização e em salas com equipamento em 35mm, já que as películas em 16mm estavam escassas. Nessa época foram inaugurados os cineclubes Bexiga (SP) e Estação Botafogo (RJ), entre outros.

O início dos anos 1990 foi marcado pelo abatimento do setor cultural no país devido à falta de políticas públicas e de incentivos e recursos para produções em todas as áreas, em especial a cinematográfica. Assim, além da quase extinção de produção de filmes, muitos cineclubes e suas entidades representativas foram fechados. Algumas poucas atividades ainda aconteceriam nesse período, restritas ao circuito universitário ou a centros culturais que dirigiam suas exibições voltadas para um público específico e reduzido. (BUTRUCE; 2003)

É no Rio de Janeiro que o cineclube renasce com toda força nos primeiros anos de 2000, embora várias iniciativas possam ser identificadas em todo o Brasil nessa época. Destacam-se como os primeiros a participarem dessa retomada no Rio de Janeiro, o "Cachaça Cinema Clube, organizado por estudantes de cinema da Universidade Federal Fluminense; o Cineclube Digital, sob o comando do cineasta Walter Lima Jr.; a Sessão Cineclube, organizada pela revista eletrônica de cinema Contracampo; o Tela Brasilis, também iniciativa de uma revista eletrônica, a Cinestesia; e o cineclube da ABD". (Ibdem, BUTRUCE)

Como todo movimento que se desenvolve de forma alternativa, o cineclubismo passou por diferentes períodos da história política, social e cultural do país adquirindo em cada contexto uma tonalidade. Porém, podemos identificar em todos os tempos e lugares aquilo que caracteriza por princípio o cineclube que é o da produção, exibição e circulação audiovisual não conduzida pelo mercado ou pelo lucro e pelo compromisso em mediar democraticamente a relação entre público e a obra cinematográfica criando assim um espaço de livre expressão, intercâmbio cultural, participação e educação da sensibilidade estética. Por outro lado, a expansão dessa atividade e sua consolidação vêm exigindo cada vez mais que seus organizadores se profissionalizem e se articulem criando redes que fortaleçam a difusão da prática cineclubista como uma alternativa legítima não só de consumo, mas também de produção da linguagem audiovisual tão presente no mundo contemporâneo, além de ser um potencial mercado de trabalho.

Três características são fundamentais para a constituição de cineclubes e encontram-se consagradas na legislação da maioria dos países:

- *Não ter fins lucrativos* – no Brasil, desde o final dos anos 60, com a Lei 5536 (de 21/11/68) e, mais tarde, com as conquistas obtidas pelo movimento cineclubista organizado, com a Resolução nº 30 do CONCINE[5], os cineclubes são considerados "associações culturais sem fins lucrativos".

[5] Criado pelo decreto n 77.299, de 16 de março de 1976, o Conselho Nacional de Cinema é um órgão de orientação normativa e fiscalização das atividades relativas a cinema, ligado ao Ministério da Educação e Cultura. CONCINE **www.ancine.gov.br**

- *Ter uma estrutura democrática* – os responsáveis pela orientação de um cineclube são necessariamente eleitos numa busca pela prática democrática e representativa como forma mesmo de organização.

- *Ter compromisso cultural e ético* – apesar de menos objetiva e de variar conforme a orientação de seus grupos ou entidades, é essa característica que, segundo Felipe Macedo, "imprime direção à base organizacional definida pelas outras duas 'regras' e o que dá conteúdo e objetivo, atualidade e personalidade ao trabalho do cineclube". (MACEDO;2004, www.utopia.com.br/cineclube)

Por sua trajetória e características, podemos identificar a atividade cineclubista como um movimento com grande capacidade de mobilização social e fomentador da formação de valores e transformação cultural. Uma ação provocativa e difusora de estéticas que contribuem para a construção de novos significados sobre as relações e visões que o indivíduo tem de si mesmo, do outro e do mundo. Entendemos como essa contribuição é vivenciada, pelo compromisso em ser um espaço democrático de difusão da pluralidade cinematográfica, fora do circuito comercial e, portanto, livre das pressões do mercado, projetando obras que não teriam lugar ou seriam exibidas em circuitos restritos. Neste sentido, é também um caminho de escoamento e circulação dessas produções, além de popularizar a atividade cinematográfica tornando-se uma opção acessível a uma parcela da população.

Essa capacidade de mobilização tem impulsionado a rearticulação das atividades cineclubistas por meio de seus órgãos representativos. Nos últimos anos, o Conselho Nacional de Cineclubes

(CNC)[6] tem organizado encontros objetivando a criação de redes que divulguem e fortaleçam a atividade, seus princípios e compromissos, e participação nas políticas públicas para o setor audiovisual. O Mate com Angu tem participado de forma efetiva desses encontros desde a 24ª Jornada de Rearticulação Cineclubista, durante o festival de Brasília, em 2003, com o intuito de criar a CNC, para representar a classe junto aos órgãos estatais e à iniciativa privada.

Particularmente no Rio de Janeiro, os cineclubes têm ocupado a cena cultural de maneira bastante vigorosa, ganhando espaços e conquistando diferentes platéias. São iniciativas que, por sua capilaridade, avançam por territórios onde antes não estavam presentes, como nos municípios de Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Iguaçu e Japeri[7], por exemplo. Sem dúvida essa capilaridade, tornando possível a realização de projeções itinerantes e as produções audiovisuais independentes, é uma realidade que se deve principalmente a apropriação, cada vez maior, das novas tecnologias digitais, permitindo que mais pessoas tornem-se usuárias. Sobre esse "fenômeno" audiovisual e seus desdobramentos na sociedade, Luis Eduardo Tavares em seu artigo "Cineclubes como expressão da diversidade", nos fala que:

Nos dias de hoje, grandes possibilidades para a democratização dos meios de comunicação se abrem pela viabilidade que as tecnologias contemporâneas oferecem a apropriações e destinações coletivas e comunitárias. Ao dispor desses recursos comunicativos, grupos e associações de diferentes localidades podem melhor interagir uns com os outros e intervirem em suas comunidades. As atividades cinematográficas

[6] O Conselho Nacional de Cineclubes do Brasil (CNC) é membro da Fédération Internacional de Cine-Clubs e é representado em alguns estados pela Associação de Cineclubes (ASCINE) **www.utopia.com.br**

[7] Ver em anexo, relação dos cineclubes localizados no estado Rio de Janeiro e que fazem parte da Associação de Cineclubes (ASCINE RJ).

alternativas, por sua vez, são capazes de contribuir para mobilização e sensibilização de consciências e criar um caldo de cultura para mudanças comportamentais e culturais.
(TAVARES;2006, www.polis.org.br)

O cineclube Mate com Angu é uma experiência que nos revela como a afirmativa acima se opera, ganha concretude e intervém na vida cultural da Baixada Fluminense. No texto em que apresenta o programa da sessão[8] de exibição do filme "Beijo 2348/72"[9], com o título "Mate-Experiência", podemos identificar como o grupo busca mobilizar o público para a experiência cineclubista, neste período de retomada do movimento e início das atividades do grupo em Duque de Caxias:

(...) O que começou apenas como uma vontade imensa de matar uma fome nostálgica de um tempo que nunca vivemos, se transformou em modernidade. Resistência real às imagens massificadas que nos impregnam, que nos sufocam em nosso dia-a-dia urbano caótico (...). Mas o que mais nos surpreendeu, de fato, foi perceber a incrível demanda que há no público por imagens que fogem dos selos corporativos, por imagens que conversem mais abertamente com o tempo atual. Imagens que busquem outras formas de contar histórias.
(Mate com Angu, novembro, 2003)

I. 1. 3. Mate com Angu – onde a merenda virou cinema

...para uma melhor digestão

O Mate com Angu é um movimento de moradores do município de Duque de Caxias (Baixada Fluminense) que utilizando a linguagem audiovisual, coordena as ações de um cineclube neste município desde 2002. Promovendo debates e pesquisas, produz cinema e

[8] Inserimos alguns desses textos procurando contextualizar as análises das entrevistas. Nos anexos encontram-se os programas completos.

[9] Direção de Walter Rogério. Duração 100min. Brasil. 1994

circula seu trabalho por diferentes espaços, também fora da Baixada. A característica marcante do grupo é o forte compromisso com as questões sociais e culturais que envolvem essa região, onde realizam mensalmente sessões de cinema na Sociedade Musical Lira de Ouro[10] e no Instituto Histórico de Caxias[11]. Obteve seis premiações pelo seu trabalho na produção de curtas metragens e, foi um dos dez projetos contemplados com o Prêmio Cultura Nota Dez em 2005, pela UNESCO e Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Em sua ficha de filiação ao Conselho Nacional de Cineclubes (CNC) consta que

> *O Cineclube Mate Com Angu nasceu da necessidade de alimentar na Baixada Fluminense uma movimentação e uma discussão sobre a produção/exibição de imagens e suas implicações sociais e estéticas na realidade e no modo de vida da região.*
> *Desmistificar o fazer cinematográfico, proporcionar ao público a experiência lúdica de uma exibição cinematográfica e dar-lhe uma contribuição mínima de dignidade e respeito.*
> *Se você sente essas coisas na carne, entre em contato!*
> *Cultura para uma melhor digestão.*
> (www.cnc.utopia.com.br)

É basicamente essa a forma com que os integrantes do Mate com Angu apresentam seu trabalho: um movimento cineclubista que pretende intervir "social e esteticamente" na vida cultural da Baixada Fluminense e, em particular no município de Duque de Caxias.

---

[10] A Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro foi fundada em 1957. Localizada no centro de Duque de Caxias, desde outubro de 2006 a entidade, atualmente também é um Ponto de Cultura - ação do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura – www.cultura.gov.br

[11] Criado em 31 de janeiro de 1973, o Instituto Histórico é um órgão anexo à Câmara Municipal de Duque de Caxias. Seu acervo é composto por cerca de seis mil reproduções fotográficas, mil documentos, seiscentos livros/periódicos, mil e setecentos jornais e oitenta e cinco quadros que contam a história do município e da Baixada Fluminense. Fonte www.cmdc.rj.gov.br/

Mas quem são eles? Apresentamos a seguir um breve perfil dos entrevistados para, em seguida conhecermos suas idéias, pelas narrativas empreendidas nas entrevistas, acerca dos temas que trazemos para essa pesquisa.

Heraldo Bezerra, conhecido como **HB**, nasceu e reside em Duque de Caxias, tem trinta e quatro anos. Filho de imigrantes nordestinos cursou até o sexto período da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). As influências na sua formação são o Taoísmo, a literatura de clássicos como Guimarães Rosa, a filatelia, o cinema, a música em especial a popular brasileira e o movimento pernambucano *Mangue Beat*, além do universo da *web*. Sua trajetória inclui atividades como professor voluntário do pré-vestibular comunitário da Baixada, criador do sítio *Baixada On* (atualmente desativado) e da Rádio Comunitária *Quarup*, animador cultural do Centro Integrado de Educação Popular (CIEP) em Duque de Caxias e músico/compositor. Além de participar do Mate com Angu, do qual é fundador, organiza e elabora os textos das sessões de exibição de filmes, produz curtas metragens e trabalha como free lancer em conteúdo de sítios para a Internet e em produções culturais.

Durante a entrevista demonstrou ser um grande conhecedor da Baixada Fluminense e da história do município de Duque de Caxias. Com um domínio singular em seu discurso, fala com paixão e assertividade de temas como a identidade do caxiense, os movimentos culturais e políticos da Baixada, e de seu compromisso com práticas que transformem o cotidiano dos moradores da região por meio da cultura e da educação. Podemos identificá-lo e apresentá-lo como o legítimo "guardião da memória" [12] do Mate com

12 Para melhor definir o termo guardião da memória recorremos ao texto que segue: "O guardião ou mediador, como também é chamado, tem como função primordial ser um "narrador privilegiado"da

Angu. Sua narrativa, pontuada por citações de pensadores ou escritores literários, evidencia um orador articulado, um intelectual que possui a capacidade de colocar em prática suas idéias, analisá-las e criticá-las, sempre por meio do diálogo vigoroso com as pessoas e suas leituras.

Igor Barradas, como HB nasceu e reside em Duque de Caxias (Jardim Primavera), tem vinte e oito anos. Cursou o segundo grau na Escola Técnica de Comunicação e Marketing e atualmente faz o curso de roteiro na Escola Darcy Ribeiro de Cinema. Teve forte influência da televisão, vídeos e filmes de suspense e ficção científica, da leitura de enciclopédias e da obra de Machado de Assis, da música em especial do grupo Legião Urbana e de sua família "musical". Trabalhou em locadora de vídeo, em duas produtoras de cinema e na produção do Festival de Cinema do Rio (1997) até dirigir seus filmes: *Jardim Primavera* e *Lá no fim do mundo* esses dois sobre Duque de Caxias. Trabalha na produtora Abaeté de filmes socioambientais. É um dos fundadores do Mate com Angu onde dirige, produz curtas e elabora os textos das sessões temáticas.

A relação afetiva com Duque de Caxias é uma das marcas mais evidentes no perfil de Igor, em grande parte por influência da família participante de movimentos culturais no bairro Jardim Primavera. É recorrente em sua fala citar a Baixada como auto-referência para seus processos de criação da linguagem cinematográfica. O que pode ser constatado em seus filmes. Tem o audiovisual como expressão mais importante de suas idéias, mas podemos perceber pelos textos

---

história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda/possui as "marcas"do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos ou mortos), quanto porque é o "colecionador" dos objetos materiais que encerram aquela memória (...) sejam documentos, fotos (...)" GOMES, Ângela de Castro. *A guardiã da memória*. Acervo – Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v.9 n 1/2, p. 17-30, jan/dez 1996.

que escreve, em companhia de HB, que possui uma forma criativa, peculiar e contundente de expressá-las por meio da palavra escrita. Demonstra uma preocupação em investir nos projetos educativos de audiovisual junto às escolas. Questão que aparece nas falas de todos os entrevistados.

Antonio Carlos Amaral, também conhecido como **Cacau.** Como HB e Igor, nasceu e vive até hoje em Duque de Caxias. Tem trinta e quatro anos e completou o segundo grau. Cursa direção na Escola Darcy Ribeiro de Cinema e têm por influência os movimentos *Punk*, *Rap* e *Hip Hop* e a literatura de autores, segundo diz, "marginais" ou pouco conhecidos, como Alessandro Buzo autor de *Suburbano Convicto*. E ainda o cinema e a música, sua maior inspiração. Já trabalhou em oficina mecânica, serviu o exército, foi iluminador de teatro, *rapper* de banda *Baixada Brothers* (indicado ao Prêmio HUTUS) e fundador do movimento *hip hop* CEAC H2 (Centro de Estudo e Apoio à Cultura Hip Hop). Dirigiu e roteirizou os filmes *Um ano e um dia* – premiado na Mostra do Filme Livre em 2005 e *Melhor que um poema* em 2006. Trabalha há muitos anos na Refinaria de Duque de Caxias (REDUC) como técnico em mecânica. No Mate com Angu, onde ingressou logo após sua fundação, dirige e roteiriza os curtas e produz as sessões de exibição dos filmes.

Possui um perfil combativo, porém demonstra suavidade ao narrar suas idéias. É o mais tímido e contido do grupo. Originalmente encontrou na cultura *Hip Hop* um canal de expressão, como *rapper*. Seu forte compromisso com as questões sociais e a vontade de ampliar suas vias de expressão o levaram a explorar a linguagem do cinema. Porém, gosta de experimentar a convergência de linguagens, principalmente com a música. Revela um interesse particular com as políticas de difusão e incentivo ao audiovisual.

Fabiana Pimenta, a **Bia**, nasceu em Duque de Caxias (Santa Cruz da Serra) e reside entre esse município e o Rio de Janeiro, onde divide apartamento com colegas do Curso de História da Arte, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Cursou até o segundo período a faculdade de Direito e trancou a matrícula no curso de Biblioteconomia da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tem vinte e quatro anos. Foi alfabetizada com livros infantis Kardecistas e têm nas obras de Shakespeare, Aristóteles, Trotsky, Lênin, Diogo Javier e Frida Kahlo e textos teatrais suas influências literárias. Quando criança assistia espetáculos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde seu pai trabalhava. Gosta de música e destaca Legião Urbana e Edith Piaf. Já trabalhou como vendedora de seguros e no cartório de Magé. Foi militante estudantil e fez parte do grupo Movimento de Arte Engajada (MARTE) da Baixada Fluminense. É estagiária de biblioteconomia do Centro Nise da Silveira. No Mate com Angu atua como divulgadora e produtora. Quer investir em direção de arte para o cinema.

Inquieta e agitada Bia se diz "existencialista". De fácil comunicação, procura elaborar sua fala, sempre pontuada de citações e expressões sobre arte "engajada" e filosofia. Seus temas marcantes relacionam-se a processos de criação artística e a política. É uma das mais novas a integrar o Mate com Angu, foi aluna do HB no vestibular comunitário e tem nele um "mestre" de vida. Sua narrativa é carregada de afetividade, principalmente quando fala do grupo, enfatizando ser este um dos grandes "suportes" do trabalho, além do forte compromisso com as questões da Baixada. Reconhece que tem um componente "feminista" que marca suas idéias e comportamento. Gosta muito de estudar e quer fazer pesquisa acadêmica na área de psicanálise e arte.

Márcio Bertoni nasceu em Campinas, São Paulo. Já morou em Maceió (Sergipe), Paraty (Rio de Janeiro) e Angra dos Reis (Rio de Janeiro). Reside em Caxias com a mãe, desde 1997. Mas seus avós maternos moram lá há 50 anos. Tem vinte e cinco anos e completou o segundo grau, depois de passar por 15 diferentes colégios. Suas influências são obras literárias de Douglas Adams, Jorge Amado, Lima Barreto e autores políticos como Marx e Trotsky. Gosta de ler e escrever poesia. O *rock* é seu estilo musical e, por influência do avô, tornou-se "cinéfilo". Já foi militante do Partido dos Trabalhadores, técnico em refrigeração, produtor de filmes de turismo em Paraty e técnico metalúrgico em estaleiro de Angra dos Reis. Dirigiu dois curtas: *A Estrada* e *Transtorno*. Atualmente é metalúrgico do Arsenal de Marinha. No Mate com Angu é divulgador, além de dirigir curtas e produzir as sessões temáticas de exibição de filmes. Quer estudar direção de cinema.

Com uma visão crítica e inquieta sobre o mundo, Márcio possui uma narrativa banhada por temas como a desigualdade e a política, que desenvolve de forma combativa e calorosa embora muitas vezes confusa. Admite que tem um pensamento um tanto "caótico" que se alterna entre "razão e sensibilidade". Demonstra ter conflitos em compatibilizar seu trabalho como metalúrgico, para sobreviver, e suas atividades de criação na poesia e no cinema. Define-se como um "investigador das estéticas", principalmente as produzidas na Baixada, ressaltando que a opção pelo audiovisual é por acreditar no poder dessa linguagem como "provocadora de idéias" e geradora de formas não massificadas de se entender o mundo. Apesar de ser comum seu uso para a "anestesiar o pensamento". Demonstra uma grande preocupação com o "futuro da humanidade" que, segundo afirma cada vez mais se distancia de valores como a afetividade e a solidariedade. Como a Bia, também participou do Movimento de Arte

Engajada (MARTE) e é um dos mais recentes integrantes do Mate com Angu.

Conhecer a trajetória dessas pessoas que nasceram, vivem e constroem suas práticas sociais (e culturais) em um determinado território significa também conhecer os sentidos que elas dão às suas escolhas e os meios que utilizam para, por meio de suas produções, intervirem na vida de sua comunidade. No caso específico do Mate com Angu essas escolhas encontram-se profundamente vinculadas à identidade da Baixada, de Duque de Caxias.

Um dado curioso, que chama atenção e ilustra esse compromisso com a identidade local é o nome escolhido pelo grupo. Por que *"Mate com Angu?"* É HB quem nos conta:

> *Eu dei a sugestão, porque sou apaixonado por essa história e é legal deixar registrado isso nessa oportunidade. Mate com Angu é o apelido de uma escola. Essa escola foi criada em Duque de Caxias que, na época ainda era Nova Iguaçu. Caxias era o oitavo distrito de Nova Iguaçu. Era Meriti, Caxias era chamado Meriti, nessa época, em 1921! Havia uma mulher, Armanda Álvaro Albertio[13], é uma mulher que o Brasil precisa descobrir. Sempre digo essa frase. Porque ela era uma pessoa fantástica. Ela se formou, virou professora, jovem, e foi... Família abastada, o pai dela tinha uma empresa de explosivos, o irmão dela mais velho, o almirante Álvaro Alberto[14], foi o cara que criou o CNPQ[15].*

[13] Heraldo Bezerra nos apresentou dois trabalhos sobre a profª Armanda Álvaro Albertio: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Baú de Memórias. Bastidores de Histórias – o legado pioneiro de Armanda Álvaro Albertio*. Editora Universitária São Francisco/EDUSF, 1997. E MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio *A trajetória de uma educadora pioneira: Armanda Álvaro Albertio (1892-1974)* Em: SIMÕES, Simone (Org.) *Mulheres da Baixada Fluminense: Histórias de luta e conquista da cidadania feminina*, Rio de Janeiro: CEDIM, 2004, v. 04, p. 31-45.

[14] Idealizador e primeiro presidente do CNPq, então Conselho Nacional de Pesquisas, o Almirante Álvaro Albertio também foi o representante brasileiro na Comissão de Energia Atômica (CEA) das Nações Unidas e presidiu a Academia Brasileira de Ciências (ABC).

[15] Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico www.cnpq.br

E quando a gente fez a reunião para criar o nome, existia uma coisa: a gente queria ter um nome que fosse engraçado, que fosse jovem, que fosse uma coisa que as pessoas ouvissem e "poxa!". Eu mesmo dei um nome caretão, era Imagem e Ação, um nome bem caretão, a gente ficou rindo (...) Aí eu falei: "poxa, por que não Mate com Angu?", "caraca, Mate com Angu!". Eu contei essa história, mas resumidamente, 'é isso', 'ah'. Aí depois 'não, que isso, Mate com Angu, vai confundir com a escola...', 'não, Mate com Angu'. Aí virou, nesse dia nasceu.

Ela [Armanda] *conseguia muita coisa com os comerciantes. Mas a maioria das doações era mate com angu. A teoria que eu acho mais plausível era um apelido pejorativo, que existia com a escola.(...) O conceito de dar merenda era considerado muito, você imagina, as crianças eram vistas diferente na cidade. Mate com Angu era um apelido para as crianças, "ah, esse cara é um Mate com Angu". (...) Então casou perfeito: a idéia de ter um nome engraçado, que desse uma provocada e um nome que tivesse a ver com a história da cidade. E ainda mostrando a história da cidade com uma coisa boa.*

Mate com Angu e, uma coisa que é pessoal, de trazer essa história mesmo para o público, de botar luz nessa história.

(Heraldo Bezerra)

Dar ao movimento que se iniciava a identidade de Caxias, foi a primeira preocupação. Ou seja, fazer com que as pessoas se identificassem com a proposta, reconhecendo que são partes daquela realidade, muitas vezes conhecida pela falta, pela carência, mas que também possui uma rica diversidade de expressões, uma história singular e uma produção cultural que o grupo quer dar visibilidade.

É interessante percebermos que, a despeito das dificuldades cotidianas por pertencerem a um universo sócio econômico precário, e a uma comunidade fora do eixo de acesso a bens culturais como teatros, cinemas e museus, todos os entrevistados demonstraram em seus depoimentos a procura em superá-las por um senso agudo de

busca pelo conhecimento, pela experimentação, pelo inconformismo, pela descoberta de possibilidades de expressão. Nas entrevistas, identificamos que a literatura exerceu uma significativa influência na trajetória e escolhas de cada um, certamente por diferentes caminhos, mas sempre presente em suas falas como uma motivação que ampliaria suas visões de mundo e a capacidade de nele interferir, seja por meio da escola, dos amigos, pelo autoconhecimento ou para entenderem melhor a sociedade. Em Roland Barthes podemos encontrar uma certa inspiração para a leitura dos depoimentos que se seguem.

> *O ser humano parte sempre, e todas as suas ações o dirigem para tal caminho, em busca da liberdade. Então, quando se considera que a liberdade é uma desvinculação total do poder a que se é submetido, dentro do universo lingüístico não há maneiras de ser livre. Só resta, pois, ao homem, a fuga da linguagem por meio de uma trapaça lingüística utilizando-se da própria língua: essa trapaça, salutar, essa esquiva [...], eu a chamo, quanto a mim: literatura.*
>
> Roland Barthes[16]

Começaremos pelas palavras contundentes de HB:

> *É curioso, como a literatura... A gente descobriu uma biblioteca na escola, fechada, nós invadimos a biblioteca e passamos a usar os livros. (...) sempre brinco com isso: a literatura me salvou. Por quê? Nessa escola que estudei, tínhamos um grupo de amigos, aquela turma de bagunça, de criança, onze anos, doze anos... E um amigo nosso, o Renato de Alcântara, que hoje também é mestre em Literatura – desde cedo se interessou por ler, muito cedo, com dez anos lia para "caramba, e comecei*

[16] BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.

a ser seduzido por aquilo. Eu, ele e mais um cara, que hoje é famosíssimo, Marcos Faustini[17] formamos um grupo de teatro (...)".

Então, a literatura foi uma coisa assim: sétima e oitava série, a gente lia absurdamente. Isso contrastava com a nossa história de vida, porque os nossos pais... a minha mãe lê muito mal, escreve muito mal, e era o caso de todo mundo ali. Então foi uma coisa que ficou meio destacada (...) e hoje eu vejo acontecendo com outras pessoas. Acabei dedicando a minha vida ao processo que vivi. Tem uma professora que quando começou a notar isso, que eu escrevia desde pequeno, escrevia bem, ela disse: 'você tem que seguir esse negócio de escrever, cara', isso eu com doze, treze anos. A história da minha vida até hoje, é fazer aquilo que fizeram comigo. Propiciar às pessoas a terem contato com livros, ou com filmes, com informação, incentivando (....).

(Heraldo Bezerra)

Esse caminho que se inicia "curioso" como ressalta HB acaba tendo desdobramentos e provocando novas "invasões" de espaços como os que Heraldo cita quando ele e seus amigos descobrem a filatelia e as bibliotecas públicas, o que faz com que comecem a transitar por outros territórios – sede dos Correios no centro do município do Rio de Janeiro e a Biblioteca Pública Estadual, também nessa região. Mas enquanto para HB a escola e os amigos de turma foram uma referência estimuladora para o contato com a literatura e expansão de idéias, para Igor essa referência foi construída no interior da família

Na minha infância tive muita influência da cultura, um banho de muita música, porque o meu pai vem de uma família onde todo mundo é músico, não profissional, isso é um ponto (...) Tinha a praça do Jardim Primavera, onde toda a sociedade girava em torno dela. E fui me criando dentro desse universo, vendo os meus pais fazendo músicas e etc.

[17] Marcus Faustini é diretor de teatro, cineasta e coordenador do Projeto Reperiferia e da Escola Livre de Cinema (Nova Iguaçu).

(...) Tive uma escola normal até a sétima série, depois comecei a entrar em diversos conflitos com a escola, e tenho até hoje...
Tinha uma facilidade muito grande, não sei onde foi parar isso, tanto que os professores me chamavam para falar, não sei o quê, me chamavam para as atividades (...) Também gostava de escolher um tema para estudar. Uma vez foi cinema. Na época do Titanic *eu sabia tudo, lia matérias sobre o* Titanic*, durante dois anos foi a minha obsessão. Lia tudo, lia muita enciclopédia também, essa coisa de querer ser inteligente, de querer ser intelectual, mesmo criança, pedia para a minha mãe comprar enciclopédia. E eu lia mesmo (...) O tempo todo eu fui rodeado por muitas festas... todo mundo [família] tinha trabalho diversificado, mas havia sempre muita música, e era uma galera que era muito lúdica, um clima de efervescência muito grande, acho que os anos oitenta foram bem legais (...) vivia viajando e as pessoas permitiam que eu vivesse viajando.*
(Igor Barradas)

O próximo depoimento é o da Bia que, apesar de considerar a experiência do acesso à cultura pelo fato do pai trabalhar no Teatro Municipal do município do Rio de Janeiro, nos revela o contato com a literatura como um canal de busca pelo entendimento da vida e de uma forma quase que intencional, de preparação para suas opções que viriam a seguir

Eu li muito.
(...) Conheci Sheakespeare com quatorze anos. Li muito Sheakespeare, tinha muito um cunho de sagrado naquele ciclo. O teatro por uma via de uma coisa sagrada, talvez estivesse muito ligado com o meu primeiro contato com a arte na prática, que era o Teatro Municipal [onde o pai trabalhava]. Eu ia com meu pai para o centro do Rio de Janeiro, andar naqueles prédios ali. Andar no Campo de Santana, Museu Nacional.
E é interessante porque os meus irmãos não têm essa mesma visão de mundo, não tem.

Era Shakespeare e Renato Russo. [riso] Tinha uma época que a minha mãe me lavava: 'minha filha, você tem que ouvir outras coisas'. Foi quando eu comecei a ouvir música clássica.

(...) E quando eu terminei o segundo grau, eu falei: 'bom, eu não sei o que eu vou fazer agora', sabia que eu queria ir para a faculdade de qualquer maneira e que seria faculdade pública.

(...) na minha vida a inquietação era uma constante e a literatura fomentava isso. Mas hoje, eu olhando para trás, hoje quando eu minimamente entendo o que o Aristóteles fala sobre catarse, eu acho que naquele momento, era na leitura que eu encontrava. Na leitura, e já nessa época, nas discussões e análises de filmes comuns...

(...) e fui trilhar a minha vida nessa busca de entrar para a academia mesmo, teórica, pensadora e tal.

Uma atividade que eu queria era pensar, elaborar, estudar....

(Fabiana Pimenta).

Para Márcio a literatura foi um caminho de informação e formação política (Bia também ressaltou esse fato em seu depoimento), lê jornal diariamente, leu Trotsky, Marx e seus seguidores, mas registra que, além de poesia

Gosto muito de uma seqüência de livros, que não é muito respeitada, não sei por que eu nunca vi as pessoas louvarem essa cara, que é o Douglas Adams, o cara que escreveu O guia do mochileiro das Galáxias*. Esse é o primeiro livro, o segundo é* O Restaurante do Fim do Universo*, o terceiro* A vida*,* o universo e tudo mais*, e o quarto* Adeus e obrigado pelos peixes*. Li também o Jorge Amado e Lima Barreto que escreveu* O Triste Fim de Policarpo Quaresma*.*

(Márcio Bertoni)

Já Cacau diz que lê, mas não é disciplinado e nem gosta tanto, tem como referência o escritor Alessandro Buzo[18] e as leituras sobre questões sociais que inspiram suas letras de música e roteiros de curtas e um livro que está escrevendo.

Como dissemos, para cada um e por diferentes caminhos e motivações a literatura serviu de certa forma, como "inspiração" e referência para aquilo que Barthes aponta como um caminho de liberdade. Certamente não absoluta, mas para a construção de um acervo de idéias, reflexões, contestações e proposições passando a influenciar seus projetos tanto individuais quanto coletivos. A consistência que buscam conferir à proposta do Mate com Angu, pode ser identificada desde os discurssos sobre a proposta que empreendem até as práticas exercidas pelo grupo que apontam sempre para um caminho de desmistificações e quebra de preconceitos. Poderemos constatar, mais adiante, em suas narrativas e textos que essa busca não acontece de forma superficial. A literatura/leitura ao nosso ver exerce um papel fundamental para que eles consigam essa consistência que, no limite, entendemos como o próprio conceito que fundamenta o grupo.

Considerando que as práticas empreendidas pelo grupo são forjadas por meio da cultura, traremos a seguir a contribuição da antropologia, sociologia e dos estudos culturais para a construção desse conceito, procurando fugir ao sentido que lhe é dado pelo senso comum e a visão exclusivamente erudita. Na acepção antropológica, cultura significa crenças, valores, visão de mundo, significados entrelaçados, idéias e práticas que orientam os indivíduos no seu dia-a dia (GEERTZ, 1973), assim como artefatos materiais.

[18] Alessandro Buzo é produtor da cultura Hip Hop e autor de; *O Trem-baseado em fatos reais* (2000); *Suburbano Convicto* (2004); *O Trem-contestando a versão final* (2005) e *Guerreiro* (2007) Global Editora. Seu blog **www.suburbanoconvicto.blogger.com.br**

Portanto entendemos que, levando em conta seu caráter dinâmico e relacional, a construção do conceito de cultura nos auxilia a compreender como, no mundo contemporâneo e mais especificamente em Duque de Caxias, as práticas do Mate com Angu operam com seus significados.

II. 2. CULTURA

uma breve revisão conceitual

A palavra cultura, em que pese o debate que se estabeleceu com vigor em torno da polissemia de seu conceito, é empregada a realidades tão diversas quanto seus sentidos, resultando uma certa confusão semântica das palavras mais habitualmente usadas e na opacidade dos conceitos que elas pretendem representar ou ilustrar. Para Clifford Geertz, seria necessário "*diminuir a amplitude do conceito e transformá-lo num instrumento mais especializado e mais poderoso teoricamente*" (GERRTZ,1973:17). Não nos propomos chegar a tal especificidade, porém, com o objetivo de delinear e contextualizar as referências que subsidiarão esse estudo propomos um recorte conceitual de perspectivas antropológicas e sociológicas e suas influências para os usos e aplicações de seus significados[19].

No primeiro capítulo de "A noção de cultura nas ciências sociais", Dennys Cuche inicia seu texto falando que *"As palavras têm história e, de certa forma, as palavras fazem história" (*CUCHE*,* 2002:17*)*. O autor se refere, particularmente ao termo "cultura" para refletir sobre o quanto a noção e construção de seu conceito tanto foi (e continua sendo) tecido pela história, como contribui para que uma parte dela seja tecida.

No entanto, se quisermos ampliar nossa compreensão sobre a construção do conceito, teremos que partir de um ponto fundamental: a diferenciação do estado de natureza e de cultura. E assim buscar a contribuição dos estudos empreendidos pelas ciências sociais que, na contramão da perspectiva iluminista do homem como ser natural em unidade com a natureza começa a pensar a

[19] Diferentes autores que se dedicaram ao estudo do conceito de cultura foram pesquisados e serão aqui sinalizados, mas nos detivemos em duas referências, pela sistematização e alinhamento aos objetivos do presente estudo: "A noção de cultura nas ciências sociais" Denys Cuche (2002) e "Cultura. Um conceito Antropológico" Roque de Barros Laraia (1993).

humanidade na diversidade, e além dos termos biológicos, construindo assim uma concepção científica da cultura, considerando que tudo o que decorre de regras sociais significativas, transmissíveis e educativas diz respeito à cultura. E, se a natureza obedece a leis universais, a cultura, por ser um fenômeno essencialmente humano, permite ações livres e de constante recriação.

Assim, se de um lado a cultura responde a necessidades naturais, suas formas de representação e ações, individuais e coletivas, podem assumir uma larga diversidade, constituída pela maneira com que os homens instituem socialmente as suas relações, as formas de produção, de consumo, de criação e socialização de conhecimento, valores morais, crenças, conteúdos éticos e estéticos. Portanto, a noção de cultura não comportaria uma visão naturalista dos comportamentos humanos, uma vez que estes são por ela interpretados.

Partindo do princípio que nada é puramente natural ao homem e que até mesmo suas necessidades mais instintivas e fisiológicas são informadas pela cultura (como a fome, o sono, os desejos...) podemos também conceber que as diferentes sociedades dão respostas diferentes às suas necessidades. Embora constituídos por uma mesma origem genética, sabemos que os grupos humanos estabelecem estruturas de convivência, regras e códigos simbólicos próprios, singulares e, conseqüentemente diferenciados por suas escolhas culturais, criando assim soluções originais para o enfrentamento dos mais diversos desafios.

Ao longo do século XIX, o termo ganhou outros significados passando a designar também os traços próprios de uma comunidade, além do desenvolvimento intelectual do indivíduo. O conceito de cultura dessa forma se amplia, e pode ser entendido também como

todo o comportamento aprendido ou adquirido pelo homem em sociedade, além do seu desenvolvimento intelectual. A atenção ou centralidade do conceito voltada para a supremacia de algumas nações européias, como a francesa e a inglesa, e para o nacionalismo alemão, dão lugar ao estudo e observação de outras sociedades, além das européias, surgindo assim outras teorias que tentam dar conta da diversidade humana.

Dessa forma, os estudos na área da cultura implicaram no reconhecimento de que encontramos povos e contextos culturais unidos não somente por identidade genética ou biológica, mas, sobretudo por tradições sociais. Mas não podemos considerar cultura apenas como acumulação de tradições culturais, ela encontra-se entrelaçada com todo um sistema cognitivo que constrói a visão de mundo de cada indivíduo, por meio de sua experiência cultural, individual ou coletiva.

Ainda com Clifford Geertz e suas interpretações sobre as culturas, compreendemos que a cultura pode ser definida como uma teia de signos e significados criados pelos grupos sociais. Interpretar as culturas significaria então, interpretar símbolos, mitos e ritos. No caso do antropólogo, segundo esse autor, isto ocorreria por meio da chamada "descrição densa", uma escrita etnográfica sobre esses símbolos, mitos, rituais e o ato de reflexão sobre essa própria escrita antropológica, também inscrita numa determinada cultura (GEERTZ, 1989).

Desde a segunda metade do século XX, juntamente com os debates e pesquisas sobre as noções de cultura provenientes, sobretudo da antropologia e seu diálogo com outras áreas como a sociologia, a literatura, a filosofia e a história, novos conceitos foram construídos por meio da leitura e releitura dessas pesquisas,

produzindo uma reconstrução constante de sua interpretação e procurando, de certa forma, "diminuir a amplitude do conceito".

Nestor Canclini pesquisador que desenvolve seus estudos culturais a partir da realidade latino-americana nos ajuda a pensar o lugar da cultura e sua relação com a política e a economia na contemporaneidade. Suas análises encontram-se inseridas, segundo o autor, num cenário onde as tradições coexistem com uma modernidade ainda em curso e perdendo sentido, uma vez que seus valores encontram-se desacreditados pelas idéias pós-modernas na medida em que

> *(...) na América Latina, onde as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar, não estamos convictos de que modernizar-nos deva ser o principal objetivo, como apregoam políticos, economistas e a publicidade de novas tecnologias.* (Canclini,1997;17)

E ainda,

> *(...) que a* incerteza[20] *em relação ao sentido e ao valor da modernidade deriva não apenas do que separa nações, etnias e classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam (...) Assim como não funciona a oposição abrupta entre o tradicional e o moderno, o culto, o popular e o massivo não estão onde estamos habituados a encontrá-los. É necessário demolir essa divisão em três pavimentos, essa concepção em camadas do mundo da cultura, e averiguar se sua hibridização pode ser lida com as ferramentas das disciplinas que os estudam separadamente (...). Precisamos das ciências sociais nômades, capazes de circular pelas escadas que ligam esses pavimentos.*
> (Ibidem, pg 19)

[20] Grifo do autor

Para Canclini por meio da transdisciplinaridade e de um novo desenho para as "camadas do mundo da cultura" seria possível elaborar uma interpretação das contradições e dos fracassos da nossa modernização. E propõe no "estudo da heterogeneidade cultural uma das vias para explicar os poderes oblíquos que misturam instituições liberais e hábitos autoritários, movimentos sociais democráticos e regimes paternalistas, e as transações de uns com outros" (ibidem, pg 19).

Na América Latina, onde acontece uma mistura do popular e o erudito, o global, o regional e o local, cruzamentos étnicos da imigração, o rural e o urbano, o autor resgata o que chama de "hibridização cultural" e problematiza essa especificidade.

Suas análises sobre a cultura dos países latino-americanos levam em conta a complexidade de relações que a configuram na atualidade: as tradições culturais que coexistem na modernidade e as distintas modernidades que constituem as sociedades globais. Usando a terminologia "culturas híbridas" propõe um intenso diálogo em torno das inter-relações entre a cultura erudita, a popular e a de massas, e sua inserção no cenário mundial. De certa forma podemos considerar que suas idéias sobre a hibridez latino-americana se constituem numa contribuição desse Continente para se pensar os estudos culturais no mundo. Mesmo não sendo privilégio da América Latina, aqui o híbrido assume uma especificidade que traz provocações e questionamentos que, para o autor, devem ser respondidos em diversas áreas como na formulação de políticas públicas e no campo da construção do conhecimento científico.

Talvez possamos encontrar essa "hibridez" apontada por Canclini na experiência do Mate com Angu, de forma localizada, como um movimento artístico cultural que não recusa, pelo contrário,

acolhe diferentes manifestações e cria "soluções originais" num espaço de interação entre outras culturas de fora de seu território, contribuindo para a construção de uma "visão de mundo por meio da experiência cultural".

> *O que permite hoje que a gente tenha uma sessão do Mate com Angu, que é de Duque de Caxias, com Caô de Raiz, que é uma banda de Belford Roxo, tocando em um espaço já conceituado quanto* underground *independente, em Niterói? É essa desculpa para se encontrar quanto coletivo, não é? Onde você tem os* punks *dançando forró na sessão de festa junina? No Mate. Então, assim, é uma quebra de barreiras, de troca intercultural (...) existem pessoas que nunca foram ao cinema e vão ter a oportunidade de assistir um filme a primeira vez diferente do seu vídeo-cassete, diferente do que a TV Globo passa, no Mate com Angu (...) Caxias, por ter o estigma de uma cidade dormitório, durante muito tempo teve esse caráter de migração pendular: as pessoas saem dali, vão para Rio, trabalham, voltam pra Caxias. Tratando-se de indústria cultural, embora existam pessoas que pensam, principalmente a música, e o áudio visual como a gente, Duque de Caxias é uma cidade muito rica culturalmente. Tem a confluência de muitas idéias, de muitas histórias (...) há um consenso entre a gente: poxa, se a gente saía de Caxias para ir para o Centro para ir para ir ao cinema, para ir para o teatro, para ir ao CCBB*[21]*, para ir a uma exposição, não é possível que não tenha mais gente que faz isso. Não é só a gente. Se temos vontade de pegar uma bandeira, ir para a rua reivindicar, falar, botar a boca no trombone, se comunicar com as pessoas além do senso comum, tem outras pessoas que pensam isso.*
>
> (Fabiana Pimenta)

As teorias sobre o conceito de cultura contribuíram para a "construção cultural" de conceitos como classe, gênero, comunidade, identidade, e de práticas sociais como (re) invenção de tradições permitindo, além da descrição e compreensão de uma realidade, entender o processo histórico que produz a sociedade – e a própria

[21] Centro Cultural Banco do Brasil, localizado no centro do município do Rio de Janeiro

cultura – e as relações que transformam esses processos na contemporaneidade, ajudando a pensar sobre a nossa própria realidade social. Dessa forma o conceito de cultura como aprendizagem e apreensão de uma realidade, produção de significados simbólicos e construção de identidades tornam-se um espaço privilegiado de constituição do tecido social passando a ser empregado para diferentes usos, aplicações e finalidades. Temos hoje uma infinidade de denominações que buscam caracterizar experiências, comportamentos e aprendizagens relacionados a uma área ou atividade.

II. 2.1. Cultura: usos, aplicações e finalidades.

A cultura ganha cada vez mais espaço no cenário das políticas públicas, nas demandas da sociedade civil, nas propostas de organizações não governamentais e agências internacionais criando agendas que colocam em pauta, entre outros, temas como desenvolvimento econômico, capital social, recursos, democracia, inclusão/exclusão social, diversidade e desenvolvimento humano.

Uma das mais importantes agências internacionais com atuação nos campos educação, ciência e cultura, a UNESCO[22] vem desde a década de 1980 implementando estudos e pesquisas que colocam a cultura e o desenvolvimento no centro do debate.

[22] Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, criada em novembro de 1945, para promover a cooperação internacional e acordos universais nos assuntos éticos emergentes, servindo também como uma agência para compartilhar e disseminar conhecimento. Conta atualmente com 192 Estados Membros e 6 Membros Associados nas áreas de educação, ciências, cultura e comunicação. No Brasil a representação da UNESCO foi efetivada em 1966 como parte do acordo de cooperação técnica firmado com as autoridades brasileiras em 1964, juntando-se às demais agências do sistema das Nações Unidas representadas no país. Mais informações em www.unesco.org.br

Em agosto de 2002 realiza no Brasil em parceria com o IPEA[23] o Seminário Internacional sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento – Uma base de dados para a Cultura, com o objetivo de "não só renovar o interesse pela relação entre cultura e desenvolvimento, mas também estimular o surgimento de uma agenda comum de bases de dados sobre a cultura" (UNESCO Brasil, 2003:7).

Na introdução do documento produzido pelo Seminário podemos identificar o interesse desta organização em intensificar o debate que integra o tema da cultura ao do desenvolvimento quando, numa breve retrospectiva referindo-se às conferências realizadas e comissões formadas sob sua coordenação, esses temas ganham centralidade. Da Conferência Mundial do México em 1982, resultou a Recomendação da Década Mundial do Desenvolvimento Cultural onde cultura e desenvolvimento são assim conceituados:

> ***cultura*** *como um conjunto de características espirituais e materiais, intelectuais e emocionais que definem um grupo social (...) engloba modos de vida, os direitos fundamentais da pessoa, sistema de valores, tradições e crenças; e*
>
> ***desenvolvimento*** *como um processo complexo, holístico e multidimensional, que vai além do crescimento econômico e integra todas as energias da comunidade (...) deve estar fundado no desejo de cada sociedade de expressar sua profunda identidade...* (ibidem, págs 13 e 14)

[23] Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) é uma fundação pública federal vinculada ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG). Suas atividades de pesquisa fornecem suporte técnico e institucional às ações governamentais para a formulação e reformulação de políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros. Os trabalhos do Ipea são disponibilizados para a sociedade por meio de inúmeras e regulares publicações e seminários e, mais recentemente, via programa semanal de rádio e TV em canal aberto e fechado. Mais informações em www.ipea.org.br

Podemos perceber com a definição desses conceitos, uma clara perspectiva no sentido de colocá-los em intimidade e reciprocidade, na medida em que o que se expressa em cada um pode ser "emprestado" ao outro.

Em 1986, a Conferência de Bruntland no México, incorpora em seu documento final denominado "Nosso futuro comum" os conceitos de sustentabilidade e de biodiversidade, atualizando e introduzindo no campo da cultura as discussões acerca de preservação sustentada (em especial para a reabilitação de sítios históricos) e da defesa da diversidade cultural. Essas últimas passam a ser tratadas pela UNESCO como uma de suas principais políticas frente às tendências, segundo o documento, de homogeneização trazidas pela globalização.

Na década seguinte, é criada a Comissão Mundial de Cultura, produzindo o relatório Javier Perez de Cuellar "Nossa Diversidade Criadora" publicado em 1995, que acrescenta aos conceitos anteriormente incorporados a idéia de que "o desenvolvimento não deve ser apenas sustentável, mas cultural" (ibidem pág. 14).

E por último, é citada a Conferência de Estocolmo sobre as Políticas Culturais para o Desenvolvimento realizada em 1998, que fixa os objetivos de "adoção da política cultural como chave da estratégia de desenvolvimento, a promoção da criatividade, da participação da vida cultural e da diversidade cultural e lingüística" (ibidem pág 14).

Por ser um documento com o objetivo de construir um sistema de informações, uma base de dados, o que ele busca reafirmar é o necessário reconhecimento da cultura como um campo de trabalho, embora vasto e de difícil mensuração, importante para desenvolvimento, a partir de três eixos fundamentais. O primeiro

deles é a ampliação do desempenho da cultura na economia, associando-a a melhoria de condições de vida, favorecendo assim uma melhor organização do processo de produção e acesso aos bens culturais. O segundo é seu tratamento como capital social[24] um conceito muito identificado com a área da cultura, por "estimular o sentimento de pertencimento a um projeto coletivo, a participação, a promoção de atitudes que favoreçam a paz e o desenvolvimento sustentado, o respeito a direitos, enfim, a capacidade da pessoa humana e das comunidades de regerem o seu destino" (ibidem pg 16). Dessa forma, a contribuição da cultura, que tem a inovação e a criatividade como matérias-primas, seria peça-chave para a economia do conhecimento, estimulando inclusive outros setores a se desenvolverem com base no bem comum. O terceiro eixo, insumo e fundamento para os anteriores, seria o de conhecimento e compreensão dos processos de produção dos bens culturais. Identificar e entender as práticas e processos culturais e suas relações com a sociedade. Conhecer seus atores como produtores consumidores e gestores dos processos, como e quais regras operam no circuito da legislação, da formação e da organização e suas interdependências.(Ibidem pg16)

Por pertencerem, como já mencionado, ao campo vasto e de difícil mensuração da cultura, o que se coloca como desafio para essas questões, e este não é um caso específico, é o da necessária articulação e organicidade entre as várias esferas da sociedade na criação de mecanismos que possam operar, de forma participativa e democrática, as contribuições do campo da cultura e desenvolvimento entendendo, no entanto que suas bases vão além do racionalismo

[24] Adotamos o conceito da cientista política Maria Celina D'Araujo para o entendimento de Capital Social que seria "a argamassa que mantém as instituições em contato entre si e as vincula ao cidadão visando à produção do bem comum" e complementando "a capacidade de cooperar e de confiar para a produção do bem público (...)" (D'ARAUJO Maria Celina Soares, 2003). Também sobre este tema ver KINGLISBERG, Bernardo "Capital Social e Cultura: as chaves esquecidas do desenvolvimento" em, Série PREAL Debates Especial CPDOC/FGV, 2002. PDF **www.cpdoc.fgv.br**

econômico, até então parâmetro de valoração. Dizem respeito a aspectos éticos da vida em sociedade e das suas mais diversas formas de expressão e manifestação.

Alguns autores têm se dedicado ao estudo do papel da cultura de nosso tempo, caracterizado como uma cultura de globalização acelerada. George Yúdice (2004) é um deles. Para o autor

> *A desmaterialização característica de várias fontes de crescimento econômico (...) e a maior distribuição de bens simbólicos no comércio mundial (filmes, programas de televisão música, turismo etc...) deram à esfera cultural um protagonismo maior do que em qualquer outro momento da história da modernidade.* (YÚDICE, 2004;26)

Fazendo uma revisão dos estudos sobre a função da cultura e da arte, o autor ressalta que a utilização desses veículos na esfera pública emergem no século XVII, "como um meio de internalizar o controle social – isto é, via disciplina e governamentabilidade – ao longo dos séculos XIX e XX". Também na política, para a promoção de ideologias que propagavam os diferentes sistemas políticos[25] e na economia, "instrumentalizando" e desviando o papel da cultura e da arte de seu valor de uso para o de mercadoria (Ibidem, pg 26). Essa abordagem nos leva a pensar em como a cultura da imagem, "matéria-prima" do Mate com Angu, nos fornece elementos para refletir sobre a função e utilização do audiovisual, como uma das linguagens dessa cultura, numa perspectiva de superação ao uso da cultura e da arte para o controle ou instrumentalização.

[25] O autor cita como exemplos "o avanço da cultura do proletariado pela Comissão Soviética de iluminismo, o patrocínio clientelista do muralismo pelo estado mexicano e as políticas culturais durante a Guerra Fria"

II. 2. 2. Cultura da imagem

paradoxos e diálogos das imagens na experiência contemporânea

Se é verdade que vivemos atualmente na sociedade da imagem e que consumimos a cultura de novas e diferentes maneiras, imersos pela visualidade, também é verdade que essa nova situação vem acompanhada de paradoxos problematizados tanto pela estetização da realidade quanto pela visualização ou transformação das imagens (JOBIM e SOUZA, 2000:15). Mas se por um lado, a experiência diária é atravessada pela saturação de imagens e signos, levando à estetização da vida cotidiana, por outro podemos extrair dessa constatação elementos que nos forneçam uma possível reflexão que, no limite, também problematiza a própria concepção de subjetivação na contemporaneidade e põe em jogo a absoluta passividade dos sujeitos frente às imagens. Na experiência com o audiovisual proposta pelo Mate com Angu, podemos encontrar um campo de reflexão que nos ajuda a perceber que existem caminhos de preservar e lidar de forma criativa com as imagens, escapando dessa impressão de passividade e de "intoxicação" que muitas vezes elas sugerem. O texto da sessão "*Colíricos*" chama atenção para a "leitura" da realidade por meio das imagens

> *Uma discussão que volta e meia surge no Mate é uma preocupação de que nosso trabalho descambe involuntariamente para o que chamamos de forma genérica de* oba-oba. *Explicamos: achar que tudo é festa, que tudo é agito, que tudo tem que ser rápido e imediato periga também serem formas de apresentar o mesmo de sempre. Referenciar uma cultura MC Donald festeira onde pensar e refletir são artes tidas como arcaicas e até mesmo cafonas....É preciso hoje ficar muito atento com a armadilha do Espetáculo, do apelo da grandiosidade, da Simulação; e dizer com convicção que nem tudo é velocidade, afirmando que nada substitui uma boa história. (...) o Mate convida você hoje para um mergulho visual mais*

sereno e mais denso. Para uma experiência de dilatação do tempo de cena, do fruir poético da arte da fotografia cinematográfica, do olhar no detalhe, da beleza do drama humano no território sutil onde o cinema se encontra com a poesia e com a grandeza de nossas felicidades cotidianas.
(Mate com Angu, abril de 2006).

Nos parece que a intenção do grupo expressa no texto do programa é a de trabalhar a imagem considerando seu modo de produção de sentido, ou seja, a maneira como ela provoca significações e interpretações. Uma preocupação, ao nosso ver, de reconhecer a dimensão polifônica da cultura da imagem, um modo de pôr em questão a *alteridade*, na medida em que o sentido da imagem se constrói na relação com o outro, servindo tanto para processos de produção e interpretação regressivas quanto emancipadoras. Nesse sentido o uso do audiovisual na cultura contemporânea, de forma crítica e criativa, situa-se como uma possibilidade de não nos submetermos à imagem ou sermos por ela dominados, mas de criarmos novos sentidos, e inventarmos composições que alterem nossa percepção do mundo em novas direções. Em nossas leituras dos programas e nas entrevistas com os integrantes do Mate com Angu pudemos perceber que o trabalho de produção e exibição de filmes proposto pelo grupo procura romper com o imediatismo das imagens, de seu apelo fácil e superficial. Ao não se contentarem em apenas mostrar o real, mas também em construir outras realidades possíveis para além do que se revela de forma imediata, sugerem novas possibilidades estéticas para o exercício de uma variedade de experiências culturais.

A melhor coisa que você pode fazer por uma pessoa é inspirá-la.

Bob Dylan[26]

Os programas distribuídos nas sessões de exibição de filmes são emblemáticos e ilustram o que os próprios entrevistados consideram como um valor do grupo. É por meio da palavra que pretendem estimular e sensibilizar o olhar. São textos provocativos, contundentes, convidativos, poéticos, inventivos e informativos que desconstroem e constroem o discurso, trazendo temáticas contemporâneas que dialogam com o conteúdo dos filmes que serão exibidos[27].

(...) Isso se tornou uma marca porque na verdade o texto é um espaço de experimentação também (...) texto eu aprendi nas nossas primeiras exibições, tanto em relação à construção da curadoria e a forma de como você vai colocar esses filmes com a construção do texto, eram formas de você estar se expressando artisticamente".

(...) mas sempre assinando Mate com Angu, nunca assinando [individualmente]... isso é outra coisa também, colocar em nome do coletivo...

(...) a gente não personaliza muito. Até o filme, eu falo que esse filme é um filme Mate com Angu, porque é a minha homenagem ao Mate com Angu (...) ele vem muito dos papos que temos, é um filme de conceito, um filme sobre preconceito, uma grade conceitual e 'você não assina o filme?', 'não, esse filme é do Mate, deixa ser o legado do Mate' .

(Igor Barradas)

[26] Citação do programa da sessão "Abrideira: para abrir caminhos e cabeças" (Mate com Angu: janeiro, 2005).

[27] Inserimos alguns desses textos procurando contextualizar as análises das entrevistas. Nos anexos encontram-se os programas completos.

O relato de Igor mostra a dimensão da importância do trabalho coletivo empreendido pelo grupo. Não enxergamos nessa postura uma possível diluição da autoria ou das singularidades, mas o compromisso de reafirmar a força das idéias compartilhadas e de expressá-las. Por outro lado, ao apresentar o texto como "um espaço de experimentação", reconhecemos que este também é um caminho de criação e recriação estética no sentido tanto da forma quanto do conteúdo. Pois, ao proporem um olhar instigante e muitas vezes à "contra-pêlo", da linguagem do cinema, por meio do texto, eles experimentam a interface e o diálogo entre imagem e palavra. Ou como nos afirma Martine Joly, *"as palavras e as imagens, quer se queira ou não, revezam-se, interagem, complementam-se e esclarecem-se com uma energia revitalizante, enfim, nutrem-se e exaltam-se umas às outras. Quanto mais se trabalha sobre as imagens, mais se gosta das palavras"* (JOLY, 1996:133).

Na experiência do Mate com Angu, esse diálogo se amplia na medida em que, além dos textos, outras linguagens são incorporadas a cada sessão criando um espaço de encontro entre os artistas e suas produções ampliando, e aprofundando, a crítica do grupo sobre o trabalho com a imagem/audiovisual

(...) é uma atração musical, uma intervenção artística e poética, uma pintura, um trabalho, enfim, a gente sempre trabalha com o pessoal do Imaginário Periférico[28] *(...) Acho que isso é uma tendência importantíssima que o Mate soube captar.*

[28] "O grupo Imaginário Periférico se caracteriza como meio artístico natural do Rio de Janeiro. Não se prende a escolas, não distingue tendências e se libertou das galerias confinantes.
A proposta dos integrantes do Imaginário Periférico coloca em questão o "Meio da Arte carioca", discute se existe realmente um ponto geográfico determinante para que a arte contemporânea aconteça espontaneamente, amplia para a periferia o cenário da produção artística, atualmente centralizada e monopolizada por curadores, instituições e marchands.
O grupo tem forte ligação com a baixada, dando ênfase às propostas inovadoras, originais e oriundas de localidades da periferia do Rio, onde diversas pesquisas são desenvolvidas, potencializando a riqueza cultural característica da formação do Rio de Janeiro".
Trecho extraído do sítio **www.imaginarioperiferico.com.br**

Eu não consigo ver nada mais sociável do que você ter aí trezentas pessoas tomando cerveja, vendo filme, conversando, dançando, se conhecendo, debatendo, aprendendo, ensinando (...) Tem um foco, tem um motivo. O motivo é o cinema, as coisas ali do Mate giram em torno do cinema, e o cinema acaba sendo um irradiador de idéias para as pessoas (...) para mim a grande ferramenta do Mate com Angu está no programa (...) para mim é a verdadeira comunicação, porque é quando o Mate fala o que ele pensa para o público.

(Márcio Bertoni)

(...) imagem sem discurso fica vazia, entendeu? A imagem traz muitos símbolos, significados, signos...(...)

Esse compromisso estético é uma coisa que eu instigo até politicamente, dentro do grupo. É uma preocupação que eu tenho.

(...) a idéia é que a visão do Mate não seja massificada. A gente não quer ser a representação de uma classe, a representação estética de uma classe, a gente acha que tem que garantir a diversidade de visões. A única coisa que a gente tem que garantir é a diversidade de visões.

(Igor Barradas)

As idéias de Márcio e Igor em nossa análise apontam para a necessária e produtiva interlocução entre as diferentes formas de narrativas que fazem uso da imagem para a produção de conhecimento e sensibilidades. A confluência de diferentes vozes – texto, palavra, imagem, música, pintura... – constitui-se assim como um contraponto à dominância de uma única linguagem possibilitando a criatividade e a autonomia como fontes capazes de nos fazer recuperar formas mais sensíveis e críticas de leitura e interpretação do mundo.

3. IDENTIDADE CULTURAL

Pensar a sociedade seja ela qual for, como um corpo homogêneo e linear, sem a existência de conflitos e diferenças, é não reconhecer a possibilidade de invenção e transformação, legitimadora de sua continuidade. Para seu funcionamento, é indispensável, dentre outros aspectos, a coexistência de diversos territórios, diversos micro-mundos. Coexistência muitas vezes ancorada em uma dinâmica que hierarquiza e separa os indivíduos, determinando seu lugar social. Fronteiras que, na pós-modernidade (ou modernidade tardia como apostam alguns autores), mostram-se cada vez mais debilitadas pelas experiências impostas por processos globalizadores.

O que assistimos então na contemporaneidade é um estreitamento do contato – e da necessária convivência – entre diferentes culturas, produzindo no bojo da globalização dois movimentos: o primeiro que identifica nesse universo de superposição, incorporação e interação de diferentes atividades econômicas e culturais, uma tendência de apagamento e diluição de identidades locais em prol de uma cultura global, transnacional. O segundo que acredita que a globalização necessariamente não implica na substituição do local, ao contrário, pode provocar a necessidade de destacar singularidades, de fortalecer e preservar costumes, experiências e saberes localizados, como uma espécie de necessidade demarcatória.

A construção das culturas nacionais sustentou-se a partir de um discurso modernizador, da formação do que Stuart Hall chama de "cultura nacional" implicou numa "cultura homogênea" e manteve instituições culturais normatizadoras. (HALL,2002:50)

De acordo com Nestor Canclini (1997) as culturas nacionais se configuraram por meio de uma política de homogeneização modernizadora que subjugou a diversidade cultural e a variedade de produção e consumo a instâncias modeladoras do formato nacional, implicando em supressão ou, de outra forma, na tendência da cultura nacional em transformar a diversidade cultural (seja em termos de classe, gênero, cor...) numa única identidade. Zigmunt Bauman amplia nossa análise quando diz que nesse contexto não há supressão real da diferença, o que ocorre é uma situação na qual o "aspecto em que somos semelhantes é decididamente mais significativo que o que nos separa; significativo bastante para superar o impacto das diferenças quando se trata de tomar posições" (BAUMAN, 2001:202). Ao que Stuart Hall lembra que uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica "ela é também uma estrutura de poder cultural".

Num primeiro momento, podemos pensar a identidade cultural relacionada ao sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, ou seja, aquela cultura em que nascemos e apreendemos ao longo de nossas vidas. Não uma identidade natural, geneticamente herdada e sim àquela construída. Como na definição de Stuart Hall quando diz que "uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos" (HALL,1999:50).

Porém, em decorrência das mudanças que as sociedades vêm experimentando nos últimos tempos, as transformações de ordem individuais ou coletivas são inevitáveis, afetando assim a nosso modo de ser e estar no mundo, exigindo novos ordenamentos e configurações, especialmente culturais.

Se durante toda a modernidade as identidades estiveram protegidas no interior das diversas culturas nacionais, com a consolidação do mundo global elas estão sendo questionadas. Isso se deve ao fato de que os discursos dentro dos quais eram construídas, agora se mostram insuficientes na tensão entre os fluxos e demandas globais. Para Stuart Hall

> *(...) um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX (...) esses processos de mudança, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada.* (HALL, 2005:10)

Essa modernidade "transformada" ou "tardia" como também se refere Hall ao mundo globalizado, não só desafia a capacidade do Estado Nação circunscrever e limitar os processos culturais ao seu interior, como também ampliou largamente as trocas simbólicas e as redes de construção de significado dentro das quais as identidades se sustentam. Com isso, aquela que era a configuração hegemônica da identidade cultural durante toda a modernidade, a nacional, entrou em uma forte crise de significação.

É essa crise de significação diante dos processos globalizantes que faz da identidade uma questão fundamental na atualidade. Como afirma Mercer "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo se supõe fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza" (MERCER apud HALL, 2005:9).

Nas últimas décadas, diversos pesquisadores, das mais distintas tradições teóricas, vêm se ocupando em estudar a globalização e os processos que decorrem desse fenômeno. Otávio Ianni (2000) recorre a metáforas como "aldeia global", "fábrica global", "nave espacial", "nova babel", entre outras para demonstrar que ser moderno implica em anular-se individualmente e dedicar-se, através da mídia, ao consumo de bens e informações. Zigmund Bauman (1995), por sua vez, procura entender a globalização a partir de seus efeitos sobre a economia, a política, as estruturas sociais e até sobre nossas percepções sobre tempo e espaço para sustentar que a globalização tanto divide quanto une, abrindo um fosso cada vez maior entre os que têm e os que não têm. Já Stuart Hall (2001) concebe tal processo como um agente responsável pelo deslocamento de identidades nacionais e culturais, cada vez mais passíveis de influências exteriores. Renato Ortiz (1996) propõe a distinção entre os termos "global" e "mundial" referindo-se ao primeiro em relação aos processos econômicos e tecnológicos e ao segundo termo à idéia de mundialização, ao domínio da cultura.

Cada um destes pontos de vista, resumidamente citados, contribui para uma melhor compreensão do tema, porém, para nossa pesquisa interessa-nos a perspectiva de Nestor Canclinni (2003), que, ao invés de perceber a globalização como um esquema tácito e universal, a entende para além das possíveis tensões correlatas ao esquema local-global, como uma instância imaginada.

Para o autor, os discursos sobre a globalização integram uma rede de narrativas e significados que nem sempre se relacionam de forma coesa. Dessa rede surgem interpretações que nos forçam a desconstruir esquemas conceituais cristalizados, entre eles a globalização como um momento de expansão irreversível do neoliberalismo e, portanto, como a única forma capaz de permitir a

reprodução das relações culturais, sociais e econômicas da atualidade.

Considerando que esses impactos são incorporados de diversas maneiras pelas diferentes nações, organizações e indivíduos e, dentro dessas nações, por diferentes setores, a forma como ela vai se constituindo e se relacionando com as culturas locais e regionais não pode ser pensada de forma homogênea. Para Nestor Canclini "muitas diferenças nacionais persistem com a transnacionalização, e o modo como o mercado reorganiza a produção e o consumo para obter maiores lucros e concentrá-los converte essas diferenças em desigualdades". Essa reflexão, baseada no estilo neoliberal de globalização, é acompanhada pela indagação sobre se seria esse estilo, o único ou o mais satisfatório modelo para efetuar a reestruturação transnacional das sociedades (CANCLINI, 2005: 34).

Embora seja com freqüência via debate econômico que este modelo sugere o lugar de maior destaque em torno dessa questão, interessa-nos como tema de pesquisa a proposta do autor em examinar o que a globalização tem de cultural, ou seja, a possibilidade de se interpretar outras perspectivas de análise que revelem como os homens se relacionam e constroem significados em sociedade. E, nessa perspectiva, compreendermos o quanto e de que maneira esses significados são tecidos na contemporaneidade, bem como suas referências vão constituindo novas formas de ser e estar no mundo.

Mas se é verdade que as afirmações em torno da crise da identidade nacional podem ser sustentadas pela forte crise de significação configurando hegemonicamente as identidades, por outro lado observamos que a identidade ao "esvaziar" sua face nacional vivencia um momento rico de experimentações, hibridizações e

fragmentações, pluralizando-se. Quando não se tem mais a mediação da nação, outras vias entram em jogo como a tradição, a religião, a cor, a sexualidade, o lazer e as práticas de consumo, por exemplo. A constatação é a de que os modelos explicativos do passado já não são suficientes para dar conta da identidade no mundo contemporâneo, onde o universo cultural do Estado Nação é insuficiente para sustentar as identidades. O que assistimos é a emergência de outros espaços de pertencimento no interior da sociedade marcada pela mundialização e pelo consumo.

Mais uma vez Bauman nos ajuda a pensar sobre as identidades, caracterizadas por ele de "fluídas", no contexto pós-moderno e da sociedade de consumo – onde tudo se torna possível escolher ou comprar – quando afirma que "Tudo numa sociedade de consumo é uma questão de escolha, exceto a compulsão pela escolha – a compulsão que evolui até se tornar um vício e assim não é mais percebida como compulsão" (BAUMAN, 2001:87). Na medida em que a imagem da consistência e fixidez associada à identidade moderna se esvai, passando por sucessivas ressignificações, a construção ou busca de identidade passa a ser um esforço incessante de estabilizar ou dar mais consistência à nossa biografia. Um exercício, segundo o autor, frustrante, pois, a estabilidade, por menor que seja, impõe ao indivíduo a desagradável sensação de deixar de escolher, de abster-se da possibilidade de experimentar sempre.

Para Stuart Hall operamos dentro de uma estrutura discursiva, por meio de códigos culturais – lingüísticos, corporais, simbólicos – e sociais, e a maneira como elaboramos e articulamos essa estrutura é um processo de identificação em permanente construção.

> *Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar e ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.* (HALL: IN Silva: 2000:108).

É necessário, portanto, compreender as identidades, construídas dentro e fora do discurso, como uma produção histórica e institucional específica, relativizando as formas de ser e estar no mundo, desnaturalizando a maneira de enxergá-lo. Isso porque a relatividade, a liquidez, a fluidez como marcas da pós-modernidade produzem novos padrões em relação aos quais as identidades são construídas.

Hoje, individuar-se significa muito mais se redefinir continuamente. O verdadeiro obstáculo não estaria mais na capacidade ou não de mudança, mas em como assegurar a unidade e a continuidade da história individual num mundo de complexidades e alternâncias existenciais. Os modelos estáveis de identidade que os grupos e instituições forneciam em contextos pré-industriais dão lugar a um alargamento de possibilidades e escolhas e de construção de autonomia e possibilidades de realização.

Contudo, as possibilidades que os indivíduos têm de fazer escolhas em suas vidas cotidianas não são totalmente livres. Elas dependem dos vínculos que estabelecemos nas múltiplas redes que constituem o social. Numa sociedade complexa, o indivíduo se constitui por uma multiplicidade de papéis como forma de se ajustar

às rápidas mudanças a que é submetido. Nesse sentido, este ser múltiplo não estaria referido a uma essência permanente, mas ao processo sucessivo de identificação e de relações produtoras de identidades sociais e culturais.

No reconhecimento de identidades passíveis de constante redefinição e experimentação de múltiplos papéis, a vida cotidiana se apresenta como uma esfera privilegiada de conquista da autonomia e de formas políticas de sociabilidade democrática. Formas de participação que, na contemporaneidade passou a ser um grande desafio, ou seja, a construção da unidade social em sociedades marcadas por significativas diferenças e desigualdades pessoais e coletivas, tornando a escuta de si e do outro condição para o reconhecimento e a comunicação. É nessa relação solidária que o indivíduo é instado a assumir a própria identidade e entrar em conexão com a diferença e, ampliando-a para uma relação democrática, rejeitar as desigualdades que venham a configurar a constituição das coletividades humanas. Porém, acreditamos que a possibilidade democrática para que essas relações ocorram, dependerá diretamente do estágio de desenvolvimento de cidadania em que a sociedade se encontra. (CARRANO: 2005)

3.1 O imaginário da baixada para o mundo

As motivações individuais que geraram a formação do Mate com Angu partiram da necessidade de expressão e de afirmação das identidades tanto pessoais quanto coletivas e locais. O encontro acontece, porém de forma não linear tendo em vista as experiências e trajetórias particulares. O que podemos identificar pelas narrativas é que existe uma convergência de idéias fortemente ancoradas pelo desejo de romper com os estigmas de pertencer a um território marcado pela falta, pela "carência", quase um "não lugar". A cultura

foi o caminho em comum, onde, por meio do sentimento de pertencimento à cidade, encontraram formas de ampliar as possibilidades de apreensão da realidade em que se encontravam e de alguma forma, nela interferir.

Antes de iniciar as atividades do Mate com Angu, Heraldo, em 1996, funda uma rádio comunitária – a Quarup FM – e depois, em 2000, um sítio na Internet – o Baixada On – com o objetivo de veicular e circular notícias da cidade para seus moradores e para outros lugares fora de Caxias.

> *A gente fez uma rede de pessoas para ficar divulgando, ficar espalhando as notícias. Montamos um informativo, o* Informe Quarup*, as pessoas ouviam, pela primeira vez, informações de Caxias pelo rádio". "Os jornalistas todos usavam o site como referência. A gente aplicou os princípios todos da rádio no* site*. Pegar a baixada, aquilo que ninguém conhece e colocar na rede para o mundo todo, divulgar as notícias, os eventos, os artistas....*
>
> (Heraldo Bezerra)

Para Igor, a vontade de intervir, refletir e dar visibilidade à Caxias, já nasce a partir do curta metragem *Progresso Primavera* quando em 2001 decide registrar as transformações do bairro Primavera entrevistando seus moradores

> *(...) Durante o processo, a única coisa que eu tinha na minha cabeça era a questão do progresso, a mudança que o bairro estava tendo nos últimos tempos. Aí eu decidi fazer um filme (...) a minha idéia era refletir sobre o progresso e fazer uma crítica (...) Hoje em dia, dos que eu entrevistei a maior parte já foi. Muitos vieram falar comigo, contar suas histórias, então eu virei meio o cara do bairro.*
>
> (Igor Barradas)

O filme é lançado na praça, sua exibição é um acontecimento cultural na comunidade e, logo depois ganha repercussão em mostras de curta metragem. É a exibição na praça que marca seu encontro com HB e as conversas que iriam dar origem à criação de um movimento audiovisual na Baixada, mesmo período que acontece a retomada dos cineclubes e a possibilidade de democratização da linguagem do cinema por meio de tecnologias digitais. Nas palavras de HB, o Mate com Angu nasce como

> *(...) uma experiência de investigar a imagem, o olhar.* ***O imaginário da região, para a gente mesmo e para o resto do mundo*** *(...). Ser um pólo investigador do imaginário dessa região, através de filme, de debate, de fotos...e, esse pólo aglutinador de pessoas, hoje se consolidou, é gente de várias linguagens que aparece ali, músicos, muitos artistas plásticos, escritores (...).*
>
> (Heraldo Bezerra)

Além de ser um pólo investigador da Baixada, o Mate com Angu também passa a ser um espaço onde as produções de diversas linguagens circulam, onde pessoas de diferentes lugares se encontram para ver, conhecer, discutir e produzir cinema. Essa ampla circulação acaba fazendo desse movimento um lugar de múltiplas referências culturais onde a identidade local e suas representações dialogam com outras identidades. Num exercício de reconhecimento do outro, do diferente, estabelecendo assim estruturas de convivência, regras e códigos simbólicos próprios, singulares e conseqüentemente diferenciados, constituindo uma cultura particular.

Mas as formas de representação e de ações coletivas podem assumir larga diversidade, constituída pela maneira com que os homens instituem socialmente as suas relações, formas de produção, de consumo, de criação e difusão de conhecimentos, os valores morais, crenças, conteúdos éticos e estéticos, estabelecendo uma

relação permanente – e indissociável – entre o indivíduo (singular), a sociedade (grupal) e a espécie humana (universal).

Encontramos nas práticas exercidas pelo grupo Mate com Angu uma clara intenção de ampliar as possibilidades não somente objetivas, mas também subjetivas de apreensão da realidade, em particular pela da linguagem do cinema, nos planos conceitual, ético e estético. Por meio das entrevistas, textos dos programas e participando das atividades de exibição, pudemos observar que na constituição do grupo o sentimento de pertencimento ao coletivo social e ao gênero humano, é tecido de tal forma que eles se sentem pessoas integradas e conectadas como cidadãos de uma comunidade, mas também de um país. Do mundo.

Bom, todo esse papo da democratização do audiovisual, eu compreendo como uma tendência contemporânea, que extrapola as barreiras de divisão política, tanto que a gente tem notícia que o maior produtor de audiovisual do mundo é a Nigéria, seguida da Índia. Aí a gente não esta falando de cinema em 35 milímetros, do cinema em película, o cinema feito com orçamento de oito milhões de Hollywood, a gente está falando do audiovisual enquanto linguagem. Então o que acontece? Há uma tendência que nesse momento tem alguém no subúrbio de Paris, filmando a sua realidade enquanto indivíduo inserido em um momento histórico. Isso está acontecendo em Angola, isso está acontecendo em Japerí, isso está acontecendo em Botswana, isso está acontecendo em vários lugares que alguém tem uma câmera na mão (...) E se hoje você tem uma maior chance de fazer, ou de promover essa construção em cinema, a tendência é de que existam vários coletivos em vários lugares do mundo, já que a gente vive uma cultura globalizada. Enquanto identidade de Caxias, eu acho que é fundamental o papel do Mate, porque ele permite que algumas pessoas, ainda que sejam algumas, registrem esse momento (...) A gente tem mesmo a pretensão de se autodeclarar precursor e de fomentar essa coisa de querer que as pessoas façam, que produzam também. (...) Acho que

hoje a Baixada Fluminense tem milhões de outras potências de criação artística com caráter revolucionário, que acabam sendo soterradas por uma realidade sócio-econômica que não permite que floresça. (...) Porque realmente, a gente não se vê dissociado do mundo. E caramba, se hoje Israel vai estar mostrando o seu filme ou a sua realidade atual através de um registro visual, eu acho que Caxias tem que fazer isso também é a maneira de manter essa identidade, é a síntese do Mate: estruturar e disseminar essa identidade caxiense, filmando.

(Fabiana Pimenta)

Esse exercício de pensar a identidade cultural da Baixada como parte de uma construção histórica que se dá de forma global, como nos fala Bia, requer a construção de referências – pessoais e coletivas – que reconheçam no contato com o outro o que os diferencia e o que os aproxima, o que marca sua identidade, uma vez que sua construção se dá de forma relacional. Ou seja, a identidade se distingue por aquilo que ela não é (WOORDWARD, 2000). Assim, é do mundo externo que vem a função formadora de nossa identidade, presente em nosso imaginário e transmitida, fundamentalmente, por meio da cultura. Ela é definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes na produção da vida material. Porém essas mesmas condições que produzem diferenças, muitas vezes são produtoras de desigualdades e geradoras de preconceitos

Porque nós estamos vivendo um momento muito rico, eu tenho medo de ser desperdiçado, com reforços de estigmas. Que é, por exemplo cinema de periferia, cultura de periferia (...) a Baixada, nunca é vista como um centro produtor de conhecimento, é sempre a rebarba, pós a onda ter arrebentado (...)

Não podemos nesse momento – e o Mate bate muito nisso – se render a mais um carimbo, a gente não quer ser rotulado. ***A gente não faz cinema de periferia, a gente faz cinema e ponto****.*

O que está pensando o mundo, nós estamos dentro, nós estamos na mesma onda (...) a quantidade de gente dos últimos anos que veio estrear os filmes deles aqui em Caxias, tendo tudo na zona sul para lançar o filme lá..." Não. Eu quero lançar em Caxias porque...". Isso aí é muito emblemático, isso é uma sinalização que a gente quer deixar (...) de que as nossas discussões são as mesmas que estão em qualquer lugar do mundo.

E o Mate com Angu, tem feito uma coisa, que eu sempre gosto de dizer isso, porque é uma inversão de um fluxo cruel. O que acontece é que nós sempre fomos para o Rio para ver as coisas e agora gente de lá esta passando a vir para cá. E quem vem, fica apaixonado (...).
(Heraldo Bezerra)

Muitos vêm de fora e a gente investe nesse processo inverso. Sem discriminar. Se a gente quer cultura não quero engessar dizendo que só a nossa é legítima (...) A classe média tem o mesmo direito de estar presente e a classe alta também, e não adianta só fazer o filme. Se o cara não pegar o ônibus e não vier aqui, entrar lá na Lira de Ouro para sentir aquele clima, não vai adiantar (...) e quando eu falo povo, não estou falando de um povo específico, eu não estou falando do povo pobre ou do povo periférico, eu estou falando de todo mundo.
(Cacau Amaral)

Como Milton Santos, quando afirma que "Cada lugar é, à sua maneira, o mundo" (SANTOS, 2002:314) HB e Cacau procuram localizar em suas falas, as referências de "lugar" e "mundo". Temos clareza da complexidade dessas palavras para aquele pensador, mas, nos parece que elas ganham pertinência para entendermos o Mate com Angu como um espaço de construção de pertencimento local, muito embora essa construção no mundo de hoje, seja acompanhada

pela fluidez dos espaços e identidades. Neste sentido, entendemos o lugar como espaço da vivência e da convivência onde a reinvenção da experiência permite reavaliar o que herdamos e indagar sobre o presente e o futuro. Portanto o existir nesse espaço pode ser revelador sobre as coisas do mundo (SANTOS, 2001). Como também pode nos levar a relativizar o que entendemos por "centro" e "periferia". Não seriam esses conceitos forjados a partir do lugar – físico ou simbólico – de onde estamos ou falamos? Em vários momentos das entrevistas a impressão que tínhamos era a de que estávamos no "centro" de algo latente e mobilizador para a cena cultural de Duque de Caxias colocando os lugares, definidos como "centrais" na "periferia" desse movimento. Parece-nos que, além do movimento de demarcação e afirmações das identidades locais encontramos também um outro movimento que resiste em reconhecer a interlocução como possibilidade e a transitoriedade como condição mesma de existência.

No caso de Duque de Caxias essa questão é marcante, pois, como já dissemos, trata-se de um lugar coberto por camadas de estigmas que tornam invisíveis a vida cultural que ali é produzida. Levantar essas camadas e tornar visível a identidade e a produção cultural da Baixada é um desafio aceito pelo Mate com Angu. Nas narrativas que se seguem veremos as percepções particulares de nossos entrevistados sobre o que constitui a identidade caxiense

(...) existe uma cena cultural, especificamente falando de Duque de Caxias, que a gente tem que ter a ousadia de mostrar para o mundo. (...) Dar visibilidade porque existe uma produção cultural enorme em Caxias, mas eu não sei se dá para falar da identidade de Caxias (...) Acho que essa produção não tem uma cara de Caxias não, ela tem uma influência. (...) Ela tem uma referência, até porque Caxias não tem uma cara específica. Eu não acho que Caxias tenha uma cara de Caxias, entendeu? Eu acho que

Caxias não dá para estereotipar, dizer: 'olha, Caxias tem essa cara'. Caxias é nordeste, é sul, é sudeste, é norte.(...) ***Porque eu não acredito nessa coisa de identidade agora, não é só em Caxias, acho que no planeta inteiro está se diluindo*** *(...).*

Caxias me passa impressões e não são boas impressões. E acho pelo fato de não serem boas impressões, elas causam uma necessidade, um movimento nas pessoas de revolta que faz com que as pessoas se movimentem. A realidade de Caxias acaba fazendo com que a gente se movimente. (...) Acho que é por isso, pelo fato de não ter coisas boas, ela te provoca uma reação.

(Márcio Bertoni)

A gente começou a perceber, a própria a vida social do país com a Baixada e a estudar a história dos filmes que foram feitos na Baixada, (...) tudo o que vinha da cidade tinha uma textura muito forte, uma carga estética muito própria (...) Origem das migrações e pessoas que tinham uma carga cultural monstruosa, que foram oprimidas em nome de um preconceito, havia uma certa marginalização dessas pessoas, que não podiam expressar aquilo que elas achavam bonito e isso ficou oprimido (...) a gente sabia que tinha que dar um jeito para que elas pudessem verbalizar isso também. ***Mas isso tudo não é uma coisa fria, é uma coisa que você vai refletindo e quando você vê já está entrando num processo de diálogo intelectual, de comunicação, de estética****....*

(Igor Barradas)

É entre o local e o global, entre a afirmação de identidades e sua diluição ou fragmentação que se encontram ancoradas as práticas culturais de grupos como o Mate com Angu. Sem negar as tensões e conflitos deste cenário, o grupo as incorpora em seus processos e atitudes para intervir e superar leituras homogêneas e unificadas do mundo.

O texto da sessão *Mosaico – cinema com cacos de vidro* serve como exemplo a essa questão

caco de vidro azulejo muro chapisco
pedaços pedacinhos espelhos desenho trama urdidura fractais pedras
peças losangos quadrados recortes pintura plano cena figuras figurino Brasil
Caxias encaixes geometria caos.
um cinema com cacos de vidro nos olhos.
documentários lançados com a potência da pedreira, filmes projéteis
à procura de sentidos, imagens buscando revelar uma nação.
uma noite em um cineclube em uma cidade de um país de um
planeta de uma galáxia. as partes e o todo inexplicável.
(Mate com Angu, Julho, 2007)

4. JUVENTUDE: APENAS UMA PALAVRA

mais que idade: atitude

Ao levantarmos, num primeiro momento, os pressupostos dessa pesquisa, consideramos que a categoria "juventude" traria algumas "pistas" para o nosso campo de análise por identificarmos o Mate com Angu como um movimento com características bastante semelhantes à dos grupos que buscam no campo da cultura caminhos e possibilidades de manifestação e afirmação de identidade. No decorrer das entrevistas percebemos que, embora não o desconsiderem, esse "recorte" não ocupa um lugar central no projeto do grupo. Por outro lado, e apesar dessa percepção, acreditamos que as referências teóricas sobre a juventude trazem contribuições relevantes para uma melhor compreensão da "experiência geracional" que podemos encontrar no Mate com Angu ou como nas palavras de Bia

> *(...) eu acho que os ideais do Mate fazem parte de uma inquietação que já mexia, provavelmente, com gerações de várias épocas, em outros lugares do mundo. Mas eu diria jovem na energia mesmo, na vitalidade, na experiência em comum.*
>
> (Fabiana Pimenta)

Mas...o que é ser jovem?

Essa indagação vem acompanhada de diferentes respostas que mudam no decorrer do tempo e em espaços sociais diferentes. Por ser uma categoria socialmente construída, não existe uma única definição que dê conta de todas as suas dimensões. Como diz Regina Novaes "é um sujeito de frases com muitos predicados, que variam de acordo com quem fala, de que lugar social onde fala e em que circunstância fala" (NOVAES, 2001:6).

Para a autora, em torno da idéia de juventude existem múltiplas disputas simbólicas, materiais, históricas e políticas, expressas por meio das esperanças depositadas em relação ao presente e das expectativas de futuro. A juventude simbolizaria, assim os dilemas contemporâneos a partir de três narrativas: como um problema social, onde a juventude freqüentemente é associada à violência, delinqüência, comportamentos perigosos, comumente presente no discurso de educadores, pesquisadores, nas formulações de políticas públicas e instituições que dirigem seus projetos sociais a esse segmento. Outra narrativa é a de que na juventude estaria depositada a possibilidade de mudança, de criatividade. De mudar o presente e construir um novo futuro. Uma redenção onde os jovens pudessem realizar o que os adultos não conseguiram. E há ainda, a figura do jovem como o herói, mártir, mito da beleza, que nos dias atuais se presentifica por meio de um ideário pautado pela indústria cultural e de consumo, e onde os prazeres e vantagens de ser jovem são enfatizados. Liberdade, atributos físicos, busca de novas sensações entre outras imagens atribuídas à juventude, são incorporadas pelos meios de comunicação e pela publicidade identificando no jovem um "produto" desejável. (NOVAES, idem: 7). Análise compartilhada por Maria Rita Kehl quando esta afirma que, ao descobrir nos jovens uma "nova fatia do mercado" a indústria cultural e de consumo nas sociedades capitalistas, transformaram a juventude não somente num "slogan", como condição para se "pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa", mas também identificaram que esses se revelavam como um "poderosíssimo exército de consumidores". (KEHL, 2004:93).

Sem querer limitar sua análise aos jovens da elite, que detêm as reais condições econômicas para o consumo, a autora enfatiza que "por serem pautadas pela indústria cultural, as identificações se

constituem por meio de imagens industrializadas". Daí podermos considerar que, mesmo sendo poucos os jovens capazes de consumir, a imagem difundida do jovem consumidor apresenta-se à identificação de todas as classes sociais. A sensualidade, a busca de prazeres e novas sensações, o culto ao corpo, a liberdade, inclui todos os jovens, independente de seu lugar social, econômico e mesmo territorial. Todos se identificam com o ideal imposto pela publicidade, o que acarreta o paradoxo do jovem que se vê contemplado e incluído na imagem veiculada, mas excluído das possibilidades de consumo. Esse fato evidencia a situação de desigualdade entre esses jovens que se percebem excluídos, acarretando, no limite, situações de violência e inconformismo.

Essas análises nos mostram que existe um campo de imagens que convivem se alternam e disputam entre si o conceito de juventude. Sabendo que ao longo da história a noção de juventude ganhou contornos diferenciados e nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada, trazemos as considerações de Helena Abramo, com o objetivo de ampliar esse campo de análise:

> *Tal como foi consolidada no pensamento sociológico, a juventude 'nasce' na sociedade moderna ocidental (tomando um maior desenvolvimento no século XX), como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe. Preparação feita em instituições especializadas (a escola), implicando a suspensão do mundo produtivo (...).*
> (ABRAMO, 2005:41)

Ficar livre do mundo do trabalho e dedicado ao estudo numa instituição escolar se tornaram então, os elementos centrais da condição juvenil. Noção que reflete uma realidade circunscrita – principalmente aos jovens estudantes das classes economicamente mais favorecidas – a um período de interregno, de transição, de ambigüidade, de suspensão. Uma concepção que encara a juventude como algo que ainda não é, mas ainda será, excluindo de seu sentido o tempo presente. Outra concepção recorrente aponta o jovem como o transgressor, rebelde, marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, pela crise, como já mencionamos. Porém, tanto uma como outra, sinaliza a autora, são apontadas como *"restrição do conceito de juventude a uma condição de classe"* e, citando Bourdieu a *"apenas uma palavra" que não se sustenta se observados os diferentes modos de inserção dos componentes dessa categoria etária na estrutura social".* (ABRAMO, idem: 42).

Tais concepções apontam para uma tensão entre análises que privilegiam o plano simbólico, a partir da idéia da condição juvenil como uma fase de vida, considerando-a, no limite, como um mero signo, construção cultural desvinculada das condições materiais e históricas, e análises que privilegiam sua posição na estrutura socioeconômica, também, no limite, destituída de significação social.

Entendemos que, como toda categoria socialmente construída, a juventude possui uma dimensão simbólica, mas também e, em especial no âmbito das questões aqui apresentadas, deve ser analisada a partir de outras dimensões: materiais, históricas, políticas e culturais, nas quais toda produção social se desenvolve.

Nesse sentido é preciso levar em conta as mudanças históricas que imprimiram marcas à condição juvenil e que nos auxiliam a ampliar sua análise. Mudanças no plano das transformações

econômico-sociais, no mundo do trabalho, no plano dos direitos (resultando, por exemplo, a coibição do trabalho infantil e a extensão da escolarização), e da cultura (com uma intensa valorização da imagem e valores juvenis).

A inserção da juventude nas diversas dimensões da vida individual e coletiva, como trabalho, participação social e política, entre outras, modificam sua condição de suspensão, de transitoriedade, de adiamento. A juventude passa a experimentar uma vivência própria, em múltiplas instâncias de socialização, não mais só na família e na escola, mas também nos campos do lazer e da cultura que assumem especial importância na constituição da sociabilidade, das identidades e da formação de valores.

Mas se essa nova condição de se viver a juventude, ancorada em grande medida pela noção moderna da experiência dos jovens mais abastados, funciona até hoje como um padrão, há que se considerar que esta mesma condição encontra-se atravessada pelas diferenças e desigualdades impostas pela situação de classe em que esses jovens se encontram. O que nos leva a considerar a noção de *juventudes* no plural, explicitando assim a diversidade de modos de ser jovem, que se concretiza em condições sociais, culturais, de gênero, de cor.

Aqui essa questão é central, na medida em que traz a discussão sobre as desigualdades e injustiças presentes nessas diferentes juventudes e, em certa medida, possibilita que os jovens das classes populares se pronunciem a respeito de suas experiências, e exerçam sua cidadania, expressando desejos e expectativas, condição mínima para que possam alcançar formulação no plano dos direitos, e de não verem negada sua identidade.

Embora não haja consenso na sociedade atual quanto aos limites da faixa etária que defina o que é ser jovem, a referência mais utilizada por organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), é a faixa de 15 a 24 anos e, pela UNESCO de 15 a 25 anos. Porém, há países que antecipam ou prolongam os limites de idade como na Colômbia, entre 12 e 26 anos, no México entre 12 e 29 anos, na Argentina entre 14 e 30 anos, na Guatemala e Portugal, entre 15 e 25 anos e no Chile, Cuba, Espanha, Panamá e Paraguai, entre 18 e 30 anos (CHILLÁN, 2005: 80). No Brasil, algumas pesquisas trabalham com o conceito de jovens adultos, situados entre 18 e 21 anos e a Secretaria Nacional de Juventude, utilizando um parâmetro internacional, considera jovens aqueles na faixa entre 14 e 29 anos.

Apesar de existir atualmente uma emergência e disputas em torno dos estudos, da fala e das políticas públicas sobre e para a juventude, particularmente no âmbito do presente trabalho, importa-nos identificar em que medida o significado de "ser jovem" como uma marca identitária foi o que motivou a criação de vínculos e a formação do Mate com Angu. Podemos perceber pelas entrevistas, que outros recortes como a cultura, a linguagem do cinema, a arte e a comunicação, por exemplo, foram as questões centrais para a construção de vínculos e projetos em comum. Por outro lado, entendemos como afirma Regina Novaes que "toda a experiência geracional é historicamente inédita, os jovens de hoje vivem uma situação singular" (NOVAES,2005:110).

Cabe ainda ressaltar que, a categoria juventude faz parte do nosso campo de análise mais como uma referência da experiência geracional em comum, nos auxiliando na interpretação dos valores e atitudes dessa experiência, do que nos limites de uma condição etária.

Vale também dizer que por trabalharem com o audiovisual, linguagem tão presente no mundo contemporâneo, a capacidade de mobilização em torno da juventude é muito latente no projeto do grupo. O depoimento de Raquel Lopes, moradora de Duque de Caxias e freqüentadora das sessões do Mate, quando indagada sobre a influência do cineclube para a vida cultural de Duque de Caxias, ilustra essa afirmativa

> *É plena expansão, as pessoas começam a tomar conhecimento nos lugares onde têm jovens, porque aqui* [no Mate] *tem grande concentração de jovens. Acho que os jovens são os maiores difusores do Mate na cidade. Esse movimento dos jovens é o boca a boca, é a comunicação, são os* flyers *que são muito bem elaborados, a equipe que divulga, é uma desorganização muito organizada (...) é um movimento que vai crescer e cada vez mais e melhor, porque é um cinema consciente.*
>
> (Raquel Lopes)

III. 5. CIDADANIA CULTURAL

Caminho para novos tempos, identidades e espaços sociais

Compreender a condição da cidadania hoje e seus novos redirecionamentos não é tarefa simples, uma vez que, na atualidade, esta encontra o desafio de ampliar e se estruturar em moldes distintos dos que foram concebidos em suas formas clássicas, ou seja: as dimensões do indivíduo e seus interesses, do bem comum (ou da res pública), e da comunidade e seu pertencimento.

Percebemos a dificuldade dessa tarefa durante as entrevistas. Ao serem indagados sobre cidadania e sua possível relação com as praticas do grupo, identificamos certa resistência em reconhecer a existência dessa relação. Notamos que para os entrevistados a idéia de cidadania encontra-se ancorada nos moldes clássicos e é a partir dessa referência que eles afirmam não acreditar na sua possibilidade. Por outro lado, as ações empreendidas pelo grupo, bem como suas articulações, interlocução e desdobramentos dos projetos nos parecem que, de certa forma, pertencem ao campo da cidadania. Certamente "em moldes distintos" de sua clássica concepção, mas fazendo parte da construção de uma nova era de ampliação dos direitos, mais especificamente os que se encontram no plano cultural.

Embora, como afirma Bia, não seja a proposta do Mate "fomentar" a cidadania, vejamos o que podemos extrair de seu depoimento

E quando você fala de uma sociedade que tem uma carência muito grande, qualquer coisa pode ***fomentar a tal da cidadania****.* ***Só que não acho que seja essa a proposta do Mate, não.*** *Pode até acontecer... mas é um risco (...) O direito nunca vai ser igual. Não tem nem o direito, que dirá a igualdade. Então a gente não tem essa ilusão, mas sabe da importância de se usar esse* mecanismo [audiovisual] *e de como isso* ***pode mudar a vida das pessoas que margeiam esse projeto para uma participação mais consciente****.*

(Fabiana Pimenta)

A impressão que temos é a de que existe certo "desencanto" pelo tema diretamente ligado à forma como a cidadania tem sido, nos últimos tempos, conduzida pelas agendas sociais e políticas públicas. De fato, embora o compromisso do grupo seja afirmado a partir da intervenção "social e estética", dispensando a "atribuição" de ser um movimento em prol da cidadania, o que constatamos é que as atividades do Mate com Angu produzem implicações na vida e na cultura da comunidade "caxiense". Ao valorizar a identidade local, dar a ela visibilidade, expandir "o imaginário da Baixada para o mundo" com suas "dores e delícias", estão na verdade compartilhando e disseminando traços de uma realidade que, pela intervenção estética, acabam por provocar a construção de novas formas de inserção, social, cultural e política. Nesse sentido, nos parece pertinente considerar que as práticas culturais do Mate com Angu contribuem para o alargamento das possibilidades de se perceberem como pessoas integradas na dinâmica da sociedade, deixando de ser apenas espectadores, e permitindo-se ser protagonistas de suas próprias vidas, construindo suas próprias histórias. O depoimento de Igor exemplifica nossa afirmação

(...) nós temos uma teoria de que precisamos ***marcar esteticamente a cidade*** *(...) não adianta nada a gente ficar pensando em política, porque política se esvazia pela política, no sentido que eu detesto fazer cultura politiqueira, aquela coisa bem da política [partidária] mesmo, isso é uma coisa que a gente evita (...) Eu falo até da política cultural, certos grupos de política cultural que fazem a política cultural pela" demanda "(...) a política não se dá só no campo da política (...) quantas pessoas não fizeram política, [entre aspas], e fizeram a história da humanidade e interferiram (...) Então a idéia é que a gente não caia nesse hall da política, pura e simplesmente.*

O interesse é de dialogar tentando traduzir o que está acontecendo (...) é sobre isso que eu digo que ao fazer o Mate você está ***interagindo artisticamente e esteticamente com as pessoas****. Então às vezes a discussão tende para o político, puramente, porque é interessante no sentido de você estar entendendo todas as dinâmicas, todos os mecanismos, coisas que a gente precisa conhecer e dominar. Aí entramos assim em uma coisa que também pode ter uma visão de projeto político, mas um* ***projeto político que é estético também****.*

(Igor Barradas)

O desafio então de se construir novas formas de participação encontra na possibilidade de expressão e mobilização coletiva, diferenciada das antigas formas de organizações institucionalizadas de representação políticas, um caminho onde ganha relevância as expressões manifestadas por meio da cultura e suas representações. Neste contexto, a cultura emerge potencialmente como uma instância capaz de estabelecer conexões não só no interior dos diferentes segmentos como entre grupos sociais que se encontram economicamente e socialmente distanciados pela desigualdade, e que como o Mate, são produtores, tanto de discurssos como de práticas, capazes de reinventar os espaços – reais e simbólicos – de troca e interlocução. (QUIROGA, 2002: 175)

É com o processo de democratização no Brasil que surgem modalidades de participação social e exercício de cidadania, mobilizadas por novos atores sociais. Entram em cena os movimentos populares, os movimentos agrários, os movimentos de ação afirmativa com forte teor comunitário, convertendo-se muitos, na década de 1990, em organizações não governamentais. Nesse contexto as novas lideranças em setores específicos e, dentre elas, a atuação, por exemplo, da juventude que, por meio de movimentos culturais, partem dos territórios populares dos grandes centros urbanos, reivindicando a ampliação de sua representatividade política por meio da produção de várias formas artísticas e culturais.

Diferente de um passado recente, onde eram os jovens estudantes de classe média que traziam o novo, que reivindicavam, que definiam estilos, hoje assistimos à emergência dos jovens das classes populares que, ao se organizarem para fazer música, teatro, grafitar, produzir filmes, fanzines, organizar ações comunitárias...constroem o cotidiano sobre novas referências. (FREITAS, 2002:113).

Embora ainda nem tão visíveis, a não ser quando apontadas como compensação, prevenção ou substituição às mazelas sociais, nossa hipótese é a de que esses movimentos, como o Mate com Angu, ampliam a capacidade de participação e representação dos seus atores e de suas práticas no campo político e simbólico do universo cultural. Mais do que uma via de "inclusão social", trabalhamos com a concepção da cultura como direito.

Sobre essa concepção, Flávia Piovesan afirma que

> *A proteção dos direitos humanos, em uma sociedade cultural, requer a observância dos direitos culturais, enquanto direitos universalmente aceitos. Não há direitos humanos, nem tampouco democracia, sem a justiça cultural, sem a diversidade e o pluralismo culturais e, nem tampouco, sem que se assegure o direito de existir, o direito à visibilidade, o direito à diferença e à dignidade cultural.* (PIOVESAN, 2002:44).

Podemos entender então que o aperfeiçoamento do processo democrático passa a ser a maior ou menor capacidade da sociedade incorporar e reconhecer como legítimas as manifestações desses movimentos. Significa reconhecer, também, o lugar central da cultura, o fortalecimento das práticas locais e seu diálogo com outros universos simbólicos para o amadurecimento da democracia.

Pelo depoimento de HB, percebemos claramente que essa é uma possibilidade que ganha concretude nas práticas no Mate

> *A gente na verdade trabalha em uma rede que funciona muito bem. Uma das coisas que eu sempre pensei é que, na verdade, o Mate é a materialização de coisas que eu já imaginava um tempo e comecei a entender. A montagem de uma rede de pessoas que acreditam naquilo, elas 'compram o barulho' e falam mesmo. E você tem que descobrir o real poder que você tem, que a gente está sempre delegando, achando que o poder é uma coisa distante. (...) Outro dia eu falei: 'você tem que ser a sua televisão' (...) Então, a gente foi vendo o seguinte... dentro do Mate mesmo, várias pessoas têm ramificações, lugares diferentes e públicos diferentes, que* ***levam essa mensagem que é cultural e que repercute formando novas posturas*** *(...).*
> (Heraldo Bezerra)

Buscando aproximar essas reflexões ao processo de cidadania no Brasil, recorremos a Evelina Dagnino que chama atenção para a emergência de uma nova noção de cidadania, especialmente a partir da década de 1980, pelo fato de que ela

> *(...) expressa e responde hoje a um conjunto de interesses, desejos e aspirações de uma parte sem dúvida significativa da sociedade, mas que certamente não se confunde com toda a sociedade. Nesse sentido, evidentemente as apropriações e a crescente banalização desse termo não só abrigam projetos diferentes no interior da sociedade, mas também certamente tentativas de esvaziamento do seu sentido original e inovador.* (DAGNINO, 2004:103)

A autora aponta então, duas dimensões que dirigem essa nova noção de cidadania: a primeira, trazida das novas relações que a cidade propicia (ainda que tal fenômeno também ocorra no campo) ligada tanto aos movimentos sociais quanto aos diferentes segmentos, como por exemplo, o de mulheres, negros, ecológicos, homossexuais e de jovens, trazendo em sua organização a luta por direitos à igualdade e às diferenças. A segunda que identifica nessa experiência uma "ênfase mais ampla na construção da democracia, porém, mais do que isso, na sua extensão e no seu aprofundamento". (DAGNINO, ibidem p.103).

Para Dagnino, essas duas dimensões têm como conseqüência um terceiro elemento: o fato dessa noção de cidadania organizar uma estratégia de construção democrática, de transformação social na medida em que se constitui no interior das dimensões da cultura e da política ou, como afirma "Incorporando características da sociedade contemporânea, como o papel das subjetividades, a emergência de sujeitos sociais de novo tipo e de direitos de novo tipo, a ampliação

do espaço da política (...)". Haveria então, uma relação intrínseca na constituição da transformação cultural para a construção democrática. O desenvolvimento da cidadania abrigaria assim, as bases para a construção e difusão de uma cultura democrática. (DAGNINO, ibidem p.104)

Nesse sentido, entendemos que é fundamental a ampliação e o aprofundamento da concepção de democracia, transcendendo o nível institucional formal, de inclusão ou exclusão política. O que queremos ressaltar dessas dimensões é o quanto elas nos ajudam a compreender que, para além do terreno da política e das relações de poder, a cultura democrática é forjada pelo reconhecimento do conjunto das práticas sociais e culturais e, especialmente no caso brasileiro, pelas formas de sociabilidade excludentes e reprodutoras de desigualdades, e pelo quanto elas servem de referência para a construção de uma sociedade democrática.

Considerando que a afirmação da cidadania se dá por meio de uma construção histórica, definida por desejos e práticas concretas, sempre em transformação, seu conteúdo e significado são definidos em resposta à dinâmica dos conflitos reais, vividos pela sociedade num determinado momento histórico. Significa, portanto, entendermos que a noção de democracia e de direitos – intrinsecamente ligados à de cidadania – também se redefinem a medida que novas formas de sociabilidade, com bases mais igualitárias das relações sociais em todos os níveis, vão criando novas demandas, ao mesmo tempo que amplia os direitos conquistados – civis, políticos e sociais – e cria novos direitos. Um processo que sinaliza para a necessidade de construção de um aprendizado social que inclui tanto a constituição de sujeitos sociais ativos, como a de uma sociedade que abriga e reconhece a diferença e que possibilita a emergência de cidadãos que se encontram excluídos, permitindo que

saiam de seus lugares definidos socialmente e culturalmente e conquistem o direito de participar efetivamente do sistema. (CARVALHO, 2005).

Nas últimas décadas, a área dos direitos culturais ganhou centralidade com o debate sobre o direito à diferença, à diversidade cultural e com políticas de inclusão social. Um campo que abrange questões e problemáticas relacionadas às múltiplas dimensões do ser humano, como gênero, cor, etnia, linguagem, religião, faixa etária... a diversidade cultural, as diferentes identidades, o multiculturalismo, expressos não somente por via artística mas também pelas práticas de comunicação, na forma como os grupos estabelecem relações entre si, nos códigos simbólicos utilizados, nos valores cultivados, nas demandas e reivindicações dos diferentes grupos sociais. O reconhecimento deste campo de direitos, e sua efetivação, pressupõem, no entanto, indivíduos cidadãos e o pleno exercício da cidadania e, portanto, a coexistência, o reconhecimento e o respeito à diferença do código ético das múltiplas identidades culturais. Pressupostos que também se apresentam como um desafio, qual seja, o de conciliar igualdade e diferença.

Não seriam esses os pressupostos que até aqui encontramos na experiência cultural do Mate com Angu? Maior participação da comunidade na vida social e cultural, o audiovisual como um caminho para expressar idéias e demandas por direitos, afirmação da identidade caxiense, visão crítica e realista sobre a desigualdade, defesa de relações sociais mais igualitárias. Umas intervenções estéticas, como sempre reafirmam, mas que se opera dentro do campo do direito à cultura como forma de participação social.

No texto do programa da sessão em que comemoraram cinco anos do Mate com Angu: *Mate Ataca! 5 anos bicando as canelas!* esse compromisso mais uma vez é ressaltado como um "brinde" à "vocação" do grupo "amalgamando sonhos, fazendo pessoas se encontrarem, despertando paixões, vendo nascer projetos concebidos ao sabor do encontro, criando zonas temporárias de Utopia..."

> *Mas é com tesão renovado que o Mate chega a esse momento especial propondo ir além. O momento caótico que vivemos representa o terreno pantanoso típico dos momentos de transformação, onde o risco do próximo passo é um desafio perigoso e onde tendemos a repetir as fórmulas conhecidas. O Novo dá medo e é difícil andar pelo Desconhecido. Mas é necessário arriscar. É preciso avançar no território da Estética. Estética est ética. Com a doçura que nos é peculiar, mas com o cerol fininho e necessário. À moda cruel da Baixada, transando com o Novo Cinema Ainda – Não Rotulado Brasileiro.*
>
> (Mate com Angu, junho de 2007)

É por meio da estética, da arte, "à moda cruel da Baixada" que a intervenção cultural do grupo vai sendo forjada, buscando sempre e a partir da interação com a comunidade construir sua história. Mais uma vez recorremos a George Yúdice para ampliarmos nossa compreensão sobre como essas práticas se revelam no campo da cidadania. De acordo com esse autor, a cultura e a identidade da comunidade podem ser usadas para negociar os espaços de fala na cidade contemporânea, como um recurso, uma espécie de reserva disponível para a melhoria sociopolítica (e também econômica), Yúdice trabalha a cidadania fundamentada na participação ativa dos atores sociais buscando na idéia de cidadania cultural, noção criada por Renato Rosaldo no final dos anos 1980, apoio para falar de direitos culturais não jurisdicionados. Para o autor, a diferença pode servir como apoio para multiplicar recursos e conferir direitos à comunidade.

Cidadania cultural implica que grupos unidos por certos aspectos culturais, sociais e/ou físicos não deveriam ser excluídos da participação nas esferas públicas de determinada constituição política com bases naqueles aspectos ou características. Num contexto jurídico que habilita a litigação contra a exclusão e um ethos cultural-político que evita a marginalização do 'não normativo' (assim considerado pelo ponto de vista da classe hegemônica), a cultura serve de base ou garantia para fazer reinvidicações de direitos no terreno público. (YÚDICE citando ROSALDO, 2004; 42-43).

O que vemos no Mate com Angu é a proposta de reinvenção de uma visão crítica, no caso pela intervenção estética do audiovisual, produzindo novas formas de utilização de uma linguagem que, na maioria das vezes, é criada e absorvida de forma hegemônica.

O depoimento de Cacau em que fala de suas idéias sobre o audiovisual complementa essa afirmação

(...) eu não acho que o audiovisual vai salvar a vida de ninguém, muito pelo contrário, ele às vezes destrói as idéias das pessoas. Por isso que a gente tem que se apropriar dele. Entendeu? Muitas pessoas que usam audiovisual hoje não estão preocupadas com o próximo, sempre usaram para massificar (...) Então, acho que se a gente fomentar essa linguagem, vamos ajudar as pessoas a entenderem como é esse processo e não serem tão manipuladas...(...) porque nem todo mundo enxerga o cinema como uma arte, que ele é. A maioria das pessoas enxerga o cinema, o audiovisual, como uma verdade, uma informação.

(Cacau Amaral)

A questão colocada por Cacau sobre o cinema enquanto arte ou meio de informação, é discutida também por Ariano Suassuna em *Iniciação à estética*. Suassuna alerta que devemos fazer uma distinção cuidadosa sobre a predominância da obra produzida e sua

finalidade – de criação ou divulgação. Para o autor, se uma obra é feita para o cinema, em termos de criação da beleza, através de uma ação narrada principalmente por imagem, temos o "cinema como Arte, em pé de igualdade com todas as outras". Mas se o aspecto predominante é o da divulgação ou da informação, "o cinema neste caso será uma arte menor, um meio apenas de comunicação de massa", perdendo assim quase toda sua importância estética. (SUASSUNA, 2007: 349).

Não temos dúvidas de que para o Mate com Angu, a predominância de seu trabalho com o cinema é de criação, de suscitar sensibilidades, de provocar inquietudes. Mas a criação, a arte, não se dá em um espaço vazio, inseparável da realidade social, econômica, política e cultural. Podemos perceber, em todos os depoimentos, a conexão que os entrevistados fazem entre sua proposta de intervenção e a realidade, não só da Baixada, mas também fora dela. A arte interage, afetando e sendo afetada por diferentes dimensões da vida humana. Neste sentido se por um lado não devemos superestimar sua potencialidade transformadora (como Cacau chama atenção em seu depoimento) por outro, e nos parece que este é o caso do Mate com Angu, reconhecer sua importância como "impulso transformador" para a construção de uma nova visão de mundo, pode contribuir para o aprimoramento das pessoas e das sociedades. Neste sentido, a linguagem da arte talvez seja a que fala mais diretamente à subjetividade das pessoas, tornando-se um elemento-chave nos processos de afirmação de identidades e cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos como objetivo deste trabalho estudar a emergência de novas práticas de cidadania pelo caminho da cultura, procuramos identificar até que ponto essas práticas ampliam a participação e representação de seus atores no campo político e simbólico do universo cultural. A experiência do Mate com Angu nos revelou algumas pistas interessantes a serem consideradas. Menos de forma conclusiva e mais como possibilidades que se abrem para novas pesquisas e investigações.

Encontramos um grupo que formula sua proposta fortemente ancorada na identidade cultural da Baixada Fluminense, mas que também está em conexão com o mundo. Conseguem assim, tanto potencializar e dar visibilidade à cultura construída localmente, como participar de movimentos em outros territórios, como forma mesmo de experimentar as contradições de nosso tempo, em que a "globalização" pode não implicar necessariamente a substituição do local, mas ao contrário provocar a necessidade de destacar singularidades, de fortalecer e preservar costumes, experiências e saberes localizados.

Por não se constituírem como um grupo formal e institucionalizado (apesar de reconhecerem que muitas vezes essa condição inviabiliza alguns projetos que poderiam receber fomento) assumem que fazem parte de um movimento aberto à oxigenação, resistindo ao que chamam de "engessamento" de idéias e posturas. Um grupo que nasce e se fortalece, não por contrato, mas por adesão, ideais e projetos em comum, nos campos da cultura, do cinema, e da arte.

Percebemos o quanto é importante para a manutenção de o grupo alimentar-se do convívio com sua comunidade, interagindo e, como afirmam, intervindo esteticamente nesse lugar, "levando seu imaginário para o mundo". Fazem isso de forma consistente, fundamentados no conhecimento e no exercício de uma elaboração intelectual provocativa, que podemos identificar pelos depoimentos e pelos textos dos programas. Ao se apropriarem do audiovisual como linguagem para experimentações estéticas também constroem uma memória local pelo registro que fazem das representações, identidades e história da vida caxiense.

E, finalmente, percebemos que, embora a idéia de cidadania não esteja em pauta no projeto do grupo, as práticas individuais e coletivas que empreendem por meio da intervenção estético-cultural, se manifestam por uma participação social ativa. Entretanto não podemos desconhecer que a longevidade do grupo, só pode ser explicada pela capacidade que esses atores sociais conseguiram por meio de um elevado grau de participação – autônoma nas idéias e cidadã na forma; com uma estética particular, mas ao mesmo tempo dialogando com o mundo. Numa comunidade "à margem" da região metropolitana do Rio de onde vêm pela mídia, quase que somente notícias de exclusão, o Mate com Angu nos mostra que é possível o exercício e o sonho, o local e o global, a ética com estética.

ANEXOS

ANEXO A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome do entrevistado:

Local:

Nome do entrevistador

Projeto de pesquisa: Com a palavra Mate com Angu

Data

Trajetória pessoal/ história de vida

- Fale um pouco de sua história de vida: onde nasceu, quando, o que faziam seus pais, se tem irmãos, como foi sua infância e a escola.
- Do que gostava de fazer. Do que não gostava. De que grupos ou atividades participava.
- Influências para suas opções e idéias...(leituras, autores, filmes, pessoas...).
- Como foi o primeiro contato com o cinema.
- Por que decidiu trabalhar com essa linguagem.

O grupo

- O que é o Mate com Angu e o que representa estar nesse grupo.
- Outras atividades além do Mate.
- Como chegou ao Mate.
- Função no grupo.
- Articulação do Mate com outros movimentos culturais da Baixada e fora dela.
- Comentários sobre a interlocução do Mate com o poder público/Prefeitura e com a comunidade.
- Relação das atividades do Mate com: construção de identidade, espaço de sociabilidade, cidadania por meio de atividade cultural, reconhecimento social, criação artística, produção cultural...
- Mobilização do público para as sessões. Perfil e origem do público.
- Importância desse movimento na Baixada.
- Projetos futuros...

ANEXO B

FOTOS e PROGRAMAS

Organização da quadra da *Lira de Ouro* para a sessão *Mate Ataca! Cinco Anos Bicando Canelas!* Márcio Bertoni ao centro. (junho de 2007)

Heraldo Bezerra (boné) e Igor Barradas apresentam o tema da sessão em comemoração aos 5 anos do Mate com Angu (junho de 2007)

Público assiste à sessão em comemoração aos 5 anos do Mate com Angu. (junho de 2007)

Festa de aniversário após a sessão. (junho de 2007)

Integrantes do Cineclube Mate com Angu, na sessão *MATE ATACA! 5 ANOS BICANDO AS CANELAS!* (junho de 2007)

Mate Com Angu
cine clube

o cerol fininho da baixada

e ainda nessa edição:

- # AnguTV especial Mate
- # intervenções intrépidas do Imaginário Periférico
- # Forró pé-de-serra com Trio Dominguinhos do Recife
- # DJ Cezar Ray
- # DJ Brasilia (Festa Phunk!)

Dia 27/06/2007 Hora: 20h
Local: Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro
Rua Sebastião de Oliveira, 72. Centro de Caxias, próximo ao calçadão, paralela à Nilo Peçanha

www.matecomangu.com.br
matecomangu@curtacaxias.com.br

o mate é filiado à ascine-rj (associação dos cineclubes do estado do rio de janeiro)

apoios

CULTURA INGLESA

ABAETÉ
ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS

5 anos bicando canelas

"Quer saber a verdade? Não existem cineclubistas, cineastas, artes plásticas, músicos e teatros. Não existe o Mate Com Angu, o Cachaça, o Curta o Curta, o Nós do Cinema, o Cinemaneiro, o Malditos Filmes Brasileiros, a ASCINE, a Cavídeo e tantos outros. Tudo isto são apenas botons presos a uma jaqueta que um dia estará fora de moda."
(CinemaMito – texto Mate Com Angu para o MoLA 2005, no Circo Voador)

O Cineclube Mate Com Angu no mês de seu aniversário pede licença ao véu desta noite mágica para afirmar o que move suas entranhas.
Há cinco anos o Mate nascia apregoando um discurso contundente sobre o audiovisual, calcado e fascinado pelas incríveis possibilidades do digital e inspirado por experiências fascinantes como a da TV Maxambomba, por exemplo. Foi preciso fazer barulho dobrado para começar a ser ouvido, uma vez que é difícil a *inteligentzia* cultural carioca considerar como inovadoras idéias vindas dessas bandas de cá. *No quesito idéias a Baixada é sempre um lugar de reação e quase nunca de formulação...* Mas o Mate conseguiu se tornar conhecido como um ator com direito à fala no filme cultural do Estado e do país.
Muita coisa mudou e ao mesmo tempo nada mudou nesse tempo.

Mas o recente **Festival Visões Periféricas** representa um marco a ser observado com cuidadosa atenção. O surgimento e a ampliação de vários grupos ligados à periferia representam a consolidação de um discurso que está buscando novos caminhos para o audiovisual brasileiro.
Que a televisão precisa de maior presença negra, que a tecnologia digital possibilita que novas visões de mundo apareçam na tela, que o monopólio dos meios de comunicação precisa ser revisto, que é preciso incluir a periferia - todo esse discurso agora é como um *a priori*. Já há massa crítica, grupos e articuladores que vão tremular essas bandeiras e fazer a pressão necessária pra que essas mudanças aconteçam.

Mas é com **tesão renovado** que o Mate chega a esse momento especial propondo ir além. O momento caótico que vivemos representa o terreno pantanoso típico dos momentos de transformação, onde o risco do próximo passo é um desafio perigoso e onde tendemos a repetir as fórmulas conhecidas. O Novo dá medo e é difícil andar pelo Desconhecido. Mas é necessário arriscar. É preciso avançar no território da Estética. *Estética est ética*. Com a doçura que nos é peculiar, mas com o cerol fininho e necessário, à moda cruel da Baixada, transando com o **Novo Cinema Ainda Não-Rotulado Brasileiro**.

As pistas estão aí... Para onde apontarão as velas do barco corsário do Mate Com Angu não se sabe ao certo. Mas a certeza é o ataque, a provocação, as cutucadas, as contribuições à caotização da cultura, à criação de caso e às rebeliões anarco-solidárias madrugadais. O Mate brinda hoje sua vocação pra rebelião, amalgamando sonhos, fazendo pessoas se encontrarem, despertando paixões, vendo nascer projetos concebidos ao sabor do tesão do encontro, criando zonas temporárias de Utopia...

A noite hoje é de festa, aqui e agora. Aproveite e se entregue ao momento. Viva o Cinema, viva a Baixada, viva a Vida.

Abraços sinceros,
Cineclube Mate Com Angu
O cerol fininho da Baixada

PROGRAMA

 # Lá no Fim do Mundo..., um filme Mate Com Angu
A jornada de um homem rumo. Sobre CPF e Capa Preta. Um filme catástrofe épico em curta-metragem. Um documentário-mentira. Dallas City na veia. Uma singela demonização das grandes corporações de comunicação deste país.
Produção de Set: Bia Pimenta, Flávia Oliveira e Sabrina Bitencourt. Imagens de: Igor Barradas, Marcio Bertoni, Igor Cabral e Rafael da Costa. Som: Mic Shure. Trilha Sonora: Indústrias Purpose, Marcelo Peregrino e Manoel Filho. Concepção e Trama: Igor Barradas. Elenco: HB e DMC.
Produção Mate Com Angu - Co-produção: Cabra Bom Filmes
Duque de Caxias, 19min. HI-8 Digital.

 # Prefácio, de Fabíola Trinca e Sabrina Bitencourt
Livro aberto: o princípio explorado pelo contato.
Produção Cabra Bom Filmes Roteiro Igor Cabral, Fabíola Trinca, Sabrina Bitencourt
Elenco Fabíola Trinca, Igor Cabral, Sabrina Bitencourt - 2006 - 6 min

 # Epiphanie, de Gabriela Caldas
Nascido de um sonho Epiphanie é um curta de inspiração surrealista sobre o drama de Castalia que, mergulhada em sua tristeza, evoca seu lado dionisíaco. Ela então se materializa na figura da ninfa Clio, para desespero de seu marido Apolo.
Elenco: Patrícia Polayne, Giuliana Oliveira e Odécio Antonio - SE - 8min'

 # Noite Aberta, de Diego Bion
Você, a noite, o controle remoto e os canais de tv aberta.
Produção Diego Bion Roteiro Diego Bion, Luana Pinheiro Som Direto Josinaldo Medeiros
Montagem Diego Bion - 2006 - 4min

 # Jogo da Velha, do Coletivo Cine Guandu
História de terror. Crianças se vêem às voltas com assombração... - 2006 - 8min

 # Era quase uma vez...", de Josinaldo Medeiros
Até que ponto uma simples mentira pode ser inocente. - 2005 - 7 min

 # Acossada", de Karen Akerman e Karen Barros
Francesinha perdida no Rio de Janeiro se depara com gangue de mafiosos do cinema nacional. E agora, quem poderá salvá-la?
Elenco Karen Akerman, Karen Black, Ruy Guerra
2006 - 7min

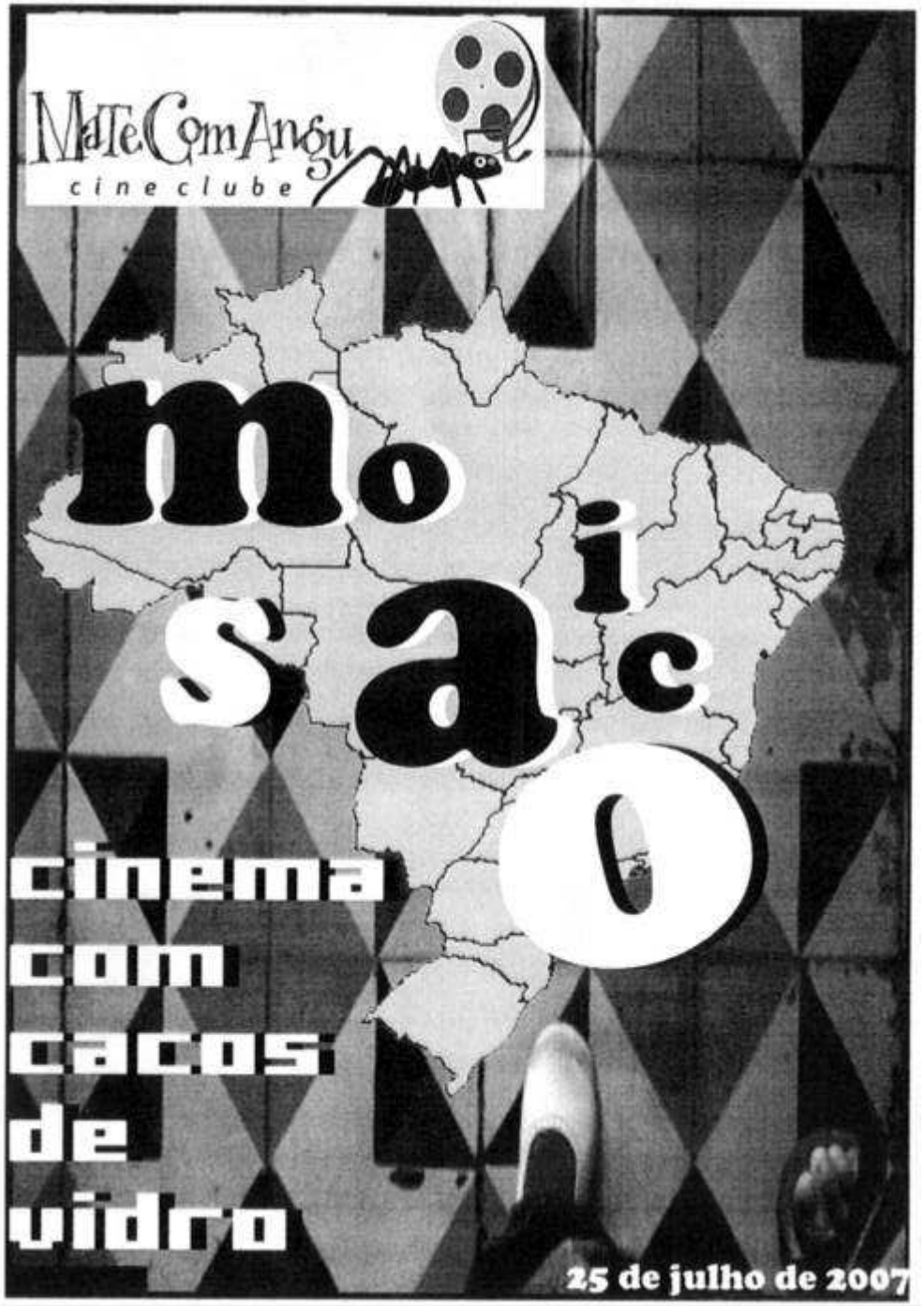
E ainda: lançamento internacional de três novas mate-produções:

 # Dinheiro Fácil, de Fabíola Trinca
Documentário sobre pessoas que trabalham na rua entregando papel para empresas de crédito. Saído do forno.
2007 - 9min

 # As Aventuras do Agente 77, de Cacau Amaral
Animação musicalíssima sobre as desventuras do Agente 77... Saiba mais.
2007

 # Suburbana, novo clipe de João Xavi dirigido por Rafael Mazza.

abrace!
sessão dedicada a alex laurentino
apoios
CULTURA INGLESA
ABAETÉ
ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS


MaTeComAngu
cine clube
mosaico
cinema com cacos de vidro
25 de julho de 2007

caco de vidro azulejo muro chapisco
pedaços pedacinhos espelhos desenho
trama urdidura fractais pedras peças
losangos quadrados recortes pintura
plano cena figuras figurino brasil caxias
encaixes geometria caos.

um cinema com cacos de vidro nos olhos.
documentários lançados com a potência
de pedreiras, filmes projéteis à procura
de sentidos, imagens buscando revelar
uma nação.

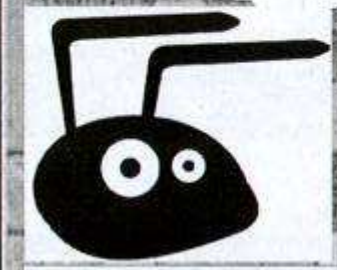
conflito de visões sobre um país.
retratos angustiados por lentes estilhaçadas como pedaços de azulejos reutilizados,
reciclados
como corações sob o mosaico do muro de chapisco...

uma noite em um cineclube em uma cidade de um país de um planeta de uma galáxia. as partes e o todo do inexplicável.

uma noite de baile como átomos girando em torno de seus núcleos, como peças soltas de um quebra-cabeças. como cenas entrecortadas esperando sentido em uma ilha de edição.

flores na idéia.

abraços escaneáveis,
cineclube mate com angu
cinema pra uma melhor digestão



matecomangu@curtacaxias.com.br / www.matecomangu.com.br

o mate é filiado à ascine-rj (associação dos cineclubes do estado do rio de janeiro)

PROGRAMA

 # Cante um Funk para um Filme, de Marcus Vinícius Faustini e Emílio Domingos
Faixas espalhadas pela cidade de Nova Iguaçu, baixada Fluminense, procuram pessoas para cantar um funk para um filme. O documentário faz um registro sobre a importância subjetiva dos mais de 20 anos de funk carioca na vida das pessoas. Lançamento. 2007 - 20 min

 # Tchau Pai, de Ricardo Moreno
Separados pelo vão e pelas grades, pai e filha se acenam amorosamente.
PR/2005 - 3min

 # Fiat Lux, de Nelton Pellenz
E a luz se fez!
RS - 2006 - 01:32

 # Rapsódia do Absurdo, de Cláudia Nunes
Documentário poético em episódios da luta pela terra no campo e na cidade no Brasil: Fazenda Santa Luzia e Parque Oeste Industrial.
2006 - 15 min

 # Antes Que a Casa Caia, de Felipe de Oliveira, Henrique Formigão, Jaci Menezes, Sara Barroso e Suely Carvalho
Pedras que rolam, pedras que voam, poeira, explosões, assustadoras rachaduras. Já imaginou morar perto de uma pedreira?
Fotografia: Felipe de Oliveira e Sara Barroso
Still: Henrique Formigão Som direto: Jaci Menezes Pesquisa: Felipe de Oliveira e Henrique Formigão Entrevistas: Suely Carvalho Montagem: Igor Barradas
Finalização: Josinaldo Medeiros e Rafael Costa
Produção: Abaeté Estudos Socioambientais
Filme produzido na Oficina de Cinema Ambiental Humano Mar, em Araruama.

 # Um Fazedor de Filmes, de Arthur Lins e Ely Marques
Durante um período de escassez no interior da Paraíba, um cruel fazendeiro mata todos os pescadores que invadem a sua propriedade, única na região capaz de fornecer o peixe do sustento de suas famílias. As pessoas famintas se unem para saquear a feira da cidade. Em meio a mortes perversas, vinganças, cenas de humor e um grande saque, os moradores de Soledade se encontram na praça para assistir a nova produção do cineasta amador Ivanildo Gomes.
PB - 2006 - 20min

 # AnguTV do mês: episódio Corrupção

FESTA COM DJ SAENS PEÑA!!!

Mate Com Angu
cine clube

O CEROL FININHO DA BAIXADA

E EM OUTUBRO:

=> Sessão Catapulta II - só lançamentos pra abalar as mídias medievais! Filmes, Fim do Mundo, site Mate, Caô de Raiz, João Xavi e muito mais!!

Dia 27/09/2006 Hora: 20h
Local: Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro
Rua Sebastião de Oliveira, 72. Centro de Caxias, próximo ao calçadão, paralela à Nilo Peçanha
Entrada Promocional: $0,00

FALE COM O MATE!
matecomangu@curtacaxias.com.br // orkut-se no mate

apoios

CULTURA INGLESA

Abaeté
Estudos Socioambientais

DESIGN

nadt
negócios+arte+design

O TERREIRO DO CACHORRO SARNENTO

Neurótico. Surreal. Paranóico. Denso. Esquisito. Complexo. Gauche na vida. Lírico. Anormal. Tenso. Desajustado. Confuso. Estranho. Bizarro.
Tudo isso e mais um pouco.

O **Cineclube Mate Com Angu** convida você para uma atormentada jornada mente a dentro, arriscadamente defrontando-se com fantasmas e projeções de nosso Cinema Interior.

Quando **Luis Buñuel** e Salvador Dalí escreveram o roteiro de **Um Cão Andaluz**, em 1929, eles buscaram a radicalização do que o Surrealismo propunha: transpor sem mediações todo o conteúdo caótico brotado do inconsciente através dos sonhos. Que imagens uma pessoa cega de nascença veria? Que Cinema surgiria disso?

A experiência do Surrealismo foi a metáfora quase perfeita do efeito onírico que o Cinema proporciona: uma suspensão da realidade logo assim que as luzes se apagam, tal qual o que acontece quando o sono nos chega e as pálpebras se descerram, iniciando um bailado de imagens que brotam de algum lugar que não temos consciência.

Mas a viagem deles ainda vai mais longe, em direção ao intacto mistério inexplicável do que seja a mente humana e, por tabela, do que seja o tal do significado da vida...Independente de crenças, religiões e psicanálise, o animal humano continua se defrontando com as mesmas incuicações desde a época das cavernas... Afinal de contas: qual o significado dessa porra toda? De onde viemos? Para onde vamos? Será que vai chover?

O baguinho é, literalmente, neurótico. Quem não segura a onda, pira.
Suicídio, porra-louquice, esquizofrenia, fundamentalismo, desbunde, fé, niilismo - não importa a saída, o jeito que cada um dá - o fato é que, em algum momento, a barra pesa e você se dá conta da fragilidade do que é aquilo a que chamamos de Razão... Da promessa não cumprida pelo cartesianismo de que a Ciência ira nos explicar tudo.

Convidamos você nessa noite a compartilhar conosco dessa dolderia - e aguentar o tranco. Melhor ser maluco cúmplice... A vida é louca mesmo, então pra que querer ser normal a qualquer custo? Aliás, o que é ser normal? Aliás, cadê o Prozac?

Abraços normalóides,
Cineclube Mate Com Angu

PROGRAMA

ABERTURA: CIRCUITO CINECLUBISTA DE ESTRÉIAS.

=> Um Cão Andaluz, de Luis Buñuel
Com roteiro co-escrito por Salvador Dalí, Luiz Buñuel estreou como diretor e ator neste curta-metragem, o marco inicial do surrealismo no cinema. À luz da psicanálise, Buñuel e Dalí exploram o inconsciente humano, numa seqüência de cenas oníricas, incluindo o célebre momento em que um homem corta, com uma navalha, o olho de uma mulher.
Roteiro: Luis Buñuel, Salvador Dalí
1929 - 16min

=> Copo de Leite, de William Cubits Capela
O filme flerta com o universo feminino e se lança na natureza numa busca que movimenta riachos, regaços, marés, selos, leite, árvores, umidade, pernas e profundas inquietações.
Elenco Karen Black, Hermila Guedes, Keira Myiata
2004 - 11min

=> Quimera, de Eryk Rocha
Homem e gato se confundem no limite invisível entre os corpos. Um só corpo neste ensaio sobre o híbrido, filme de rumores - rumores de um corpo mítico, de um novo animal.
Elenco Lucas Moura Rangel, Nuvem, Simon Lane
2004 - 15 min

=> Desarmado, de Walter Fernandes Jr
Derradeiro filme do cineasta Walter Fernandes, que se matou com um tiro na boca após chegar à conclusão de que nunca deveria ter nascido
Elenco: Marcos Teixeira, Maria Clara Guim, Edson Zille
2003 - 10 min

=> Mario Neto, de André Silva, Alexandre Antunes, João Delicado, Victor Lemos
Marionete revolta-se e renasce
Elenco: Diogo Carvalho
5 min

performance musical com Indústrias Purpose

MateComAngu
cine clube

o cerol fininho da baixada

filiado à ASCINE-RJ e ao CNC

Dia 25/04/2007 Hora: 20h
Local: Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro
Rua Sebastião de Oliveira, 72. Centro de Caxias, próximo ao calçadão, paralela à Nilo Peçanha
Entrada Promocional: R0$ca

fale com o mate!

matecomangu@curtacaxias.com.br

Curta Caxias

apoios CULTURA INGLESA >> Abaeté Estudos Socioambientais

mate com angu apresenta

sessão

p

&

b

a vida é a gente que colore

abril de 2007

p&b

p&b

os cachorros enxergam o mundo em preto e branco. pelo menos é o que dizem os cientistas numa daquelas pesquisas que você se pergunta como é que foi feita e, afinal, com que finalidade.
os esquimós percebem dezessete tipos de branco diferentes. a nota de cem reais é verde e rara e é difícil encontrar alguém que conheça a tal de cor fúcsia. há o rosa choque, o amarelo manga, o azul limão, o araçá azul do caetano e ainda não inventaram um photoshop real pra retocar gente.
a cor do seu destino foi o primeiro longa de **jorge durán** que agora lança proibido proibir.
cor de burro quando foge, eita expressão doida, meu deus. e a cor do dinheiro que ninguém mais vê, o teto preto e o tal branco que dá de vez em quando na gente. sem contar a interpelação cortante do mercador informal na boca: do preto ou do branco?
preto & branco. black & white. negro & blanco. noir & blanc. dia & noite. yin & yang. mate & angu. a beleza dos contrastes, sem moral, sem julgamento, sem lenço e sem documento – *sem ou*. o prazer de manipular negativo de filme e lembrar do nunca antes fotografado **pipusquack fujão**.
talvez seja preciso retornar o país pra antes do bem-amado, primeira novela a cores do brasil. talvez basta apenas desligar o botão da tv. ou ainda, talvez seja enriquecedor redescobrir o simples p&b pra poder redescobrir a beleza e a força do arco-íris, lá onde mora o duente verde com seu pote de ouro amarelo. sentir a a crueza poética de **sebastião salgado** e re-conhecer o belo num filme de **chaplin.**
hoje as cores são tão intensas e avassaladoras e perfeitas e performáticas que muitas vezes perturbam a vida como ela é de fato, ou seja, simples. o mundo das cores que não são rgb ou cmyk...
isso: ver o mundo um pouco como um cachorro e redescobrir o simples. sem contar que inda temos tato, olfato e intuição. viver nosso filme apesar de tudo, a la **rosa púrpura do cairo**. aliás, púrpura é uma linda palavra!
a vida é a gente que colore.
que essa noite seja deliciosamente arcoirizada pra você, com os matizes mais vibrantes possíveis, dançando como discos de newton, à moda dos derviches da antiga pérsia.
cor coração preto & branco vida.

abraços,
cineclube mate com angu
cinema para uma melhor digestão

vem aí 5 anos do mate!

PROGRAMA

=> Fernando Birri de Olhos Abertos, de Raça Filmes
Documentário produzido a partir de um encontro com Fernando Birri, um dos maiores pensadores do cinema latino-americano.
Roteiro e Edição: Felipe Nepomuceno
2006 - 9 min

=> Cascadura, Felipe Cataldo e Godot Quincas
Intervenção poético-cinematográfica em uma cárie social.
Produção: Márcio Melges, Chico Serra, Bruno Espírito Santo, Igor Cabral, Cristiana Miranda e Felipe Cataldo | Produção executiva: Felipe Cataldo | Fotografia: Cristiana Miranda, Igor Cabral e Othon Castro | Som: Bruno Espírito Santo | Edição: Felipe Cataldo e Cristiana Miranda | Elenco: Paula Lanziani, Otávio III, Godot Quincas, Felipe Cataldo, Márcio Bertoni, Ivan Cabral, Tito Costa e Capuano
RJ - 2007 - 12min - 16mm

=> Um Sol Alaranjado, de Eduardo Valente
Quatro dias na vida de uma mulher e seu pai. Elenco Abílio Campos, Patrícia Selonk
2001 - 18 min - 16mm

=> Pequeno Poema em Prata, de Cristina Miranda
Um filme feito a partir do desejo de um poema; uma prosa poética invadindo a película cinematográfica. Um rosto que se lava com nuvens, espumas obtidas na imagem pelos efeitos da manipulação direta do negativo.
Com Roberta Arantes
2006 - 3min - 16mm

=> Nevasca Tropical, de Bruno Vianna
O cinema brasileiro visita a favela: a entrega de um saco de pó deflagra uma confusão épica.
Elenco André Santino, Elza Soares, Gustavo Falcão Fotografia Dudu Miranda Edição Daniel Garcia Som Direto Pedro Moreira Direção de Arte Bárbara Arruda Trilha original Felipe Rocha Edição de som Rodrigo Marçal Direção de produção Marcelo Laffitte
2003 - 12 min - 35mm

=> DI-GLAUBER, de Glauber Rocha
Glauber faz uma homenagem ao artista plástico Di Cavalcanti. Além de falar sobre o amigo morto, o cineasta, fala de arte e política, por cima de uma colagem de imagens.
Com Glauber Rocha, Joel Barcelos, Marina Montini, Antônio Pitanga
Fotografia Mário Carneiro e Nonato Estrela Montagem Roberto Pires
1977 - 18min - 16 mm **EI, ESSE É COLORIDO, HEIN!**

e ainda >

=> A AnguTv convida o público a desvendar o intrincado mundo das intituições financeiras.
Equipe: Márcio Bertoni, Guilherme Zani e Rodrigo Dutra Montagem e edição: Márcio Bertoni Produção Cineclube Mate com Angu

=> DJ Cezar Ray no comando balançante dos esqueletos.

Mate Com Angu
cine clube

Cultura para uma melhor digestão

E AINDA:

=> DOMINGUINHOS DO RECIFE E SEU TRIO PÉ-DE-SERRA COMANDANDO O BATE-COXA EM CELEBRAÇÃO AOS FESTEJOS JUNINOS.

=> O COLECIONADOR DE ABRAÇO - PERFORMANCE DO ARTISTA ALEX LAURENTINO

DIA: 28/06/2006 20H
LOCAL: LIRA DE OURO
RUA SEBASTIÃO DE OLIVEIRA, 72 CENTRO DE CAXIAS.
PARALELA À NILO PEÇANHA, PRÓX. AO CALÇADÃO
ENTRADA: R$2,00

apoios

CULTURA INGLESA

Abaeté
Estudos Socioambientais

nadt
negocios arte design

BAIXADA

Possivelmente, o cachorro-quente, em seu peculiar formato, foi inventado pelos norte-americanos. Mas o certo é que basta pedir um cachorro-quente na madruga em
qualquer cidade do país pra começar a entender um traço marcante do Brasil. A tudo, o brasileiro acrescenta molho, queijo ralado, ervilha, batata-frita, farofa e o que mais tiver à disposição. Graça. Em tudo. Pra melhor ou pra pior (na maioria dos casos pra melhor), o Brasil reinventa, processa, sintetiza, carnavaliza o bagulho. Traço generoso que talvez tenha a ver com o congraçamanto de raças que se deu por essas bandas. Ou não.
Você está hoje numa noite invernal na sessão Viva O Brasil! Um Patriótico Arraiá Cine-Eletro-Punk, em que o Cineclube Mate Com Angu convida para uma reflexão sobre o país. Menos como uma observação acadêmica e mais como uma incorporação mediúnica/intuitiva.
São alguns filmes que mostram os Brasis que pulsam na alma dos mais diversos brasileiros, dos mais dispersos cantos desta terra caótica e bela. Uma sessão com sabor de ufanismo... Mesmo pilhado, saqueado, manipulado, sugado, infestado de ratos da pior espécie, explorado e muitos outros 'ados', ainda assim vivemos em um país tesudo. Ou não.
Sabendo que é difícil apreender o Brasil em sua grandeza, mas com uma certeza: é um país-filme, por excelência. Uma pátria de contradições. Campeão em desigualdade. Um gigante pela própria Natureza tropicaralhadamente deitado em berço esplêndido. Pior distribuição de renda do mundo. Pindorama quilombola cujo ouro das Minas Gerais ajudou a financiar a Revolução Industrial no Velho Mundo.
Exuberância de cores, sons e sentidos entre o desamparo, a falta de grana e o Carnaval. Terra adorada onde mora esse famoso coqueiro que dá coco...

O velho Machado de Assis afirmava a existência de dois países: o Brasil oficial, de uma ínfima elite que acreditava viver em um país europeizado, certinho e o Brasil real, enigma onde o povo constrói sua identidade ímpar às custas de muito
trabalho e absurda criatividade pra levar a vida. E olhando o Brasil de hoje, essa afirmação parece não ter mudado muito, tirando o fato de que no século XX a elite trocou a Europa véia de guerra pelo american way of life... "Nova Iorque é
mais perto que o sertão".
É, de fato, muito difícil apreender o Brasil... Talvez por isso o país encante o mundo, entorte zagueiros e cabeças pelo mundo a fora.
Grande Otelo e Oscarito sacanaendo Hollywood e o Santo Guerreiro contra os dragões da maldade. A força
dos maracatus na noite dos tambores silenciosos e Chicos Sciences fundindo rock, pop e o diabo na lama dos manguezais. Sabotage e sua verve inflamada invadindo O Invasor e inspirando o office-boy punk da Avenida Paulista.
Um país que dança, apesar de tudo, assim como o Deus de Nietszhe. Samba, coco, xote, carimbó, maculelê, toré, funk, tambor de criola, reggae agarradinho, charme, jongo... For all, na boa.
Um país de fé; em Deus, Oxalá, Tupã, Jeová, Jah, Abraão, São Jorge, Nossa Senhora, Yemanjá, Brahma, Antártica e caipirinha.
De gênios vivos, muito vivos. Na música, na ciência, na arquitetura, no submundo hacker. Um povo que ri, mesmo quando não se sabe de quê. Apesar do genocídio dos índios, apesar da escravidão, apesar da CIA ter financiado o golpe militar, apesar das derrotas de 50 e 98, apesar do monopólio da Comunicação, apesar da politicalha.
Enfim, é um país difícil...
Se essa porra vai "dar certo" e se ganheremos a Copa ainda não sabemos. Mas alguma coisa está acontecendo e não dá no rádio e nem nas bancas de jornal...
O Mate Com Angu tá aí pra não deixar a poeira assentar. Boa sessão!

Abraços,
Cineclube Mate Com Angu
O cerol fininho da Baixada.

PROGRAMA

=> MARANHÃO 66, DE GLAUBER ROCHA
O FILME MOSTRA JOSÉ SARNEY, ELEITO GOVERNADOR DO MARANHÃO, FAZENDO DISCURSO DE POSSE E SENDO ACLAMADO EM PRAÇA PÚBLICA POR MILHARES DE PESSOAS. TUDO CERTO SE NÃO FOSSE O METRALHADORESCO DIRETOR QUE FILMOU E MONTOU... 1966- 11MIN

=> A PESSOA É PARA O QUE NASCE, DE ROBERTO BERLINER
A VERTIGEM DA VISÃO. A AUSÊNCIA QUE PROVOCA EXCESSO. O COMPROMISSO COM A SOBREVIVÊNCIA. A EXPERIÊNCIA DA VIDA ATRAVÉS DA FALTA. TRÊS IRMÃS CEGAS CANTAM EM TROCA DE ESMOLA EM CAMPINA GRANDE, PARAÍBA.
ELENCO: CONCEIÇÃO, MARIA, REGINA
1998 - 6 MIN

=> SARAVÁ SONGUEIRO, DE BIANCA BRANDÃO, CECÍLIA DE MENDONÇA E LUISA HELENA
DOCUMENTÁRIO SOBRE O RECENTEMENTE FALECIDO MESTRE DARCY, QUE JUNTO COM SUA FAMÍLIA, REPRESENTA O SONGO (RAIZ DO SAMBA) NO RIO DE JANEIRO.
2003 - 20MIN

=> MEQUINHO, DE FELIPE NEPOMUCENO
DOCUMENTÁRIO SOBRE HENRIQUE MECKING, O MAIOR JOGADOR DE XADREZ DA HISTÓRIA DO BRASIL. FOTOGRAFIA E CÂMERA: ROBERTA BUENO. SOM: MARCOS ROZOZINSKI. MONTAGEM E EDIÇÃO DE SOM: PEDRO ASBEG E FELIPE NEPOMUCENO. MÚSICA: GEORGE HARRISON. PRODUTORA: RAÇA FILMES.
2004 - 10MIN

=> ZOM DA RUA, DE ROBERTO BERLINER
DOIS EPISÓDIOS DA LENDÁRIA SÉRIE PRODUZIDA PELA TV ZERO.

=> MARACATU, MARACATUS, DE MARCELO GOMES
AS DIFERENÇAS CULTURAIS ENTRE AS VÁRIAS GERAÇÕES DE INTEGRANTES DO MARACATU RURAL, RITUAL AFRO-INDÍGENA QUE TEM SUAS ORIGENS NOS ENGENHOS DE AÇÚCAR DE PERNAMBUCO.
ELENCO: AILTON GUERRA, JOFRE SOARES, MEIA-NOITE
1995 - 14MIN

=> KINOCOPA, IGOR CABRAL E CHICO SERRA
COPA DO MUNDO 2002. BRASIL PENTA-CAMPEÃO. A TRAJETÓRIA DA SELEÇÃO BRASILEIRA ATRAVÉS DO OLHAR DOS TORCEDORES, COM A IRREVERENTE INTERFERÊNCIA DO APRESENTADOR GODOT QUINCAS.
RJ - 2003 - 15MIN

O FIM DO MUNDO VEM AÍ

CINECLUBE MATE COM ANGU APRESENTA
R$ 0
51 minutos preciosos de Cinema e ainda: trailer novo do Mate, comercial erótico-refrescante, performance "Objetos Estéticos" de Nivaldo Carneiro e festa com DJ Lobão. Tá bonito!
MateComAngu
cine clube
Cinema para uma melhor digestão.
LIRA DE OURO
Rua Sebastião de Oliveira, 72, Centro de Caxias.
Paralela à Nilo Peçanha, próx. ao Calçadão.
FALE COM O MATE
matecomangu@curtacaxias.com.br
orkut-se no mate!
Não recomendado para menores de 16 anos.
APOIOS
FLAMA
Absolé
CULTURA INGLESA
R$ 0
MATE À VENDA
CINEMA EM 35 X SEM JUROS
DIA 31/05/06 ÀS 20H
design: thiago venturotti

VOCÊ NÃO É O QUE VOCÊ CONSOME!

No ano novo, o calçadão de Copacabana pulsava os minutos que faltavam para a virada e diante dessa expectativa, um telão, grande, bem grande mesmo, chamou a atenção de quem passava por ali. Ele projetava imagens de nossas belezas naturais, de nossa cultura, de nosso povo, de nos%#* - Uma frase interrompe tudo dizendo assim: "O Rio não é somente isso, O Rio também é shopping-centers, grifes famosas, jóias etc. Venha consumir no Rio você também!"...

Neste momento a idéia de questionar a cultura do consumo urgiu na espinha. A cultura do consumo praticamente infiltrou-se em nossas medulas, entranhas, corpos e alma. É impossível sobreviver nesta nossa selva sem uns trocados no bolso. Somos bombardeados o tempo todo por induções à compra, o tempo todo! A cultura do consumo é dominante e move o mundo, é o combustível e ponto!

Coma o milho na sua frente e dê muitos ovos.

É para este cenário que os detentores do poder querem nos levar, o bombardeio de propagandas vendendo o paraíso nos deixa instáveis, acuados, enjaulados. Nunca sabemos onde esta o paraíso, vamos morrer em busca do produto perfeito.

O mercado de trabalho aliena, a chuva das demandas afogam o horizonte e a morte fica próxima e vazia.

Desculpe, senhor, mas não foi reservado um espaço para a transcendência no futuro que nos é reservado.

A saída? É você, sua visão de mundo. Partir do princípio que somos livres e ponto. Sejamos utópicos! Não! Não somos o que consumimos! Somos maiores! Somos abraços, beijos e esta angústia que nos deixa inquietos. Somos a paixão avassaladora, o ódio e a ternura. Somos carne, vísceras, espírito, consciência e mistério. Somos onde o muito é pouco...

"...onde o muito mesmo, o muito até teu peito rasgar arreganhando os músculos ao ponto do coração que bate se expor completamente, é pouco, é muito pouco. Quase nada."

E se você entende exatamente o que eu digo, dê um grito neste momento, é isso mesmo, GRITE o mais alto que puder, liberte-se, chame a atenção de todos nesta Lira de Ouro invernal. Saia de você mesmo. Grite, PORRA!

O Mate Com Angu roga que os corações livres dessa noite tomem o mundo como uma febre sem controle, levando nosso sistema à derrocada completa e nos levando aonde...

Abraços,
CINECLUBE MATE COM ANGU
O Cerol Fininho da Baixada

Mate Com Angu cine clube

PROGRAMA

URUBUCAMELÔ, de André Sant Anna, Fernando Gerheim, Marco Oliveira, Samir Abujamra. 2002. Digital – 12 min.
A crise parece não ter fim? O bolso está furado? O ânimo está baixo? Em meio a tanto pessimismo, a tanto horror e a tanta pobreza, surge um novo super-herói que renasce do lixo em que estamos, um super-herói com os poderes do Urubu.

FOME, de Roberto Maxwell, 2001.
Roteiro, direção e direção de produção: Roberto Maxwell Câmera: Marcelo Lustosa / Ass. de direção: Marco Beranger / Direção de arte: Caesar Moura / Edição: Apavoramento Sound System. 5 min.
Rapaz com fome vai às compras. Uma crítica ao consumismo.

SENTIMENTAL, de Nilsão Primitivo, 2004.
Direção: Nilson Primitivo, Roteiro: Rodrigo Amarante, Fotografia: Dani Zarvos, Montagem: Nilson Primitivo e Rodrigo Amarante, Elenco: Sergio Lutz, Melissa Mell, Paulo Thifentaler e 'Los Hermanos'. Eletricista: Adão. A solidão é cruel!

A ALMA DO NECÓCIO, de José Roberto Torero. 1996
Ficção. Elenco: Carlos Mariano, Renata Guimarães. 8 min - 35mm.
Um perfeito casal-propaganda leva uma vida feliz e tranqüila até descobrir o que seus maravilhosos produtos podem fazer muito mais do que prometem.

TUDO DOMINADO, de Bruno Vianna, 2002
Ficção. Elenco: André Santinho, Augusto Madeira, Camilo Bevilacqua, Felipe Porto, J Farias, Malu Galli, Paloma Reis, Péricles Aleluia. 10 min - Cor 16mm.
Um camelô resiste vendendo merda no centro da cidade.

ILHA DAS FLORES, Jorge Furtado. 1989.
Roteiro: Jorge Furtado Direção de Fotografia: Roberto Henkin e Sérgio Amon Direção de Arte: Fiapo Barth Música: Geraldo Flach
Direção de Produção: Nora Goulart Montagem: Giba Assis Brasil 13 min
Um tomate é plantado, colhido, transportado e vendido num supermercado, mas apodrece e acaba no lixo. Acaba? Não. ILHA DAS FLORES segue-o até seu verdadeiro final, entre animais, lixo, mulheres e crianças. E então fica clara a diferença que existe entre tomates, porcos e seres humanos. UM CRÁSSICO. Urso de Prata para curta metragem no 40º International Filmfestival, Berlim, Alemanha, 1990.

Mate Com Angu
cine clube

Cultura para uma melhor digestão

E ainda:

=> **REDENÇÃO**, intervenção poética com o grupo Pára-Raio
(Adridous, Maria Lia Gautério, Nane de Sant'Ana e Raquel Teixeira)

=> **DJ Lobão**, fechando a noite firme nas pick-ups, mandando muito vinil sinistraço.

Dia: 26/04/2006 20h
Local: Lira de Ouro
Rua Sebastião de Oliveira, 72 Centro de Caxias.
Paralela à Nilo Peçanha, próx. ao Calçadão
Entrada Promocional R$0

apoios

COLÉGIO FLAMA
Pense grande. Pense Flama.
www.flamaonline.com.br

CULTURA INGLESA

BALADA Com

Abaeté
Estudos Socioambientais

W SET

nadt
negocios arte design

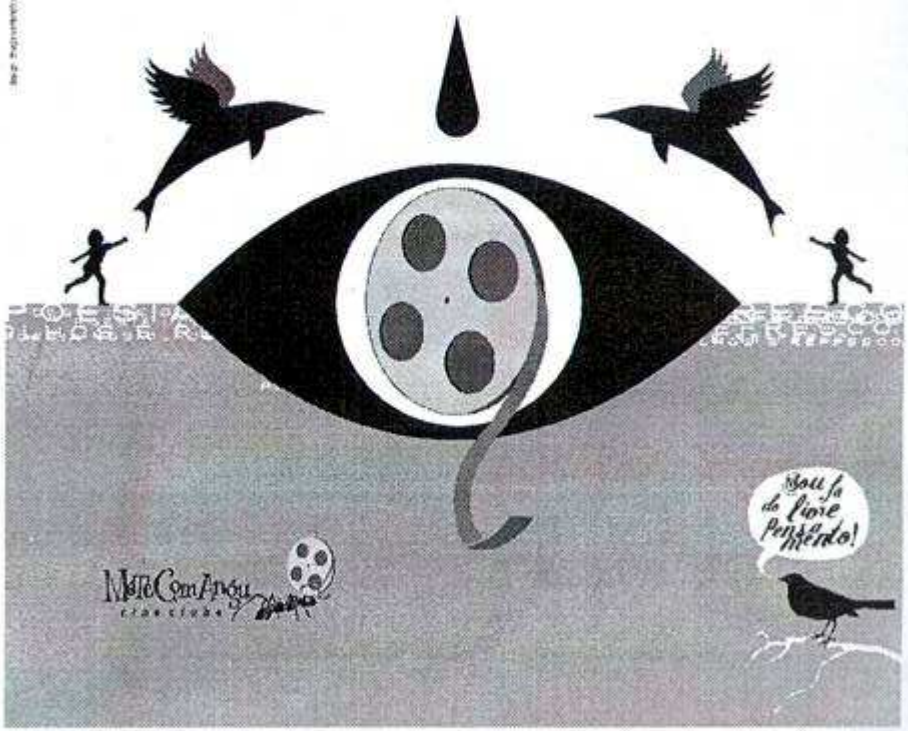
CINECLUBE MATE COM ANGU APRESENTA

SESSÃO COLÍRICOS

POESIA NOS OLHOS É REFRESCO.

26/04 / ÀS 20h

R$ 0



SESSÃO

COLÍRICOS

O Cineclube Mate Com Angu tem especial prazer em ter você em mais uma noite de quarta-feira na **Lira de Ouro**, desta vez trazendo a **Sessão Colíricos - *Poesia Nos Olhos É Refresco.***

Uma discussão que volta e meia surge no Mate é uma preocupação de que nosso trabalho descambe involuntariamente para o que chamamos de forma genérica de oba-oba. Explicamos: achar que tudo é festa, que tudo é agito, que tudo tem que ser rápido e imediato periga também serem formas de apresentar o mesmo de sempre. Referendar uma cultura MCDonald-festeira onde pensar e refletir são artes tidas como arcaicas e até mesmo cafonas...

É preciso hoje ficar muito atento com a armadilha do Espetáculo, do apelo da grandiosidade, da Simulação; e dizer com convicção que nem tudo é velocidade, afirmando que nada substitui uma boa história.
E como ainda costumamos falar em **Arte nessa era da Ditadura do Mercado**, fica o recado de que contemplar, ouvir, respirar ainda são coisas que trazem a força de mil bombas.

Depois de uma sequência de programas *hard,* da mais pura energia *yang* - sessões como a Descarrego, Porrada, Foda-se, Canalha; depois de orgias carnavalescas, de memoráveis festas; pirotecnia, shows e o escambau, o Mate convida você hoje para um **mergulho visual** mais sereno e mais denso. Para uma experiência sensorial da dilatação do tempo de cena, do fruir poético da arte da fotografia cinematográfica, do olhar no detalhe, da beleza do drama humano no território sutil onde **o Cinema se encontra com a Poesia** e com a grandeza de nossas felicidades cotidianas.

Por isso fica o convite: deixe a visão espairar e a mente vagar em mais uma noite de cinema e lirismo. E, vindo de coração aberto, só prometemos o de sempre: **tudo pode acontecer.** Curtas-metragens líricos, densos, sinceros estarão lá te esperando; muitas meninas dos olhos também; várias retinas como riachos a serem mergulhados; janelas de almas para serem enfeitadas. Mergulhe de cabeça e aproveite.

Abraços sinceros,
Cineclube Mate Com Angu
Vai vendo...

PROGRAMA

=> Portas e Janelas, de Cláudia Dantas
"Seria bom se portas e janelas estivessem sempre abertas...". Pintura, peregrinação e memória de uma atriz até chegar no Rio.
Uma produção do Audiovisual da CUFA
RJ - 2005 - 13min

=> Antes do Fim do Mar, de Rodrigo Savastano
Uma menina brinca e sonha com o fio que a teceu.
RJ, 2002, 17 min

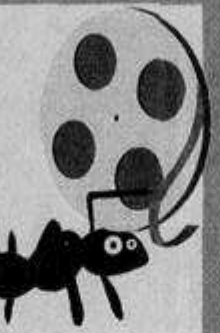
=> O Filme que Nunca Existiu, de Sérgio Valério
A angústia da existência, a passividade diante dos fatos, a necessidade da fuga e o eterno retorno de dois homens que, prisioneiros da sociedade, vêem seus sonhos se afundar na mesmice. Viver a vida é encarar a agonia do tempo como um sangrar, lento e ininterrupto. O passado é ruína, a redenção futura, um ponto de fuga ilusório.
Produção: Alyne Fratari, Carlos Cipriano e Emerson Vieira.
Fotografia: Pedro Bronz.
Câmera e Montagem: Pedro Bronz e Sergio Valério.
Produção Executiva: Guilherme Whitaker e Fabricio Nobre.
Elenco: Lavinia Ribeiro e Hélio Froes.
RJ - 2005 - 8min

=> Albery, de Márcio de Andrade
Retrato do artista quando encontra seus amigos em um bar carioca. Um passeio pelas pinturas e performances de Albery.
Trilha Sonora: Zé Otavio DJ.
Produção Bruno Hermann
Assistencia de Montagem: Henrique Proença.
Fotografia, Montagem & Direção: Marcio de Andrade.
Elenco: Albery, Urian Agria de Souza e Paiva
2004 - 15min

=> Dramática, de Ava Rocha
Inspirado no poema "Hierarquia", escrito por Pier Paolo Pasolini quando esteve no Rio de Janeiro nos anos 70, o curta junta três personagens urbanos profundos que vivem experiências reais de uma típica metrópole latinoamericana.
Fotografia: Pedro Urano. Direção de arte: João Bueno. Montagem: Eryk Rocha.
Elenco: Simone Spoladore, Cristiano Lima y Godofredo Quincas.
RJ - 2005 - 20min

Mate Com Angu

cine clube



Dia 28/03/2006 20h
Local: Lira de Ouro
Rua Sebastião de Oliveira, 72. Centro de Caxias, próximo ao calçadão, paralela à Nilo Peçanha
Entrada promocional: R$0,00

Curta Caxias

apoios

CULTURA INGLESA

Abaeté
Estudos Socioambientais

cineclube mate com angu apresenta

.O INVISÍVEL.

o invisível

O Cineclube Mate Com Angu pede passagem, com os canais abertos, chakras lubrificados e bip astral ligado, esperando o inesperado...
O Espiritismo, o Catolicismo, o Evangelho, o Daime, o Budismo, o Tambor de Mina, a Gnose, o Candomblé, o magnetismo, as rezas, o déja vù, as ondas de rádio e todas as outras manifestações invisíveis cultivadas pela humanidade. Nas profundezas do átomo, no centro de seu núcleo, o vazio regendo o universo. Dentro da noite escura de nossos sonhos, de nossas reflexões e de nosso silêncio. Ao lado da solidão reside o mistério que nos acompanhará até a morte. No aconchego de nosso quarto escuro, às vezes, quase que sem querer, pedimos colo. Calma...
Quando tudo dá inexplicavelmente certo, levantamos as mãos pro céu e... Mesmo sendo você um cético, a cosmovisão de um mundo espiritual está presente em cada esquina. Ser ateu no Brasil é como ser vegetariano no Rio Grande do Sul ou converter-se ao judaísmo no Cazaquistão. É preciso muita fé na razão.
É mais fácil acreditar que simplesmente nada de espiritual possa existir ou tostines vende mais porque é fresquinho?
O Cineclube Mate Com Angu, nesta noite efêmera, vai te colocar de frente com aquilo que não podemos explicar, com aquilo que nos faz arrepiar, gelar, trincar os dentes num surto psicótico inexplicável ou simplesmente botar a mão no cavanhaque e pensar: estranho, muito estranho...

Mesmo um homem cético como Roberval, de vez em quando, presenciava acontecimentos que o tiravam do eixo. Um deles aconteceu quando voltava de uma viagem em direção a uma festa que prometia ser daquelas de lavar a alma. Em meio a um turbilhão de pensamentos, sob a luz bonita de um final de tarde, lembrou-se do dia em que presenteou uma amiga com um bilhete. Esta amiga, Y, passava por um momento delicado e muito chororô. Para animá-la, entregou-lhe um bilhete bem dobradinho e disse que só poderia ser aberto 7 dias depois. Já tinham se passado 7 anos daquele acontecimento. Ao chegar na festa em meio aos abraços fraternos das amizades, uma pequena mão o segurou no braço e o puxou para um canto calmo. A pequena mão era de sua amiga Y. "Preciso te mostrar uma coisa", ela disse. E sem dó mostrou-lhe o antebraço recém tatuado; a tatuagem tinha a forma de um bilhete dobrado e sua mensagem era: "Isto também passará!" O olhar de Roberval ressentiu, sua boca secou e uma onda de calafrio percorreu a coluna até chegar em suas mãos lívidas. Era o bilhete que tinha dado a ela 7 anos atrás!

Porque as imagens do bilhete surgiram em sua mente horas antes deste desfecho? Seria a força do inconsciente coletivo ou o invisível operando os radares? Foi com estas questões que Roberval foi jogado em meio à pista de dança onde num piscar de olhos o sol surgiu no horizonte, varando a noite. Talvez seu coração não agüente mais uma dessas.

"Existem mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia".
Isto tudo, sem falar, na força atávica do amor.

"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce". [Fernando Pessoa]

abraços,
cineclube mate com angu
o cerol fininho da baixada

programa

=> O Som da Luz do Trovão, de Petrônio Lorena e Tiago Scorza
Nada se está onde se avista...
Elenco Evangelista Ignácio de Oliveira
2005 - RJ - 20min

=> Vinil Verde, de Kleber Mendonça Filho
Mãe dá a Filha uma caixa cheia de velhos disquinhos coloridos. A menina pode ouvi-los, exceto o vinil verde.
Elenco Gabriela Souza, Ivan Soares, Verônica Alves
2004 - 13min

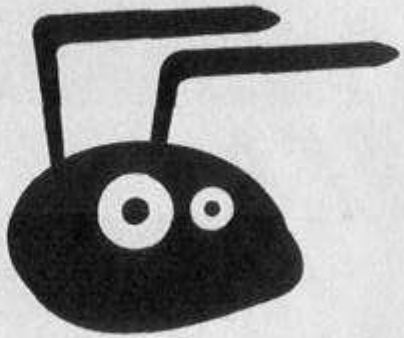
=> Material Bruto, de Ricardo Alves Júnior
Afora nos corredores do edifício caminha a Mulher Náusea. Adentro Mulher Cabelo, Homeme Cigarro e Homem Música esperam o momento de fuga, um instante para sair de si. Material Bruto é um trabalho realizado com usuários do Centro de Convivência da Rede Pública de Saúde Mental de Belo Horizonte.
MG - 2006 - 19min

=> O Som e o Resto, de André Lavaquial
A real.
RJ - 2007 - 20min

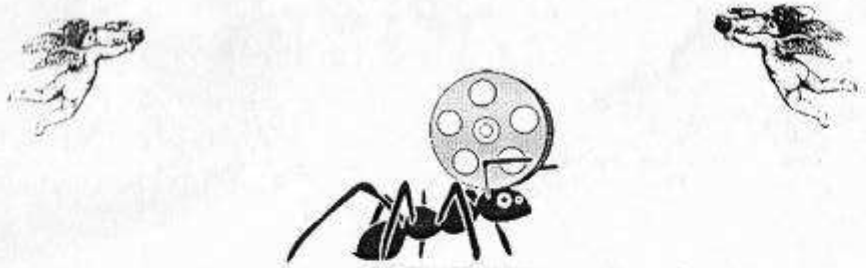
E ainda:
=> Angu TV

E ainda:
=> DJ Cézar Ray no sacolejo

E ainda:
=> Intervenção musical especial



matecomangu@curtacaxias.com.br



Mate Com Angu

cine clube

Cultura para uma melhor digestão

DIA 29/06/2005 HORA 20H
LOCAL: LIRA DE OURO
RUA SEBASTIÃO DE OLIVEIRA, 72 CENTRO DE CAXIAS
próximo ao calçadão, paralela à Nilo Peçanha

Fale com o mate!

matecomangu@curtacaxias.com.br // orkut-se no mate

apoios

COLÉGIO FLAMA
Pense grande. Pense Flama.
www.flamaonline.com.br

CULTURA INGLESA

PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS
Cultura
Secretaria de Cultura

BALADA Com

W SET

nad
negócios • arte • design

Cineclube Mate com Angu apresenta

CINEMAMOR

Por que o mais importante é o amor

Curtas-metragens líricos, corrosivos e arrepiantes pra sentir na pele.
declare AMOR - a vida é curta. Amém.

dia 29/06/2005
cinema, amor e ousadia

CINEMAMOR

por que o mais importante é o amor

É isso mesmo: o **Cineclube Mate Com Angu** vai falar de Amor - e de amores - nessa especial exibição de inverno.

Em meio ao mar de lama da política nacional, com Sérgio Naya solto, com recessão econômica, mensalões, violência, impunidade, Bush reeleito, tiroteios, maracutaias e o escambau o Mate vai fundo e **sincero** em direção a esse enigmático e atávico sentimento, famoso fogo que arde sem se ver. Ainda que. Apesar de.

Somos românticos escrachados, com corações fracos e olhos marejados. E trazemos no cinema, no hip hop, no samba, no rock'n roll, no design, na palavra, no sangue e na atitude um forte sentimento de tesão, de verdade e de **Amor.**

E o Amor é agora. Pode morar e brotar ao lado, nesse momento – dê uma olhada! Desconfiando de que há amores além-Hollywood e além-telenovelas, amores de todos os modos possíveis, belezas como continentes fascinantes a se descobrir. Ou não: afinal, o Amor ri das regras. Transgride e transforma. **Ame e dê vexame!**

E oramos. Que cada câmera apontada para alguém ou para algo seja um ato de Amor; amor pelo **cinema,** amor por alguém, pela Humanidade, pela transcendência – amor pelo Amor.

Que o Amor zombe dos poderosos, dos preconceitos, das tolas amarras que nos prendem a rotinas maquinais. Que o Amor **contagie,** brilhe, instigue. Que torne cada gole de cerveja – ou água de coco ou vinho ou sorvete – uma experiência mágica possível ao homem comum, sem as fantasias do glaumour das propagandas de cartões de crédito.

O Mate Com Angu convida você para uma noite de **Amor, Cinema e Poesia**, que seja infinita enquanto dure.

Filmes líricos,corrosivos e arrepiantes, pra se sentir com os olhos e ver com a pele. Cinema para quem acredita e vive amores e dores com todas as suas contradições. Sacaneando o amor burguês. Declarando o amor como revolucionário em oposição a essa mercantilização rasteira de impulsos sexuais disfarçados de amor pra vender refrigerantes. Sexualizando o amor. Amorizando o sexo. Celebrando o presente. Enaltecendo as dores de cotovelo. Vivendo a vida. **Declare Amor** - a vida é curta. Esteja de coração aberto e deixe que ele flua em mais uma noite de Utopia possível. Queremos que você se aqueça nesse inverno. E que tudo mais...

Amem.
Cineclube Mate Com Angu

PROGRAMA

=> Triângulo - de Robson Lopes
Animação de um trágico triângulo amoroso motivado pelo desprezo de um homem por uma mulher carente por atenção. Realizado na Oficina Videodigital do Ateliê da Imagem, 2004
Com Mario Hermeto e Julia Limaverde.
2004, fic., Mini-DV, RJ, 7 min.

=> O Céu de Iracema - de Iziane Filgueiras
A descoberta do primeiro amor durante uma disputa de pipas, tendo o céu de Iracema como testemunha.
Elenco: Cherline Farias, Felipe Rodrigues, Neidinha Castelo Branco
2002, fic., 35mm, 12 min.

=> Amassa Que Elas Gostam - de Fernando Coster
Mulher solitária e casta descobre o amor de forma muito pouco convencional. Ao entrar, por engano, em um cinema pornô, se apaixona pelo protagonista, um atleta sexual feito de massa de modelar. Uma relação atípica que leva a um desfecho dramático e surpreendente.
Elenco Malu Bierrenbach, Nuno Leal Maia
1998, fic., 35mm, SP, 14 min.

=> Acorda! - de Igor Barradas
Uma insônia erótica e agoniante faz com que Dado decida pôr fim de uma vez por todas à sua inércia em relação ao que tem que ser dito e ao que tem que ser feito.
Direção e Roteiro: Igor Barradas. Direção de produção: Thiago Henriques e Fátima Lima. Produção: Cineclube Mate Com Angu. Co-produção Cabra Bom. Direção de Fotografia Jansen Raveira. Som: Paulo Filipe. Montagem: Igor Cabral. Direção de Arte: Elaine Olinda. Figurinos Rose Oliveira. Design: NAD1.
Elenco: Odécio Antônio, Maira Furtado, Claudete Farias.
RJ, 2005, MiniDV, 17'

=> Veludo & Cacos de Vidro - de Marco Martins
A ascensão e queda de uma história de amor.
Elenco Julie Cristie, Renato Turnes
2004, fic., 35mm, 17 min.

=> Fernando José, de Felipe Reynaud
Fernando José, popular cantor brega que é também agente secreto nº 1 do governo, vive dividido entre o amor de uma mulher, sua paixão pela música e o dever de salvar o mundo das garras dos mais perigosos vilões.
Elenco: Alexandre Marques, Camila Rodrigues, Felipe Reynaud, Fernando Hertz, Frederico Benedini, Paulo Junior, Roberta Barroso. Fotografia: Thiago Galvão. Edição: Felipe Reynaud, Thiago Galvão.
2003, fic., Mini-DV, RJ, 18 min.

E MAIS:

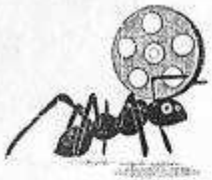
artes plásticas com Alex Freitas e Felipe Guedes

Indústrias Purpose tocando a peça Deus e o Diabo também Deviam se Amar (e Dar Exemplo à Humanidade)

Poesias irrompidas do nada, ao léu

som rolando até a cerveja acabar

programa não recomendável para menores de 16 anos



Mate Com Angu
cine clube

O Mate Com Angu agradece carinhosamente:
ao artista plástico Raimundo Rodrigues pela confecção do troféu Angu de Ouro;
a todos os realizadores dos filmes exibidos no Mate;
ao DJ Brasília pelas muitas noites de alegria durante este ano de 2005;
aos amigos pelo apoio valioso nas horas de aperto.

Na humildade; na fé; na moral.
Obrigado.

Dia: 30/11/2005 20h
Local: Lira de Ouro
Rua Sebastião de Oliveira, 72 Centro de Caxias. Paralela à Nilo Peçanha, próx. ao Calçadão
Entrada Promocional R$0

fale com o mate!

matecomangu@curtacaxias.com.br // orkut-se no mate

apoios

Colégio Flama
Pense grande. Pense Flama.
www.flamaonline.com.br

Cultura Inglesa

Prefeitura Municipal de Duque de Caxias
Cultura
Secretaria de Cultura

Balada Con

W Set

nad
negócios · arte · design

CINECLUBE MATE COM ANGU APRESENTA

PRÊMIO ANGU DE OURO

UMA SELEÇÃO DOS MELHORES CURTAS DO ANO.

30/11
às 20h

Discotecagem festiva no final

eXiBiçãO SaiDeira 2005

Prêmios Curadoria, Júri Popular e o prêmio do Visconde das Quebradas

AnGu dE oURo!

Esta é uma noite de **celebração.**
Olhando hoje aquele já longínquo ano de 2002 tudo parecia apenas uma intuição e um desejo angustiado de gritar. O **Cineclube Mate Com Angu** nascia pequeno, numa sala pequena, mas com um imenso tesão em fazer algo de verdadeiro pela cultura na **Baixada Fluminense**. Aglutinando as pessoas que deveriam existir com os mesmos sentimentos no coração; que deveriam partilhar a mesma sensação de opressão de viver em uma cidade rica e culturalmente massacrada, sem opções e por vezes sem perspectivas.
Quase quatro anos depois, terminamos mais um ano com a sensação gostosa de estar no caminho certo, com todas as dores e delícias de fazer um trabalho sincero e apaixonado. E sem perder nunca a dimensão divertida da ação.
2005... Um ano de êxitos orgásticos: lançamento festivo de **Acorda!; 1 Ano e 1 Dia e Canção dos Oprimidos** arrebatando prêmios importantes pelo país a fora; apresentações do Mate em universidades, em comunidades, em escolas, em praças, no Sesc Tijuca, no CCBB, em Belford Roxo, em Nova Iguaçu, no Fórum Social Mundial, na França, no Circo Voador, no Prêmio Cultura Nota 10...
Além das noites históricas na **Lira de Ouro**, com seus nomes emblemáticos – Descarrego, CinemAmor, Porrada, Foda-se, Dissonâncias... - amalgamando sonhos, fazendo pessoas se encontrarem, despertando paixões, vendo nascer projetos concebidos ao sabor do tesão do encontro, criando **zonas temporárias de Utopia...**
Daí a idéia de um prêmio: o **prêmio Angu de Ouro**. Menos pela competição em si e mais pela afirmação. Pela convicção sincera de que somos nós os responsáveis pelas **mudanças que queremos,** pelo Cinema que queremos, pela Vida que queremos. Um prêmio para **celebrar** a energia transformadora que pulsa nas veias periféricas do mundo, aglutinando Caxias, Mesquita, Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, São João, Realengo, Pasargada, Seattle, Luanda, e por aí vai...
Um prêmio pra deixar claro que o audiovisual brasileiro vive um momento rico e alentador: nunca tantas câmeras apontaram tanto paras as mais diversas facetas desse país continental.
Um prêmio como pretexto pra celebração.
E você está aqui nesta noite, lendo este texto. Invoque seu Deus, sua Deusa, seu Coração e se entregue a esta noite de **Cinema e festa.** Delicie-se com essa seleção de filmes e deixe vibrar essa energia. Como disse Raul Seixas em certa música, basta ser sincero e desejar profundo e você será capaz de sacudir o mundo.
Que em 2006 possamos continuar vibrando ainda mais juntos e sacudindo ainda mais esse mundo maluco.

Abraços sinceros,
Cineclube Mate Com Angu
O cerol fininho da Baixada

PROGRAMA PANCADÃO

=> As Justiceiras do Capivari, de Felipe Nepomuceno
O relato cruel e seco de um grupo de mulheres revoltadas como uma onda de estupros e assassinatos contra crianças no ermo bairro do Capivari.
Digital – 6min – ano 2002

=> PICO?, de Leonardo Mendonça
O skate ocupando o espaço público, fascinando uns e incomodando outros. Sem massagem.
MIniDV - 20' - 2003 - DF

=> Senhores da Guerra, de Pedro Lobito
Uma visão "pixelada" sobre as verdadeiras razões da guerra, muitas vezes escondidas por detrás de falsos puritanismos. "A civilização não suprime a barbárie, aperfeiçoa-a". (Voltaire).
Brasil, 2005, 3 min.

=> The Same Old Choice, de Francisca Caporali, Joana Meniconi, Rafael Morado e Ricardo Portilho
As eleições presidenciais de 2002 são o tema do vídeo, que enfoca a mídia, os órgãos financeiros internacionais e sua influência no processo democrático. Entrevistas com Tom Zé, Sérgio Miranda e César Benjamin. Mini DV. - 7' / 2003 - MG

=> Dominação Bizarra - de Zé Colmeia e Matias Maxx
Pequenos poderes, grandes estragos num dia na vida de um trocador de ônibus da Pavuna.

=> Atentado - de Fernando Huck e Eduardo Srur
Atentado é uma resposta à capacidade da arte de interferir no espaço público e seus suportes.
São Paulo - 3' min – 2004 – Mini DV

=> Nossos Parabéns Ao Freitas - de Felipe Marcondes Sant'angelo
A história de Freitas, pai de família reacionário e reprimido que tem uma trágica surpresa no dia de seu aniversário. Produzido pela Eca-Usp / 12min / Captado em 16mm / Ficção

=> Baiestorf: Filmes de Sangueira e Mulher Pelada, de Christian Caselli
Filmes sobre o maldito cineasta VHSista Petter Baiestorf, autor de mais de 100 filmes viscerais.
Mini-DV. 20 min

=> Fernando José, de Felipe Reynaud
Fernando José, popular cantor brega que é também agente secreto nº 1 do governo, vive dividido entre o amor de uma mulher, sua paixão pela música e o dever de salvar o mundo das garras dos mais perigosos vilões. Elenco: Alexandre Marques, Camila Rodrigues, Felipe Reynaud, Fernando Hertz, Frederico Benedini, Paulo Junior, Roberta Barroso. Fotografia: Thiago Galvão. Edição: Felipe Reynaud, Thiago Galvão.
2003, fic., Mini-DV, RJ, 18 min.

E ainda:cenários virtuais como VJ Paulo China, do Coletivo Azoia Leb

a festa no final!

ANEXO C

FILMOGRAFIA MATE COM ANGU

Até julho de 2007

1 ANO E 1 DIA, de João Xavier, Antônio Amaral e Rafael da Costa.
Documentário que retrata a ocupação de terras em Nova Iguaçu por um grupo de pessoas que, após terem suas casas queimadas por cinco vezes, comemoram o período de 1 ano e 1 dia de resistência.
MiniDV - 20' - 2004 - RJ
Direção, Produção e Roteiro: João Xavier, Antônio Amaral e Rafael da Costa. / Montagem: Cacau / Fotografia: Rafael da Costa.
Prêmio Cara Liberdade, Mostra do Filme Livre 2005, no Centro Cultural Banco do Brasil.

CANÇÃO DOS OPRIMIDOS, de Pablo Cunha
Passional, engajado e poético. Este documentário apresenta-se como um nó, coeso por figuras de linguagem, que provocam inquietações, e uma surpreendente concepção sonora.
Prêmio de Melhor Concepção Sonora – Festival Internacional de Cinema de Arquivo / RECINE 2004.
MiniDV - 7' - 2004 - RJ

ACORDA! , de Igor Barradas
Uma insônia erótica e agoniante faz com que Dado decida pôr fim de uma vez por todas à sua inércia em relação ao que tem que ser dito e ao que tem que ser feito.
Direção e Roteiro: Igor Barradas. Direção de produção: Thiago Henriques e Fátima Lima. Produção: Cineclube Mate Com Angu. Co-produção Cabra Bom. Direção de Fotografia Jansen Raveira. Som: Paulo Filipe. Montagem: Igor Cabral. Direção de Arte: Elaine Olinda. Figurinos Rose Oliveira. Design: NAD1.
Elenco: Odécio Antônio, Maíra Furtado, Claudete Farias.
RJ, 2005, MiniDV, 17'

LÁ NO FIM DO MUNDO, um filme Mate Com Angu

A jornada de um homem rumo. Sobre CPF e Capa Preta. Um filme catástrofe épico em curta-metragem. Um documentário-mentira. Dallas City na veia. Uma singela demonização das grandes corporações de comunicação deste país. Produção de Set: Bia Pimenta, Flávia Oliveira e Sabrina Bitencourt. Imagens: Igor Barradas, Marcio Bertoni, Igor Cabral e Rafael da Costa. Som: Mic Shure. Trilha Sonora: Indústrias Purpose, Marcelo Peregrino e Manoel Filho. Concepção e Trama: Igor Barradas. Estrelando HB e DMC.

Produção Mate Com Angu - Co-produção: Cabra Bom Filmes.

Duque de Caxias, 19min. HI-8 Digital.

MELHOR QUE UM POEMA, de Cacau Amaral

O documentário retrata a trajetória de jovens, moradores de periferias, que não têm acesso à cultura e ao lazer, e enxergam no hip hop a única opção de garantir esse acesso.

Direção: Cacau Amaral. Produção: Heloísa Rodrigues. Imagens: Maurício e Nem. Som direto: DMC. Pesquisa: João Xavier, Cacau Amaral e Heloísa Rodrigues. Edição: Rafael da Costa e Cacau Amaral. Finalização: Rafael da Costa

2005/2006 - 15 min - MiniDV.

A ESTRADA, de Márcio Bertoni

Um filme saboroso e intencional, sobre Amor, poesia e amizade (com um toque de salsa desidratada)...

Elenco: Igor Barradas, Bia Pimenta e Sabrina Bitencourt. Fotografia de Igor Cabral e edição de Rafael Costa. Produção Mate Com Angu.

2006 – Digital.

HELLO, MORTO, de Sabrina Bitencourt

Vivo, Morto, Morto, Vivo...

RJ - 2005 - 1min

PREFÁCIO, de Fabíola Trinca, Igor Cabral, Sabrina Bitencourt
Livro aberto: o princípio explorado pelo contato.
2006 - 6 min

DINHEIRO FÁCIL, de Fabíola Trinca
Vista panorâmica do sistema de empréstimo e da trajetória de alguns entregadores de papel em meio ao caos das ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro.
2007 - 9 min

AS AVENTURAS DO AGENTE 77, de Cacau Amaral
Desenho animado.
2007 - 3 min

SUBURBANA, clip de João Xavi dirigido por Rafael da Costa
Clipe da nova música do rapper, e integrante do Mate, João Xavi.
2007 - 5 min

ANEXO D

ASSOCIAÇÃO DE CINECLUBES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – ASCINE RJ

Cineclubes filiados por periodicidade e região

Município do Rio de Janeiro (Centro)

Cineclube Beco do Rato

Semanal - quintas-feiras

Rua Morais e Vale, beco – Lapa – Rio de Janeiro

Entrada Franca

Cineclube Terra Brasilis

Mensal - última quinta-feira

Cinemateca do MAM: Av. Infante Dom Henrique, 85 – Parque do Flamengo – Rio de Janeiro

Entrada franca

Cachaça Cinema Clube

Mensal - quarta-feira

Cinema Odeon: Praça Floriano, 7 – Centro – Rio de Janeiro

R$ 10,00 (inteira); R$ 5,00 (meia)

CINESIND

Mensal - quarta-feira

Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro Rua Evaristo da Veiga, 16 / 17º. Andar – Centro – Rio de Janeiro

Entrada Franca

Cineclube S.O.M. – Seres Operando Matéria

Mensal - quarta-feira

Rua Joaquim Silva, 71 – Lapa – Rio de Janeiro

Entrada Franca

Município do Rio de Janeiro (Zona Sul)

Cineclube ABDeC-RJ

Semanal - sábados

Auditório da Fundação Casa de Rui Barbosa / MinC: Rua São Clemente, 134 – Botafogo – Rio de Janeiro

Entrada Franca

Espaço Utopya

Mensal - terceira sexta-feira

Tempo Glauber: Rua Sorocaba, 190 – Botafogo – Rio de Janeiro

Entrada Franca

Cineclube Curta o Curta

Mensal - primeira sexta-feira

Ateliê da Imagem: Rua Av. Pasteur, 453 – Urca – Rio de Janeiro

Entrada franca

Município do Rio de Janeiro (Zona Norte)

Cineclube Tijuca

Semanal - quarta-feira

Sala de vídeo do SESC Tijuca: Rua Barão de Mesquita, 539 – Tijuca – Rio de Janeiro.

Entrada Franca

Cineclube Phobus

Quinzenal - sábado

Sala de vídeo do SESC Tijuca: Rua Barão de Mesquita, 539 – Tijuca – Rio de Janeiro.

Entrada Franca

Cine Sobrado Cultural

Quinzenal - quarta-feira

Sobrado Cultural: Rua Gonzaga Bastos, 312 – Vila Isabel – Rio de Janeiro

Entrada franca

Cineclube Infantil

Semanal - domingos

Cineclube SESC Ramos: 2º andar – Rua Teixeira Franco, 38 – Ramos – Rio de Janeiro.

Entrada Franca

Cinedebate

Mensal - primeira sexta-feira

Cineclube SESC Ramos: 2º andar – Rua Teixeira Franco, 38 – Ramos – Rio de Janeiro.

Entrada Franca

Sua Escola no Cineclube

Mensal - quinta-feira

Cineclube SESC Ramos: 2º andar – Rua Teixeira Franco, 38 – Ramos – Rio de Janeiro.

Entrada Franca

Município de Niterói

Nictheroy Cine clube

Mensal - segunda sexta-feira

Cine Arte UFF: Rua Miguel de Frias, 9 – Icaraí – Niterói

Entrada Franca

CINEOLHO

Mensal - sábado

Museu de Arte Contemporânea: Mirante da Boa Viagem, s/nº – Niterói

Entrada Franca

Município de Nova Iguaçu

Cineclube Buraco do Getúlio

Mensal - segunda segunda-feira

Bar do Ananias: Rua Floresta Miranda, 48 – Centro – Nova Iguaçu

Entrada Franca

Município de Duque de Caxias

Cineclube Mate com Angu

Mensal - última quarta-feira

Sociedade Artística e Musical Lira de Ouro: Rua Sebastião de Oliveira, 72 – Centro – Duque de Caxias.

Entrada Franca

Município de Nilópolis

Cineclube Ankito

Mensal - quinta-feira

CEFET Química de Nilópolis: Rua Lúcio Tavares, 1045 – Nova Cidade – Nilópolis.

Entrada Franca

Cineclubes que voltaram à atividade a partir de Julho de 2007

Cineclube Sem Tela: Duas vezes por semana / Bairro da Maré

Cineclube Outros Tempos: Niterói

REFERÊNCIAS

Livros e Artigos

ABRAMO, Helena Wendel. e **BRANCO**, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional.* São Paulo. Instituto cidadania: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALBERTII, Verena. *Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral. Rio de janeiro*. CPDOC, 2004. Trabalho apresentado na XIIIth Internacional Oral History Congerence "Memory and globalization". Rome, Italy, 23-26 de 2004.

_____ *Ouvir e Contar*. Textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____ *Histórias dentro da história*. Em: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

ARIZPE, Lourdes. *As Dimensões culturais da transformação global: uma abordagem antropológica*: UNESCO, 2002.

ALVIM, Rosilene e **GOUVEIA**, Patrícia (orgs). *Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BAUMAN, Zigmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____ *Globalização. As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

BUTRUCE, Débora. "Cineclubismo no Brasil. Esboço de uma história". Em *Imagem em Movimento. Acervo*. *Revista do Arquivo Nacional*. V. 16 n 01 jan/jun, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia**.** *Consumidores e cidadãos: conflitos culturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

_____ *Culturas Híbridas.* São Paulo: EDUSP,1997.

_____ *A Globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____ e outros. *Políticas culturais para o desenvolvimento*: *uma base de dados para a cultura*: UNESCO/ IPEA/ SEBRAE/ CCBB/ IBGE, 2003.

CARRANO, Paulo e outros. *Juventude Brasileira e Democracia – participação, esferas e políticas públicas – relatório final*: IBASE e Polis, 2005.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *Cidadania no Brasil. O longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CHILLÀN, Yuri. "Morfologia e Cenários das Políticas Públicas para a Juventude. Uma leitura com base no perfil regional e na expectativa latino-americana". Em: THOMPSON, Andrés A. (org.). *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo. Peirópolis, 2005

CUCHE, Denys - *A noção de cultura nas ciências sociais.* Lisboa: Fim de Século, 2003.

CUÉLLAR, Javier Pérez de. *Nossa diversidade criadora: relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento*: UNESCO e Papirus, 1997.

CUNHA, Newton. *Dicionário SESC: a linguagem da cultura*. São Paulo. Perspectiva: SESC São Paulo, 2003.

D'ARAUJO, Maria Celina. *Capital Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DAGNINO, Evelina. "Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania". Em: DAGNINO, Evelina, *Anos 90. Política e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ELIAS, Norbert. "Da Sociogênese dos conceitos de civilização e cultura". Em: *O Processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FARIA, Hamilton e **GARCIA**, Pedro (Orgs.). *O Reencantamento do mundo: arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário*. São Paulo: Pólis, 2002.

FREITAS, Maria Virgínia. "A formação de redes: a experiência da Ação educativa". Em: NOVAES, Regina e outros. *Juventude, Cultura e Cidadania*. Rio de Janeiro: ISER, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

GOMES, Ângela de Castro. "A guardiã da memória". *Acervo – Revista do Arquivo Nacional.* Rio de Janeiro, v. 9, número ½ p. 17-30, jan./dez. 1996.

HALL, Stuart. "Quem precisa de identidade?" Em: SILVA, Tomaz Tadeu da*. Identidade e Diferença - a perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____ *Identidades Culturais na Pós-modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JOBIN e SOUZA, Solange (org.) Mosaico*. Imagens do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2000.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papiros, 1996.

KEHL, Maria Rita. "A juventude como sintoma da cultura". Em: NOVAES, Regina e VANNUCHI. *Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação Cultura e Participação.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

NOVAES, Regina Reyes. *Juventude: conflito e solidariedade*. Rio de Janeiro. ISER. Comunicações do ISER 50, 1998.

_____ e **MELLO**, Cecília Campelo do A. *Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos.* Rio de Janeiro. ISER. Comunicações do ISER 57, 2002.

_____ e **PORTO**, Marta; **HENRIQUES** Ricardo (orgs). *Juventude, Cultura e Cidadania*. Rio de Janeiro: UNESCO e ISER, 2002.

_____e **VANNUCHI**, Paulo. *Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2004.

_____ e **VITAL**, Christina. "A Juventude de hoje: (re) invenções da participação social". Em: *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo: Peirópolis, 2005.

PORTO, Marta. "A Fama x os normais: ajustes sociais no mundo das celebridades". Em: *Dez anos depois: como vai você Rio de Janeiro?.* Rio de Janeiro: IETS, 2003.

PIOVESAN, Flávia. "Construindo a democracia: prática cultural, direitos sociais e cidadania". Em *Cultura, Política e Direitos*. Rio de Janeiro: UNESCO/SESC RJ/FAPERJ, 2002.

PINSKY, Jaime e **PINSKY**, Carla Bassanezi (orgs). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol.2, número 3, 1989.

_____. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, número 10, 1992.

QUIROGA, Ana Maria. "A cidadania como indicador social". Em: *Juventude, Cultura e Cidadania*. Rio de Janeiro. NOVAES, Regina Reyes e outros: UNESCO/ ISER, 2002.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.* São Paulo: USP, 2002.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.* Rio de Janeiro: Record, 2001

SUSSUNA, Ariano. *Iniciação à Estética*. Rio de Janeiro José Olympio, 2007.

THOMPSON, Andrés A. (org.). *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo: Peirópolis, 2005

UNESCO. *Informe Mundial sobre Cultura*. Rio de Janeiro. Moderna. 2003

WOORDWARD, Kathryn. "Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual". Em: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença - a perspectiva dos Estudos Culturais.* Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

YÚDICE, George. *A Conveniência da Cultura: usos da cultura* na era global. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SÍTIOS CONSULTADOS

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **www.ibge.org.br**
Prefeitura de Duque de Caxias: **www.duquedecaxias.rj.gov.br/** e **www.cmdc.rj.gov.br**
Conselho Nacional de Cinema: **www.ancine.gov.br**
Conselho Nacional de Cineclubes do Brasil e Associação de Cineclubes: **www.utopia.com.br/cineclube**
Programa Cultura Viva do Ministério da cultura: **www.cultura.gov.br**
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico: **www.cnpq.br**

Cultura Hip Hop. Alessandro Buzo (escritor): **www.suburbanoconvicto.blogger.com.br**

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura: **www.unesco.org.br**

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: **www.ipea.org.br**

Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas: **www.cpdoc.fgv.br**